

Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Educação
Área de Metodologia de Ensino

Pertencimento Étnico-Racial e Ensino de História

Paulo Sérgio de Andrade

São Carlos
2006

Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Educação
Área de Metodologia de Ensino

Pertencimento Étnico-Racial e Ensino de História

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação. Orientadora: Prof^a. Dr^a Petronilha B.Gonçalves e Silva

São Carlos

2006

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

A553pe

Andrade, Paulo Sérgio de.
Pertencimento étnico-racial e ensino de História / Paulo
Sérgio de Andrade. -- São Carlos : UFSCar, 2006.
167 p.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São
Carlos, 2006.

1. Ensino de história. 2. Pertencimento étnico-racial. 3.
Estudantes negros. I. Título.

CDD: 372.89 (20ª)

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva

Profª Drª Cláudia Raimundo Reyes

Prof. Dr. Moacir Gigante

Prof. Dr. Henrique Cunha Júnior

Petronilha B. G. S. e Silva

Cláudia Reyes

Moacir Gigante

Henrique C. J.

Dedicatória

Dedico este trabalho a ALÁ, à minha mãe Maria à meu pai Antonio, às irmãs: Alda e Fátima, a meu irmão: Fernando. A eterna lembrança de meus irmãos: Adriana e Antonio, de meus avós maternos: Maria Joana e José Francisco, e avós paternos: Maria Inês e Joaquim Andrade, e de meus ancestrais africanos e afro-brasileiros.

**Projeto de pesquisa desenvolvido em parceria ao (NEAB):
Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da (UFSCar). E ao Grupo de
Pesquisas: Práticas Sociais e Processos Educativos.**

Agradecimentos

São muitas as pessoas que contribuíram para realização deste trabalho, cada uma com sua importância algumas menos outros mais, mas todos com suas contribuições que se fazem presente nesta história a qual aqui se escreve, é com alegria que relembro algumas destas pessoas que fizeram e fazem parte nesta minha história de vida:

- ✓ à meu pai Antonio Andrade e minha mãe Maria Aparecida que estiveram presentes apoiando-me incentivando durante toda essa minha caminhada.
- ✓ à meus irmãos Fernando, Alda e Fátima, pelo incentivo.
- ✓ aos meus cunhados(a), Valter, Romildo e Aline.
- ✓ aos sobrinhos Jhoni e Maeli.
- ✓ à professora e orientadora Petronilha, pela paciência, orientação, amizade e incentivo.
- ✓ as amigas(os) Valéria, Andréa, Vanessa, Regina, Solange, Glória, Engels, Cristiano, Alessandro, Júlio, Osvaldo, César.
- ✓ à Keiti, Tatiane, Rodrigo e Mayco, que me deram a oportunidade da realização deste trabalho com as suas ricas contribuições como participantes diretos deste trabalho de pesquisa.
- ✓ aos alunos e alunas, professores, professoras e coordenadores do Projeto Ação Cultural Palmares.
- ✓ ao Ayslan e Elvis que ajudaram na digitação deste trabalho.
- ✓ à Eveli, Maria Helena, Rafael, Pamela, Ricardo Reyes.
- ✓ aos estagiários(as) Josiane, Wellington, Paulo Henrique
- ✓ à Dúnia, Marcela, Viviane, Priscila e Roberta.
- ✓ a Moacir Gigante, Henrique Cunha, e Cláudia Reyes, membros da banca do meu exame de qualificação e defesa, pelas valiosas sugestões que me permitiram realizar esse trabalho.

- ✓ ao Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro (NEAB) UFSCar que proporcionou muitas contribuições através de materiais e discussões com colegas de grupo de estudos.
- ✓ à CAPES pelo apoio financeiro, que contribuiu para realização deste trabalho.

A todos que se fizeram presentes neste trabalho, e em minha vida fiquem com o melhor abraço do Paulo.

RESUMO

Esta pesquisa está relacionada às influências do Ensino de História na construção do pertencimento étnico-racial e nas relações entre negros e brancos. Teve como participantes quatro ex-alunos afro-descendentes de um projeto de Ação Afirmativa, realizado na cidade de São Carlos-SP, que visava preparar estudantes para o exame vestibular. Esta pesquisa foi realizada, orientando-se pela seguinte questão de pesquisa: O ensino de História contribui para afirmação/negação ao pertencimento racial de estudantes negros e carentes em cursinho pré-vestibular?

O estudo parte de observações feitas pelo pesquisador, responsável pelas disciplinas de História e Geografia nesse projeto. E teve por objetivos de verificar se o Ensino de História interfere na auto-estima e identidade de alunos afro-descendentes, levando-os a não aceitação de seu pertencimento étnico-racial, o que é reproduzido na sociedade. Realizou-se conversas sistemáticas com duas ex-alunas e dois ex-alunos, estudantes do projeto de ação afirmativa, que se desenvolveu no período entre 2002 e 2003, com recursos da Fundação Ford, vinculado ao Departamento de Física da USP, campus São Carlos - São Paulo, com o objetivo de facilitar o acesso e permanência de alunos negros e carentes na Universidade Pública, e de rebater situações de preconceitos, discriminações e racismo fortalecidos por ideologias que se fazem presente ao longo do fazer histórico brasileiro.

Constatou-se que com a integração dos jovens ao projeto em pauta, houve favorecimento para que estes assumissem o pertencimento étnico-racial com o qual se identificavam, sentindo-se fortalecidos quando identificaram-se como negros. Passaram a rebater atitudes racistas, discriminatórias sofridas no cotidiano, tiveram ainda o favorecimento da auto-estima, identidade, a partir do momento que se reconheceram fazedores de culturas e agentes ativos no fazer da História, da História brasileira.

Palavras chave: Pertencimento Étnico-Racial - Ensino de História - Alunos negros.

ABSTRACT

This research is related to the influence of Teaching of History to build the sense of embrace their ethnic-racial roots and the relation between blacks and whites. It has participated in this research four former black students of an Affirmative Action project who took place in the city of Sao Carlos, state of Sao Paulo, which aimed to prepare students to College admission exams. This research was performed and guided by the following research inquiry: Does the teaching of History contribute to the affirmation/denial to the ethnic-racial feeling of poor black students in the college admission courses?

The study takes off from the observations made by the researcher in charge for the subjects of History and Geography in this project. He aimed to verify whether the teaching of History interferes in the self esteem and identity of afro-descendants students, leading them to the feeling of denying their own ethnic racial roots, which is fabricated in the society. Systematic talks with two former female students and two male students were conducted – involved in the Affirmative action project that was developed in the period of 2002 and 2003, sponsored by Fundação Ford and attached to Department of Physics of USP, campus Sao Carlos – Sao Paulo, aiming to facilitate the access and permanence of poor black students at the public university. It also aimed to strike back situations of prejudice, discrimination and racism such ideas reinforced by ideologies still present along the years in Brazil.

The findings showed that the integration of the researched students favored them to embrace the feeling of ethnic and racial roots to what they were alike, when they identify themselves as afro-descendants. These students dealt with racist attitudes and discriminations in their routine. However, they got their self esteem and identity favored by the time they recognized themselves as “culture makers” and active agents in the scenery of the Brazilian history.

Key Words: Embrace Ethnic-Racial Identity - Teaching of History - Black Students

SUMÁRIO

Introdução -----	1
Capítulo I	
Da experiência enquanto aluno e professor de História à questão de pesquisa e ao processo de pesquisar -----	8
-Experiência enquanto aluno no ensino fundamental, médio universitário-----	8
-A experiência enquanto professor no ensino fundamental e médio-----	12
-Experiência enquanto professor do Projeto Ação Cultural Palmares a viagem de estudos que revelou as raízes da problemática do pertencimento étnico-racial-----	19
-Os caminhos da pesquisa-----	30
Capítulo II	
Referências teóricas I -----	37
Identidade e Diferença construídos pela inferiorização edificados nas Desigualdades -----	37
-As Raízes do Pertencimento Racial estão nos intercâmbios das Culturas -----	37
-O Pertencimento Racial para além dos limites da Identidade e das Diferenças---	48
-Da Ideologia do Branqueamento e Mito da Democracia Racial à Exclusão Social e Negação do Pertencimento Racial de Negros -----	58
Referências Teóricas II -----	65
O pertencimento racial no ensino de História -----	65
-A concepção de História adotada na pesquisa-----	65
-Ensino de História no Brasil-----	69
-O ensino de História na perspectiva dos Parâmetros Curriculares Nacionais---	74
-Uma Nova Perspectiva para O Ensino de História a partir das: Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana-----	77
Capítulo III.	
O Pertencimento racial a partir das relações cotidianas: Família, Escola e Sociedade -----	81
-A Discriminação racial e social-----	82

-Escola e Projeto Ação Cultural Palmares----- 105

-História e Ensino de História----- 119

Capitulo IV

O Pertencimento Racial se Constrói em Meio as Constantes Tensões Históricas----- 136

O pertencimento racial nas relações interpessoais..... 144

-Referências Bibliográficas ----- 157

-Anexo I ----- 162

-Anexo II----- 166

-Anexo III----- 167

INTRODUÇÃO

Sendo negro, professor de História e pesquisador, fico indignado com as dificuldades que perpassam as relações étnico-raciais existentes entre negros e brancos, que se dão tensamente ao longo da História do Brasil. Preocupado particularmente com as dificuldades que os negros enfrentam diante do seu pertencimento étnico-racial, de descendentes de africanos, questões que permeiam no meu cotidiano, busco com esta discussão abordar indagações que me acompanham ao longo de minha vida.

É a partir destas inquietações que, ao longo do primeiro capítulo do presente trabalho apresento a problemática que passa no relato de minha experiência de aluno do ensino fundamental ao ensino superior, que me fazia ter muitas indagações acerca do meu pertencimento étnico-racial, por conta de presenciar manifestações discriminatórias cotidianamente.

Essas atitudes sempre levaram-me a questionar se a minha origem étnico-racial de afro-descendente era de nível inferior a dos brancos. Tais inquietações sempre estiveram ligadas diretamente à aceitação ou não de meu pertencimento racial, de minha identidade de afro-descendente revelada em meu fenótipo¹ de cabelos crespos e em minha cor de pele negra, que há quem classifique como parda.

Os questionamentos que levanto ao longo deste trabalho decorrem do fato que grande parte da população afro-descendente pactue-se aos credos, impostos pelos grupos que tem o poder de dominar, predominando assim uma visão de mundo eurocêntrica para nossa sociedade. Ou seja, uma visão centrada nos credos religiosos, políticos e culturais oriundos de um padrão europeu de sociedade. Tal fato se sustenta ao longo da História, e tem seus reflexos em todos os setores da sociedade, aparece, como não poderia deixar de ser, também no ensino de História. Ensino este que apresenta a História do

¹ Fenótipo: “A aparência visível ou mensurável de um organismo quanto a um ou mais traços...A aparência externa dos humanos quanto a cor da pele, tipo de cabelo, estrutura óssea etc.” Cashmore, Ellis. Dicionário de Relações étnicas e raciais / , Ellis Cashmore com Michel banton...[et.al.] ; [tradução : Dinah Kleve]. – São Paulo: Sumurus 2000.

homem branco europeu como se fora de maior valor que a dos africanos e indígenas, além de tentar fazer acreditar que estes não têm e não fazem História.

Foi a partir de muitas reflexões, como professor, que me dei conta que as situações discriminatórias preconceituosas ainda continuam afetando os alunos afro-descendentes na escola, na família, e em todos os setores da sociedade brasileira. Na minha experiência enquanto professor da rede pública estadual de ensino tive a confirmação que o problema do racismo, preconceito, discriminação racial continua. Tal fato foi confirmado em textos produzidos por alunos, ao término da aula, sobre o tema “A Escravidão Negra no Brasil”. A leitura de tais textos fazem ecoar a dor do preconceito racial no Brasil, que chega até a matar por conta da intolerância existente na sociedade.

Cabe dizer que a experiência acima relatada se deu logo no início de meu exercício profissional. Sendo negro e mesmo não tendo conhecimento sobre como discutir relações étnico-raciais, por não ter essa oportunidade.

É relevante salientar que mesmo enquanto homem negro que passou por todos os níveis de formação escolar, descobri que crianças e jovens negros continuam sofrendo nas aulas de História. Tinha conhecimento da dificuldade existente para tratar das relações étnico-raciais, mas nem por isso silenciava acerca das observações por mim feitas, principalmente, em sala-de-aula enquanto professor que tinha consciência que era preciso haver mudança na sociedade.

Atentei-me da urgência e da necessidade de serem estudadas com maior profundidade com o intuito de superação do preconceito reforçado na escola pelo silêncio ou pela conivência de professores com a falta de tratamento de tão importante questão. Mais tarde, em minha experiência enquanto professor no ensino de Geografia, no Projeto Ação Cultural Palmares², ministrei aulas em parceria com um professor responsável pelo ensino de História. Tal experiência fez-me confirmar das mesmas indagações acerca de qual seria o valor dos afro-descendentes para a sociedade brasileira.

² Ação Cultural Palmares, “Programa de Ação Integrada”, financiado pelos recursos da Fundação Ford.

Sabedor de que este projeto tinha propósitos de favorecer a entrada de alunos negros em universidades públicas, e que estes haviam sido selecionados a partir de sua origem étnica de negro, cheguei, a sala-de-aula, entusiasmado com a possibilidade de discussão sobre relações étnico-raciais.

Em se tratando do ensino de Geografia e História no projeto Palmares, julgo que essa experiência foi extremamente importante para a compreensão de como se dá o pertencimento étnico-racial de alunos negros que se mostraram fortemente influenciados pelas relações étnico-raciais tensas no Brasil.

Os alunos do projeto Palmares em vários momentos em sala-de-aula, em confraternização de alunos e professores e, principalmente, em uma viagem de estudos que fizemos para Parati-RJ, o convívio entre aluno-aluno e alunos-professores, nesta excursão de estudos, levou-me a redirecionar meu trabalho de pesquisa de mestrado para a perspectiva do pertencimento étnico-racial.

Ocorreu desinteresse dos alunos quando os professores trabalharam sobre a temática racial durante esta viagem e também durante as aulas, algumas “brincadeiras” que aconteciam levou-me a observar dentro do próprio grupo de alunos afro-descendentes, composto por pessoas com diferentes tons de pele, que os mais claros, os pardos, tiveram problemas, pois eram vistos pelos negros com o tom de pele mais escuras como brancos.

Estes mesmos estudantes que questionavam os colegas de tom de pele mais clara argumentavam que eles não deveriam estar ali. Nesta problemática observei que os atos desses alunos decorrem de relações difíceis entre negros que são as pessoas de cor preta e parda na relação com os brancos.

No segundo capítulo, discorro sobre as referências teóricas que foram construídas em torno de dois eixos, ou seja, o pertencimento étnico-racial e a História e seu ensino. Neste tópico discuto como se fortaleceu ao longo da História, a valorização de uma única perspectiva cultural, que se apresenta como superior e que toma como referência a visão de cultura dos grupos de raiz européia que estiveram no poder e que comandavam de alguma maneira política, social e religiosamente os grupos por eles dominados.

Buscando mostrar que não vivemos sob uma única perspectiva cultural, discuto os efeitos dessa ideologia ao grupo dos afro-descendentes na diáspora e dos africanos na África, os quais sofrem em consequência da idéia veiculada da existência de cultura superior e de outras inferiores, entre elas a de raiz africana. Trato de compreensões do que seja cultura em uma sociedade pluricultural, multi-racial, interétnica.

Ainda no segundo capítulo faço uma discussão sobre a tentativa, ao longo do processo de colonização, de absorver as diferenças de culturas, das diversas identidades existentes no Brasil, tenta-se fazer que a História e a cultura dos brancos europeus sobressaiam sobre as demais, desprezando-as em prol de uma cultura homogênea e para isso tentam aniquilar as diferenças.

Conseqüentemente tais questões influenciam hoje na aceitação ou não do sentimento de pertença positiva de afro-descendentes, daí o interesse por uma discussão que passe pela História, no que cerne questões ligadas à cultura, identidade, diferença e principalmente o pertencimento étnico-racial, que é importante não somente para negros, mas também aos não negros.

É sob todo esse horizonte complexo que passa pela discussão do intercâmbio de culturas do que se pode ou não trazer de positivo os aspectos de nossas identidades e diferenças que se dão ao longo da História.

Pelos discursos oficiais na atualidade, principalmente no final do século XX, surgiram propostas para educação brasileira que fazem referência à pluralidade cultural existente no Brasil, que faz menção a romper com a identidade nacional, que é debatida ao longo desse capítulo e que também está intimamente ligada ao que denominamos de “Ideologia do Branqueamento” e o “Mito da Democracia Racial”.

Ideologias estas, forjadas no final do século XIX e início do século XX, e que têm influência, ainda hoje, na sociedade, pois influenciam nas relações étnico-raciais, com a tentativa de acreditar que vive-se em uma sociedade harmônica. Tais sistemas de idéias são veiculados pelo mito da democracia racial.

Dito isto, destaco que o segundo capítulo do trabalho de pesquisa esta dividido em referências teóricas I e II, onde é apresentado a concepção de História adotada neste trabalho que tem por base a História Nova, discorro a partir de sua origem que tem como marco a revista dos Annales publicada em 1929, ressalto também que a concepção marxista e a positivista de História, não são por mim adotadas no trabalho, mas faço uso destas já que estas favorecem a compreensão do pertencimento racial de negros, no que tange a problemática das tensas relações étnico-raciais brasileiras.

É importante destacar que a História Nova vai além da concepção marxista de História que tem como base as relações das classes sociais e da positivista centrada em uma História linear, factual de heróis, ao dizer que todos fazem História. Com isso penso surgir a possibilidade de superação do eurocentrismo presente na História e em seu ensino praticado no Brasil, que é fortemente presente neste estudo que busca a compreensão de como se dá o pertencimento racial de negros a partir da História e de seu ensino.

Faço ainda nesse capítulo uma discussão alertando para o risco de um ensino de História, preso a uma visão positivista, que se dá de forma linear, causal, evolutiva, política, dos vencedores, dos heróis, perspectiva esta que vivenciei ao longo de meus estudos.

Apresento ainda a necessidade e a urgência de um ensino de História que avance a essa perspectiva que por si só já exclui do fazer histórico pessoas comuns, que acaba sendo ainda mais severa com os africanos e afro-descendentes, que tem a partir do que se aprende no ensino dessa disciplina a destruição de sua humanidade, tendo assim sua identidade negra prejudicada por conta da omissão historiográfica, que valoriza a identidade do homem branco como positiva e a identidade do negro como negativa, os deixando invisíveis como se não tivessem História. Discuto ao término do segundo capítulo quais as contribuições que podem trazer ou não PCNs³ para o ensino de História, já que os

³ PCNs- Parâmetros Curriculares Nacionais: Secretaria de Educação Fundamental Parâmetros Curriculares Nacionais: 5ª a 8ª série, introdução. Brasília, 1998.

mesmos mencionam a necessidade de tratar na escola da perspectiva da pluralidade cultural que pode abrir as portas para a discussão das relações étnico-raciais, mesmo que esse documento não tenha mencionado essa perspectiva.

Cabe dizer que em 2004 foram aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação as Diretrizes Curriculares para o Ensino de História e Cultura Africana. Nesse documento é apresentado que é preciso valorizar, divulgar e respeitar os processos históricos implementados pela resistência negra, tanto os que acontecem de formas individuais até as coletivas.

Essas propostas que surgem, propõem o rompimento com o ensino de História que vem sendo criticado desde o início desse trabalho de pesquisa, pois com sua implantação têm-se possibilidades de rompimento com as teorias racistas, que ainda, em pleno século XXI, permeiam o ensino da disciplina de História e mesmo de outras áreas de conhecimento.

É interessante observar que essas Diretrizes Curriculares não é a solução definitiva para a superação das ideologias que desfavorecem a aceitação do pertencimento étnico-racial de afro-descendentes por não romperem com a visão eurocêntrica de sociedade.

Porém é relevante ressaltar que tais Diretrizes podem não ser a solução definitiva, mas, me faz acreditar que possa servir como mais uma frente na luta contra as discriminações, racismo, que muitas vezes são reafirmados em currículos e conteúdos escolares, que só beneficiam os interesses dos grupos que sempre estiveram no poder, cuja maioria são descendentes da etnia branca européia que não representam os povos indígenas, africanos e seus descendentes da diáspora.

No terceiro capítulo do trabalho apresento a análise compreensiva de processos de construção do pertencimento étnico-racial dos jovens negros participantes da pesquisa, cabe dizer que foi realizado a divisão da análise em três dimensões: A discriminação racial e social, escola e projeto Ação Cultural Palmares e, História e ensino de

História. Encerrando o trabalho de pesquisa, no quarto capítulo é feita a discussão dos dados coletados com as referências por mim estudadas durante o processo de pesquisa.

CAPÍTULO I

DA EXPERIÊNCIA ENQUANTO ALUNO E PROFESSOR DE HISTÓRIA À QUESTÃO DE PESQUISA E AO PROCESSO DE PESQUISAR

- Experiência enquanto aluno no ensino fundamental, médio e universitário

Preocupado particularmente com a questão do pertencimento racial na perspectiva da pluralidade cultural, permeiam no meu cotidiano, indagações que me acompanham ao longo de minha vida. Em vários momentos vivenciei e observei na trajetória social, familiar e escolar, olhares dirigidos a mim e atitudes depreciativas que muitas vezes apareciam na escola, manifestadas na postura de professores e “*colegas*” de sala de aula. É importante salientar que tal situação era percebida principalmente no ensino da disciplina de História, quando estudante no ensino fundamental, ensino médio, e mesmo no ensino universitário.

Ao longo de minha vida de estudante, do ensino fundamental ao superior, em todos esses níveis de estudo, observei atitudes de professores e de colegas para comigo e também para com outros alunos da mesma origem étnico-racial que a minha, o que levava-me a indagar qual era minha cor negra, preta, parda ou morena, o negro seria mesmo inferior, eu seria bonito ou feio, afinal eu não correspondia ao modelo tido como ideal, que era o branco de olhos claros, cabelos lisos. Perguntava-me, além do sofrimento pelo qual passou e passa, nada de positivo a minha raça trouxe para o Brasil.

É fato que essas questões estão ligadas diretamente na aceitação ou não de meu pertencimento étnico-racial, de minha identidade de afro-descendente revelado em meu fenótipo de cabelos crespos e em minha cor de pele negra.

Hoje, aceito-me como afro-descendente, pois tenho esclarecido que o meu pertencimento racial é de negro, hoje tenho também um compromisso político enquanto cidadão e ainda mais, enquanto professor que faz uso de minha experiência vivida na escola como aluno e que hoje consciente do quanto ainda é presente na sociedade às

relações informadas por preconceitos, racismos e discriminações contra os descendentes de africanos, que raramente são desconstruídas na escola.

Situação esta que influencia para que grande parte da população afro-descendente chegue a pactuar com credos, impostos pelas ideologias dominantes, com predominância em uma visão de mundo eurocêntrica de sociedade, centrada nos credos religiosos, políticos e culturais oriundos de um padrão europeu de sociedade.

É por conta desta situação que os afro-descendentes sofrem, ainda hoje, preconceito e discriminação, tanto em virtude de sua cor negra: preta ou parda, e também de suas crenças e valores oriundos da ancestralidade africana. Contrariamente ao que muitas pessoas pensam tais crenças e valores não se perderam em meio a múltiplas conspirações históricas, que buscaram aniquilá-los, com o propósito de inferiorizar os africanos e seus descendentes da diáspora no Brasil e pelo mundo.

Como se vê ideologias sustentadas, ao longo de nossa História, têm negado a existência do racismo e do preconceito sofrido pelo povo negro historicamente, levando os não negros a manterem as atitudes geradoras de inferiorização dos negros.

Diante disso minimizam dores e sofrimentos a que são submetidos os negros ao negar-se a discutir situações e relações que causam muito mais do que desconforto.

Alegam, os não negros na maioria das vezes, que o preconceito, discriminação e o racismo não existe, que é “*coisa da cabeça*” dos negros. As vezes dão a impressão de que entendem que os negros buscariam esconder incapacidade atrás da denúncia.

Julgo necessário dizer que sempre observei essa perspectiva, como único, no ensino de História em todos os níveis escolares pelos quais passei, na relação com professores, colegas de escola bem como na sociedade, em todos os âmbitos em que me relacionei, e com os quais ainda me relaciono.

Por exemplo, ao aprender sobre a escravidão, estudando História, os afro-descendentes negros são assaltados por um sentimento de dor, o que prejudica sua auto-

estima e identidade, leva a sentirem constrangimentos, diante do fato de serem descendentes de africanos escravizados.

É fato que a sociedade não compreende esta dor, nem mesmo respeita as declarações do povo negro. Desta forma acaba por reforçar ideologias de uma igualdade de oportunidades inexistente, que pelas leis em vigor deveria existir. É possível perceber que devido ao preconceito e racismo existentes tais direitos não são respeitados, e muitas vezes veicula-se a idéia de que a saída para superação de todos os problemas dos negros e de outros marginalizados de outras origens étnico-raciais e sociais, no Brasil, esta na sua ascensão econômica, o que dependeria unicamente de seus méritos intelectuais, de vontade e persistência. Desta forma a eles atribui-se a causa das precárias condições de vida que a sociedade lhes impõe.

Conseqüentemente, mesmo sem notarem, os próprios afro-descendentes negros são induzidos a reforçarem a manutenção da ideologia que omite sua participação no fazer da História da humanidade e do Brasil, isto pode ser constatado na historiografia oficial brasileira: O negro não existe como humano, inteligente, agente histórico, permanece na invisibilidade, embora constitua 45% da população brasileira. Conforme o Instituto Brasileiro Geografia e Estatística (IBGE).

Ao estudar a História oficialmente contada se constata que a invisibilidade do negro aparece em textos e outros documentos quando omitem a trajetória de africanos e afro-brasileiros no fazer histórico brasileiro. Mostrando sua participação na História apenas em determinados períodos, tais como: na exploração enquanto mão-de-obra escrava durante o período colonial e imperial, na empresa açucareira, nas atividades de mineração e também na cultura de café.

É importante dizer que essa narrativa histórica destaca a condição do negro enquanto escravo, aparecendo sempre como incapaz, sem cultura e outras atribuições inferiorizantes apresentadas pela História oficial. Por conta disso acontece durante as aulas de História, olhares e risos vexatórios, por parte dos não negros quando é tratada a temática Escravidão no Brasil, em que os negros africanos e os primeiros afro-brasileiros são

apresentados meramente como objeto ou como animal. Estes fatores influenciam na vida cotidiana da sociedade brasileira desde sua formação aos nossos dias.

Infelizmente essa visão é reforçada principalmente quando os professores e professoras talvez por ignorância, preconceito, ou mesmo incompetência, trabalham a temática da escravidão de maneira desvirtuada e maléfica guiada pelos estereótipos que não favorece os negros, pois lhe omitem uma identidade racial e isto prejudica sua autoestima e fortalece valores ligados aos interesses políticos das elites dominantes que tem fundamentação em perspectivas culturais européia.

Sabe-se hoje por meio de vários estudos como de Nikitiuk (1996), Cruz (1996) e Oliveira (2001) que, se a aula de História estiver limitada ao fato histórico apresentado pelos livros didáticos, sem outras perspectivas que retratem visões diversas daquele acontecimento da História, que na maioria das vezes se restringe à perspectiva dos interesses que excluem o povo negro, muito pouco estará sendo feito para contribuir com um Ensino de História que coloque os estudantes meninos e meninas, homens e mulheres como agentes ativos e partícipes do fazer histórico.

E nesse sentido fazendo uma reflexão a partir de minha história e de demais colegas de mesmo pertencimento étnico-racial, hoje professor afirmo que em várias situações vividas sentíamos confortados com falas de colegas que diziam não ver os negros como negros. O conforto dessas palavras refletiria por não termos referências positivas do povo negro no cotidiano e principalmente a partir do que se estudava de História.

Recordo-me de uma ocasião quando participava de uma palestra que tratava sobre relações étnico-raciais, ainda no período de minha graduação em História ao final dessa discussão fui recepcionado pelos colegas de turma com os dizeres, “não liga para o que esse rapaz disse, pois, você não é negro, você é moreninho!”, tais falas foram complementadas por outra pessoa com outra fala “você é negro, mas é muito legal. Eu gosto de você!”. O que se vê nessas falas aparece em “*A integração do negro na sociedade de classes*” em que Florestan Fernandes (1978) dizia ser estas atitudes o preconceito de ter preconceito.

Esses dizeres impregnados de racismo contra os negros, que são geradoras de idéias pré-concebidas contra esse grupo étnico, se desencadeiam de preconceitos e, conseqüentemente, em discriminação racial que é explícita, no Brasil. É importante destacar que a força dessas ideologias existentes é de uma manipulação tão bem tramada historicamente, que me servia de consolo e me fazia não querer assumir-me publicamente como negro. Hoje, sei que essas falas eram intermediadas por ideologias que ainda estão presentes nas relações professor-aluno, aluno-aluno e em outras relações na sociedade.

Já professor, dei conta que tal ideologia ainda continua afetando os alunos negros na escola, na família, e em todos os setores da sociedade brasileira. Cabe destacar que hoje o racismo é reconhecido pelo governo brasileiro que começa a partir de políticas de Estado a tentar combatê-las. Como por exemplo, a lei n. ° 10639, de 9 de janeiro de 2003, que altera a lei nº 9394/1996 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e institui a introdução da disciplina História e Cultura dos Afro-brasileiros nas escolas, juntamente com o Parecer CNE/CP 003/2004, que trata das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana.

A seguir, explico minha experiência de professor, que possibilitou-me fazer observações e relações com a minha História de estudante negro, que acabou encontrando em seus alunos negros, posturas e reações idênticas as minhas, vivenciadas no ensino de História.

- A experiência enquanto professor do ensino fundamental e médio

Diante das indagações levantadas ao longo de minha vida de estudante, na escola de nível fundamental, médio e no ensino superior, venho relatar algumas de minhas observações enquanto professor do ensino fundamental e médio na disciplina de História, na rede pública estadual de ensino, do Estado de São Paulo, na cidade de São Carlos juntamente à minha experiência como professor de Geografia, em um projeto denominado

Ação Cultural Palmares, “Programa de Ação Integrada”, financiado pelos recursos da Fundação Ford.

Esse curso pré-vestibular tinha como objetivos: aprimorar a formação de alunos afro-descendentes visando propiciar-lhes melhores chances de acesso à universidade pública de qualidade, buscando contribuir para a sua qualificação profissional e ampliação das relações entre universidade e comunidade para a construção de políticas de ações afirmativas⁴.

Primeiramente, dou o enfoque na minha experiência enquanto professor da rede pública estadual de ensino, quando em uma ocasião, trabalhando como substituto na disciplina de História no ano de 1998, depois de desenvolvida aula sobre a temática “A Escravidão Negra no Brasil” com alunas e alunos de 5ª séries do ensino fundamental, cuja idade era entre 10 a 11 anos, solicitei que ao término das aulas, estes produzissem um texto sobre o conteúdo estudado, que foram tão significativos que os guardei.

Hoje, já passado alguns anos, tenho submetido estes textos a outros professores negros e não negros, em exercício, que dizem encontrarem manifestações semelhantes feitas oralmente, ou por escrito, idênticas às encontradas no material produzido por aqueles alunos, o que reanima-me e leva-me a adentrar no horizonte de uma trama racial que se institui historicamente.

Foi, justamente, por saber que muitas perguntas que acompanhavam-me, ainda se fazem presentes no âmbito escolar e social, que atentei-me da urgência e da necessidade de serem estudadas com maior profundidade.

Os textos transcritos abaixo inquietam-me muito, pois tenho deparado com histórias de alunos e atitudes semelhantes às expressas abaixo, quando o tema estudado

⁴ Ações afirmativas: Política voltada reverter às tendências históricas que conferiram às minorias e às mulheres uma posição de desvantagem, particularmente nas áreas de educação e emprego. Ela visa ir além da tentativa de garantir igualdade de oportunidades individuais ao tornar crime a discriminação, e tem como principais beneficiários os membros de grupos que enfrentaram preconceitos. Cashmore, Ellis. Dicionário de Relações étnicas e raciais / , Ellis Cashmore com Michel banton...[et.al.] ; [tradução : Dinah Kleve]. – São Paulo: Sumurus 2000.

envolve a questão sobre o que é o ser “*negro*” ou “*afro-descendente*” na sociedade brasileira, na perspectiva do ensino de História. A seguir, coloco textos copiados na íntegra.

Texto-1 Aluno (F)

Eu nasci cendo meu pai negro e minha mãe Branca.
 Por isso eu sei que sou negro.
 Quase todos meus parentes são negros, mas a maioria são negros.
 Gosto de ser negro, mas só uma coisa me preocupa.
 Nossos antepassados foram tão castigados que uns até morriam, não era justo os brancos quase não gostavam.
 Mas branco ou negro só muda a cor todos é gente tem o mesmo sentimento.
 Igual ao primo de meu pai ele morreu porque era negro, a mãe da namorada dele matou ele com três tiros na costa e uma facada na cabeça.
 Por isso eu tenho medo de morrer.
 Eu sou contra a escravidão porque nossos antepassados quase 1000 negros morreram escravizados.
 Por favor, pesso, por favor, não mastrate os negros.

Texto-2 Aluna (K)

Eu Penso que preconceito é uma coisa idiota, eu antes tinha preconceito dos negro mas agora eu não tenho.
 Porque a minha mãe é morena desendente de negro e de índio. Quando eu era pequenina o meu vô vinha me pegar no colo eu ficava com nojo dele, só porque ele é moreno desendente de negro, agora eu não tenho mais nojo de negro.
 Eu acho que a escravidão é uma coisa que maltrata os negro que eles morrem, apanham, sofrem e ficam sem comer que absurdo.

Fica evidente no conteúdo desses dois textos, que os alunos têm a percepção de seu pertencimento étnico-racial, mas que de certa forma, se reflete neles a dura realidade da existência do preconceito, racismo e discriminação-racial, que está exposta a população negra.

Os textos apresentam o sentimento de dor das pessoas negras, e isso aparece explícito na fala do aluno negro que implora por respeito e dignidade, quando fala que tem medo de ser morto por ser negro, fato que aconteceu com um parente próximo. Tal fato demonstra que existe sim racismo e discriminação a negros no Brasil e que ele não é sutil, pois ele mata.

Emerge na fala da aluna a mudança de postura de uma afro-descendente quando se descobre ser negra, tal como ficou evidente em sua fala quando menciona que

tinha nojo de seu avô, mostrando o quanto é forte as ideologias que atingem os próprios negros.

O que acontece no discurso da garota é diferente do que narrou o aluno que relatou a morte física de um parente por conta do racismo, da discriminação, do preconceito existentes em nossa sociedade, mas não deixa de mostrar como as ideologias tentam aniquilar com a identidade étnico-cultural dos negros.

Não somente nesses dois textos, mas também na maioria dos produzidos pelos alunos dessa turma, fica evidente como a questão da aceitação do pertencimento étnico-racial pelo povo afro-descendente foi historicamente prejudicada e, mesmo ainda no final do século XX e limiar do XXI, procura-se aniquilar o assumir-se negro, apresentando os afro-descendentes como inferiores. Os trabalhos de Silva (1987), Nogueira, (1998), Oliveira (2001), Brito-(2003), Munanga (2004) tem revelado como se deu e ainda se dá a influência do não tratamento das relações étnico-raciais no Brasil.

Acredito ser agravante o fato de as crianças já crescerem fortemente influenciadas pelas ideologias de inferioridade do povo negro. Isso começa na família e chega à escola, onde dificilmente são combatidas, assim se mantém o círculo vicioso e a discriminação continua.

É importante dizer que esses relatos ilustram, com eloquência, parte do que vivi na escola pública, no tempo em que tinha a idade desses alunos, pois também não conseguia identificar-me como negro: sabia que não era branco, mas também não queria aceitar-me como negro; sentia-me como incapaz, pois os professores poupavam elogios a mim e a outros poucos alunos negros, companheiros de sala.

Nesse tempo, os estudantes negros nunca eram chamados para fazer algum tipo de trabalho para esses professores, todavia os não negros sempre eram chamados para apagar a lousa, buscar algo na secretaria, participarem de desfiles cívicos, recitais de poemas, em datas comemorativas, como dia das mães ou dos pais etc. É nesse universo que os negros sentem invisíveis, sem História, e conseqüentemente sem condições de aceitar o pertencimento étnico-racial.

Lembro-me que sentia-me diferente, e isso não era de uma maneira que favorecesse minha auto-estima e identidade racial, ainda mais porque não encontrava-me na História passada pelos meus professores. Recordo-me que, em várias vezes, quando o professor ou professora recomendava trabalhos para serem feitos em casa, ao entregá-los, nunca me elogiavam, mas sim, por várias vezes, diziam-me, que não era eu quem os tinha feito.

Talvez nem mesmo eles percebiam o que faziam, mas o fato é que faziam e prejudicavam-me muito. Ainda hoje, muitos professores têm feito o mesmo, na relação professor-aluno, principalmente, na relação de professores (as) brancas (os) com os alunos negros em sala-de-aula.

A partir do momento que entrei em uma sala-de-aula como professor, ao deparar-me com atitudes preconceituosas e racistas contra alunos negros, da mesma maneira como acontecia comigo ainda enquanto estudante, além de observar suas reações muitas vezes de silêncio, lembrava-me sobre muitas coisas que havia vivenciado.

Hoje, consigo compreender minhas experiências vividas na escola e agir de maneira diferente por meio de uma opinião crítica sobre as mesmas, que se fortaleceram com meus estudos. Sendo professor de História e por conta de minhas observações e reflexões relatadas, sempre procurei conversar informalmente com os alunos negros, da escola pública onde trabalhei, contextualizando essas conversas, na perspectiva da História oficial, perguntando-lhes:

- Como se viam na História do Brasil?
- Que sentimentos os atravessavam ao estudar o período escravista brasileiro? Porque?

Acerca das perguntas feitas as respostas quase que por unanimidade, revelaram que não se viam na História do Brasil, que a História mostrava seus antepassados africanos e afro-brasileiros apenas enquanto escravos que haviam sido capturados na África e trazidos para o Brasil, nos porões de navios ingleses, espanhóis,

portugueses e holandeses e de outras nações européias, onde muitos morriam de fome, sede e doenças até chegar aqui.

Alguns diziam lembrar da narrativa da chegada dos africanos e sua permanência como escravo, para trabalhar na lavoura da cana-de-açúcar e no engenho, alguns da data do 13 de maio de 1888, com a assinatura da Lei Áurea, na abolição legal da escravatura. A grande maioria acreditava que a princesa Isabel era uma heroína, a salvadora do povo negro no Brasil.

Outros lembravam da forma de trabalho que eram expostos aos africanos homens, mulheres e crianças e afro-brasileiros escravizados, que eram obrigados a trabalhar mais que 16 horas por dia, recordavam também que recebiam má alimentação e quando resistiam, desobedecendo às ordens ou tentando fugir, eram açoitados e muitos até morriam devido a estes castigos. Recordavam, também, das outras penas que existiam e das mulheres negras as quais eram tantas vezes violentadas pelos senhores de escravos.

A maioria dizia não gostar de ter que estudar essa parte da História, por saber das atrocidades pelas quais passaram os seus antepassados. Diziam-me que falar sobre isso, lhes causava um desconforto, sentimento de vergonha na relação com os não negros. Ou seja, os alunos diziam-me serem tomados por muitos sentimentos e pensamentos. E quando eu lhes pedia que exemplificasse, não apontavam questões diferentes das que eu tinha vivido enquanto estudante.

E o universo dessas questões, provocavam olhares e sorrisos de alunos não-negros, fazendo piadinhas, chacotas, os professores dificilmente interviam. E se o faziam era para dizer que todos éramos iguais perante Deus, pois éramos feitos à sua imagem e semelhança. Cabe dizer que essa postura vem de uma base de formação cristã, presente em nossa sociedade desde o início da exploração das Américas em que os europeus tentaram tornar obrigatório o cristianismo a indígenas e posteriormente aos africanos escravizados.

Em pleno século XXI vive-se sob alegação de que nosso País vive uma democracia racial, aos moldes apresentados em Casa Grande e Senzala (1933), em que o

autor Gilberto Freyre mostra a escravidão no Brasil como suave chega apresentando os portugueses como generosos com os escravos.

Esse trabalho apresenta o povo brasileiro como fruto de uma miscigenação. Freyre aceitava a existência de vestígios da escravidão na sociedade, mas afirmava que vivíamos sem divergências, pois éramos felizes. Tal afirmação remete aos contos de fadas, daqueles em que no final todos terminam felizes para sempre. Essas idéias são difundidas até hoje na sociedade, talvez até como ideologias de conto de fadas mesmo, mas é importante saber que essa História continua, e ainda não terminou como muitos, até então, acreditam.

É fato que, ao longo de nossa História apresentou-se e ainda apresenta-se, o Brasil como uma sociedade harmônica e hegemônica, onde não existiria a diversidade étnico-cultural. A idéia é fazer com que todos sejam iguais desde que dentro dos padrões pré-estabelecidos, isto é, o padrão europeu do homem branco, de olhos claros, católico e cristão, e negras apenas com diferenças biológicas, cor de pele, cabelos e outras peculiaridades que são utilizadas para reforçar a inferiorização a esse grupo.

As divergências advindas da diversidade foram sempre negadas ou maquiadas por meio das manipulações ideológicas apresentadas pelos grupos que estiveram no poder prejudicando negros e indígenas, em relação à História, e na participação no fazer histórico brasileiro, por serem diferentes do padrão adotado pela sociedade.

De acordo com Munanga:

É fundamental que o resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessem apenas aos alunos de ascendência negra. Interessem também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. Além disso, essa memória não pertence somente aos negros. Ela pertence a todos, tendo em vista que a cultura da qual nos alimentamos quotidianamente é fruto de todos os segmentos étnicos que, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolvem, contribuíram cada um de seu modo na formação da riqueza econômica e social e da identidade nacional. (MUNANGA, 2001, p. 9).

Dito isto relato, logo adiante, a experiência enquanto professor no ensino de Geografia, no Projeto Ação Cultural Palmares, onde ministrei aulas em parceria com um professor responsável pelo ensino de História.

- Experiência enquanto professor do projeto Ação Cultural Palmares: a viagem de estudos que revelou as raízes da problemática do pertencimento étnico-racial

Minha experiência, enquanto professor no projeto Palmares, compreendeu-se de março 2003 a dezembro de 2003. O corpo discente desse projeto estava com idade girando em torno de 17 a 18 anos de idade. Os alunos eram oriundos de escolas da rede pública estadual de nível médio e, em sua maioria, estudavam no período da manhã. Alguns faziam cursos de inglês e informática à tarde e à noite, das 19horas às 22horas, freqüentavam o projeto.

Os alunos, além das aulas em sala, participavam de atividades extra-classe, que ofereceram oportunidades de convívio para observação de fatos que, em sala-de-aula, não foram possíveis.

Julgo necessário explicitar que logo no primeiro semestre de 2003, ao chegar para trabalhar com esses alunos, que já estavam nesse projeto desde maio de 2002, pensei existir uma discussão mais aprofundada das relações étnico-raciais que passasse por uma reflexão das identidades étnicas, do problema do racismo e do preconceito racial e outros temas relacionados a essas perspectivas. Por ser esse projeto direcionado a alunos afro-descendentes. Acabei sendo surpreendido, pois observei uma relação de distanciamento dos alunos, tanto em relação a minha pessoa de professor, como entre eles, pois se isolavam em grupos e não se mostravam à disposição para interação com o professor que sempre os incitou a discussão das relações étnico-raciais.

Ao perceber isso, junto com o professor de História, passei a planejar com antecedência a aplicação de conteúdos relacionados à História de africanos e afro-brasileiros, ao lado de outras questões que tratavam da temática racial.

Quero chamar a atenção para o fato de que no início das aulas, lançávamos propostas de pesquisas sobre conceitos, tais como: racismo, discriminação, preconceito racial, estereótipos, gênero, raça e etnia. Utilizávamos ladainhas de capoeira, rap, principalmente, Racionais mc's, poesias, alguns textos de jornais e revistas, para incitá-los à discussão das relações étnico-raciais. Em alguns momentos, a atividade era feita individualmente e em outras ocasiões pedíamos que formassem grupos de discussão. Desse modo, buscávamos, na medida do possível, relacionar essas propostas ao conteúdo estudado no transcorrer de nossas aulas, que eram planejadas com materiais didáticos voltados para o ensino médio.

Entretanto não conseguimos obter muito sucesso, pois os alunos acabavam por não pesquisar, mostravam-se indiferentes à discussão proposta. Perguntava-me: Será que esses alunos não gostam da disciplina de História e de Geografia? Ou talvez: As aulas não atingissem as expectativas dos alunos?

Em uma das reuniões com os outros professores desse grupo, todos disseram estar tendo dificuldades no dia-a-dia com os alunos, e percebiam problemas de relacionamento entre aluno-aluno, constatando que os mesmos apresentavam uma resistência à aproximação aos professores.

Ficar sabendo que o distanciamento não acontecia somente comigo, não me serviu de consolo, preocupou-me mais ainda, pois se fosse apenas comigo seria mais fácil detectar onde estaria errando, mas como o fato dizia respeito a todos, essa percepção ficou mais complexa, o que me levou a observá-los ainda mais.

Cabe dizer que em um momento, quando ministrava a aula, havia, em sala, um jovem branco que acompanhava um dos alunos do projeto Palmares. Ao término da aula, o professor que acompanhava meu trabalho junto aos alunos, veio e confidenciou-me o que eles diziam em relação àquele rapaz de tez branca que lá estava. Relatou-me esse docente, que os alunos contestavam a presença daquele rapaz branco junto a eles na sala-de-aula, questionando porque ele estava ali entre eles pessoas negras.

Esse acontecimento fez-me pensar sobre a questão do pertencimento racial, questão tão presente nesse projeto, pois os alunos eram afro-descendentes. Sei que nunca foi a intenção do projeto Palmares fazer com que as rivalidades entre negros e brancos fossem mantidas. Desse modo começava a pensar que por ter assumido o meu pertencimento racial junto a eles e levantar questões que diziam respeito a ação política que pudessem garantir o respeito e dignidade ao povo negro, pensei que essa minha postura pudesse estar influenciando na relação professor-aluno.

Porém, em uma reunião de professores que acontecia semanalmente, todas as professoras e professores admitiram estar com problema em relação ao distanciamento com os alunos, mas comigo, sempre senti que tal fato pudesse estar relacionado à minha postura de professor negro, cuja em todas as aulas discutia as relações étnico-raciais e também devido a minha cor de pele parda. Contudo evitava essa idéia, pois até então não tinha tantas evidências que me fizessem aprofundar nessa perspectiva.

Logo depois de minhas observações tomarem um caráter mais rotineiro, detectei algumas atitudes que também já havia praticado enquanto aluno, com idade igual a deles, principalmente quando surgiam discussões que tratavam da História do africano e do afro-brasileiro enquanto escravos. Lembro-me de não querer ouvir sobre tal assunto, pois tratar do passado do povo negro era doloroso; sabia que era negro, mas falar sobre isso causava-me sensações indesejáveis.

Das observações e reflexões sobre a dinâmica da aula, bem como meu relacionamento com os alunos, o qual percebi que os levavam a indagações sobre o assunto que dizia respeito à saga do povo Africano e afro-brasileiro como escravo no Brasil colonial e imperial. Então questionei-me: Será que se distanciavam de mim por procurar levar essa temática até eles?

O meu sentimento de distanciamento vem das relações raciais tensas e que se reproduzem entre negros ajudando a manter as relações racistas entre negros e negros e negros e brancos, assim como acontece com as mulheres nas relações machistas

existentes na sociedade brasileira, onde muitas mulheres adotaram as posturas machistas como naturais.

A cada dia surgiam mais questionamentos a respeito das observações que fazia quando ministrava aulas a esse grupo de alunos e a partir de conversas que tinha com outros professores negros de História e também de outras disciplinas, que mencionaram perceber distanciamento em aulas e em conversas formais e informais com seus alunos negros.

Minhas indagações tornaram-se mais contundentes por meio dos fatos observados em sala-de-aula e fora desta, observando por parte de alguns alunos de tez mais escura, atitudes de rejeição em relação a algumas alunas de tez mais clara. Em um momento, quando ministrava a aula, duas alunas de tez mais clara participavam da discussão da temática estudada e dois alunos, um de tez preta e outro de tez parda, dirigiram a palavra a elas, com os dizeres “lá vem as branquinhas do projeto Palmares”.

De imediato percebia-se um constrangimento por parte das alunas que não reagiram da maneira mais óbvia que pudesse acontecer, revidando, reagiram apenas com o silêncio. Nesse sentido, sinto-me incitado em buscar compreender essa questão na perspectiva da auto-estima e identidade do negro, diante desses acontecimentos.

Em outro momento, alguns desses alunos mostraram manter estereótipo em relação a outros negros, isso ficou explícito quando esses alunos chamavam jocosamente de Moçambique um estudante universitário negro, que desenvolveria um trabalho junto a eles e suas famílias tratando sobre relações étnico-raciais.

Tal chamamento reflete as ideologias forjadas ao longo de nossa História que apresentam tanto os países africanos quanto seu povo e seus descendentes da diáspora africana pelo mundo como inferiores de fenótipo e cultura excêntricas. Essas atitudes mostram que infelizmente o próprio afro-descendente, vítima de toda essa conspiração histórica, age fazendo exatamente o que interessa aos grupos que tem o poder de governar, pois, agindo assim, as pessoas que não se sensibilizam com o problema do racismo, discriminação racial sofrida pelo negro, acabam dizendo que o negro é o próprio racista,

com isso de vítima dessa História o negro é rotulado como o culpado por essa situação a qual ele sofre.

Ao presenciar essa problemática, procurei os coordenadores desse projeto para uma conversa, estes me disseram que durante o processo de seleção desses alunos para integrarem-se ao projeto Palmares, em entrevista, eles se autodeclararam como afro-descendentes, pois esse era um dos critérios para seleção.

É fundamental dizer também que todos, nesta autodeclaração, disseram ser afro-descendentes, mas muitos disseram que essa descendência era oriunda de algum parente distante, ou seja, não partia de alguém mais próximo como a mãe ou o pai. Diziam ser afro-descendentes por parte de um tio (a), e, diante disso, os coordenadores indagaram-lhes: o seu tio (a) é afro-descendente, a resposta foi que sim, e complementaram, se ele é irmão de sua mãe ou de seu pai, então os pais também não seriam afro-descendentes?

Penso que esta postura está intimamente ligada a dificuldade dos negros assumirem publicamente o seu pertencimento étnico-racial, prejudicados por conta de toda construção ideológica reafirmada em ideologias que inferiorizam africanos e afro-brasileiros. Pergunto-me como lidar com essa visão de pertencimento étnico-racial que não ajuda os negros e, sim, os mantém à margem da sociedade, pois acaba-se por reafirmar em pessoas, contra as quais nos identificamos, preconceitos e discriminações.

Foi durante a aula de campo, realizada pelo projeto Palmares, na cidade de Parati-RJ, que observei que os alunos apresentaram estranhamento a lugares que os remetiam a recordações de seus ancestrais, cuja nessa localidade foram comprados, vendidos e escravizados.

Nesta viagem, foram programadas algumas paradas nas cidades de São José dos Campos e Taubaté. Foram trabalhadas, nesses intervalos, as disciplinas de: Biologia, Geografia, História, literatura e outras. Nessas cidades tratava-se sobre o ensino de História e Geografia, abrangendo questões da expansão cafeeira naquela região, o

processo de escravidão e outros fatores que envolviam essa temática. Foi durante esse trabalho que observei as atitudes dos alunos, que mesmo não havendo nenhum atrativo diferente dentro do ônibus preferiram não descer para observar a vegetação, o relevo, e ouvirem a História da localidade do Vale do Paraíba, que foi a porta de entrada para a expansão cafeeira do sul do Estado do Rio de Janeiro para o Estado de São Paulo, no século XIX, ligada a História da escravidão.

Os poucos alunos que desceram do ônibus não apresentavam perguntas, o silêncio se fazia presente. Também, muitas vezes, em sala-de-aula e na aula de campo em Parati, ficou aparentemente estampado nas atitudes, dos alunos, pois não queriam se identificar com a História daquela localidade, onde seu povo foi explorado e desumanizado.

Ao ser apresentado para os alunos que Parati foi um entreposto de escravos no período colonial e que, pela História oficial daquele lugar, esse fator era ignorado, mas enfatizado pela guia, que já haviam estudos que comprovavam que aquela cidade desenvolveu-se pela escravidão, perguntava-me: Será que isso os atingiam diretamente por serem negros, mantendo-os em silêncio?

As reações dos estudantes eram como se não tivessem nada a ver com aqueles fatos históricos, é como se não fossem afro-descendentes. Esse descomprometimento seria fruto da sociedade e a escola nada estaria fazendo para mudar?

E foi ainda nessa viagem de estudos que acabei, em um momento, tendo uma surpresa em relação ao distanciamento que pensava existir desde minha chegada ao projeto Palmares, na relação professor-aluno. Quando os docentes e discentes chegaram a Parati, os dois professores que coordenavam a viagem, desde a saída de São Carlos-SP até a chegada a essa cidade, apresentaram a proposta de que os alunos ficassem, durante o passeio noturno, sob responsabilidade de algum dos professores.

Tal sugestão desencadeou uma discussão entre os coordenadores da viagem e alguns dos jovens estudantes, que argumentavam não haver necessidade daquilo. No desfecho da discussão entre coordenadores, a proposta de acompanhamento de um

professor com os alunos, em passeio noturno, foi mantida e, para minha surpresa, fui o escolhido.

Pensei muito sobre essa escolha, pois até então eles não mantinham uma relação de proximidade comigo. Enquanto professor, sempre percebia a relação de professor-aluno de maneira distante. Será que escolheram-me por acreditarem que eu seria conivente a eles por ser negro? Ou por ser negro acreditavam que seria incapaz de coordená-los e refletiria, naquele momento, a ideologia de inferioridade, da pretensa falta de capacidade do povo negro?

Outra atitude observada e preocupante foi quando aconteceu uma *“brincadeira”*, nada saudável, sobre o uso de um short. Um aluno, durante a aula de campo em Parati, usou um shorts curto e esse fato foi alvo de comentários durante todo o segundo semestre de 2003, no transcorrer das aulas, e ainda quando acontecia alguma confraternização entre as pessoas do grupo.

Alguns deles faziam a alusão de quem usa short curto logo seria homossexual, chamavam-no de gazela, mostrando uma posição de preconceitos aos homossexuais, usando um amigo, e, até mesmo, professores como ponto de partida para expressarem suas posições nada saudáveis. O importante aqui não é o de aprofundar na questão do grupo ter ou não algum aluno (a) homossexual, mas sim de refletir diante dessas observações sob esse grupo específico que sofre com a discriminação cotidianamente e, ao mesmo tempo, apresenta-se eivados delas. Presenciar esta situação despertou-me o propósito de aprofundar-me nessa perspectiva, procurando entender o que os levam a serem preconceituosos, visando constituir caminhos que venham superar essas atitudes.

Algumas indagações sobre as relações, que passam por questões culturais, surgiram naquela aula de campo, pois ocorriam na cidade vários eventos culturais: apresentação de um show com um grupo regional na praça da matriz e de um coral em uma igreja, uma festa junina em uma escola. Esses eventos estavam carregados de características culturais diferentes da presenciada diariamente pelos alunos do projeto Palmares.

Novamente fui surpreendido. Eles escolheram, em meio a uma diversidade de eventos culturais que aconteciam, fazer uma festa em um quarto da pousada. Um mundo novo de possibilidades os aguardava fora da pousada, mas preferiram o habitual, pareciam não se mostrar preparados para lidarem com o diferente.

Porém essa atitude é compreensível, pois a diversidade cultural é sufocada por valores culturais de um único grupo que tenta aniquilar a cultura de outros grupos, o que acaba fazendo com que as pessoas não estejam preparadas para o diferente.

O fato apresentado ficou mais evidente em Parati, na visita a um remanescente de quilombo chamado: Campinho da Independência. O passeio foi iniciado por dois jovens e, posteriormente, por um ancião, todos pertencentes à comunidade. Apresentaram a História e a estrutura física daquele remanescente.

É interessante ressaltar que o senhor Valentim, o ancião da comunidade e um dos nossos guias, por meio de suas conversas expressou muitos valores éticos, morais e religiosos, que faziam parte de sua vida cotidiana, pois buscava por meio da memória e de sua historicidade, apresentar aquele remanescente de quilombo. Os dizeres desse ancião configuram-se como algo importante, pois aquele senhor era parte daquele lugar, ele era um lugar da memória, mostrava-se como um sujeito histórico e partícipe do fazer da história de seu povo, da História. Apresentava as dificuldades do passado, mostrando, com exemplos, como era a vida há tempos atrás, dizia da complexidade quando alguém ficava doente, para que fosse levado ao médico e dizia que hoje, algumas situações são mais fáceis. Explicava também que, atualmente, têm-se carros e médicos, tudo próximo, a vida tornou-se mais prática, mas para o seu povo, ainda muito havia de ser feito; dizia isso dando enfoque a situação do negro no Brasil.

Ainda o ancião comentava que os jovens de hoje não dialogam com os pais, ou seja, a falta de diálogo que é tão presente em tantas famílias, dizia que se os pais não cuidassem dos filhos, não puxassem suas orelhas, estes seriam cobrados na vida e outros assim o fariam. Percebia-se em seus dizeres, uma valorização das tradições familiares, o que por sinal, na atualidade, tem sido desmotivada pela sociedade em que se vive.

Estava explícito, na fala de Valentim a cobrança pela ação, pois se mostrava intimamente ligado às questões étnico-raciais e ao seu pertencimento étnico-racial, identificava-se como negro de uma maneira profunda, reivindicatória e consciente de seu papel político na sociedade brasileira.

A todo momento, o senhor Valentim buscava, no passado, sustentação para o que afirmava, falava de sua mãe e de suas tias que ali viveram como escravas; era possível perceber sua identidade de homem e negro, engajado na luta pela qual o povo afro-descendente tem que enfrentar ainda hoje.

É importante salientar que os jovens alunos distanciaram-se quando esse ancião fazia seu relato de vida, sobre sua história e a do remanescente de quilombo. Questionei-me se o que ocorreu foi devido às relações sociais serem fundamentadas na separação de crianças e jovens aos mais velhos. Ou se distanciaram do senhor Valentim por conta dele tratar dos problemas sofridos hoje pelos negros que tem sua origem no período escravista brasileiro.

Sabe-se que a força das ideologias atingem os negros os fazendo não se reconhecerem como tal por acreditarem que realmente são inferiores, idéia essa que não corresponde com a realidade do importante papel desempenhado pelo negro tanto no período da escravidão negra no Brasil quanto ainda hoje na sociedade brasileira.

É relevante enfatizar que esse papel não é destacado pela História oficial que sempre omite a participação do homem comum como agente histórico. Percebe-se isso, principalmente, quando não é mencionado a importância do trabalho realizado pelas mulheres e homens negros, africanos e afro-brasileiros no período escravista; sua participação nas construções realizadas nas cidades, hoje históricas, como Parati-RJ, Ouro Preto-MG entre outras, onde os negros atuaram projetando sua arquitetura, trabalhando como mestre de obras e operários, sendo estas cidades hoje consideradas, patrimônios da humanidade. (CECIP, 2003, p.3).

Não compartilho com a História oficial que procura valorizar pessoas que se destacaram em algum momento na História e que acabam sendo levados a condição de heróis em detrimento de outras pessoas que muitas vezes lutaram juntas pelos mesmos objetivos.

Se fosse para pensar nessa perspectiva o povo negro também poderia reivindicar a História de personagens negros, africanos e afro-brasileiros que participaram ativamente de nosso fazer histórico, como Zumbi, Machado de Assis, Ganga Zumba, Chica da Silva, Luíza Mahin, João de Cruz e Souza, João Cândido, Luis Gama, Lima Barreto entre outros.

A sociedade, ao longo de seu fazer histórico, sempre desprezou a História das pessoas comuns e é por conta disso que o povo negro que reivindica direitos usurpados historicamente tem que precaver-se para não incorrer no mesmo erro de denominar heróis negros em detrimento de negros comuns que tanto lutaram na casa grande, na senzala, nos quilombos no período da escravidão e negros que ainda lutam por dignidade e respeito pela humanidade que ao longo de cinco séculos tentam tirar tais direitos.

Quero chamar a atenção para o fato de que há uma luta para os negros brasileiros se afirmarem dentro de uma sociedade que, através de todos os meios, inclusive pela educação, diz que não existem. *“Que se quiserem existir têm que ser brancos”* Lopes citado por (Oliveira, 2001, p.72). Essa fala fazia-se presente na viagem de estudos a Parati, pois os alunos pareciam não se identificar com os conhecimentos passados ao longo dos estudos tanto em sala-de-aula, como na viagem aqui apresentada.

Cabe dizer que após a viagem de estudos, que revelou a problemática da relação entre docentes, discentes e, em todas as ordens possíveis, foi realizado pelos professores do projeto Palmares oficinas com a temática das relações étnico-raciais, gêneros, diferenças, escolha sexual etc. E surpreendentemente os alunos e alunas evadiram-se das atividades anteriormente programadas e também das aulas, o que revela

mais uma evidência que ao tratar-se de relações étnico-raciais e outras temáticas esses alunos acabavam por apresentar uma certa resistência.

Apresentado toda essa trajetória que passou por minha experiência de estudante, em todos os níveis de educação escolar e minha experiência enquanto professor na escola pública e no projeto Palmares é nesse sentido, que a pesquisa está intimamente ligada às influências da História e seu ensino, na aceitação ou não do pertencimento étnico-racial, na perspectiva do negro e do não negro, em uma sociedade rica em sua pluralidade cultural, mas que historicamente foi camuflado por uma ideologia que aniquilava a diversidade étnico-racial e cultural brasileira.

Assim sendo, tenho como objetivos nesse trabalho de pesquisa:

- Conhecer como se dá e como se perpetuam as relações tensas entre negros e brancos, no âmbito do que se estuda no ensino de História,
- verificar se o ensino de História interfere na auto-estima e identidade de alunos negros e não negros.

Diante da lei n. ° 10639, de 9 de janeiro de 2003, que altera a lei nº 9394/1996 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e institui a introdução da disciplina História e Cultura dos Afro-brasileiros nas escolas, juntamente com o Parecer CNE/CP 003/2004, que trata das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, sente a necessidade de conduzir pesquisas como a aqui proposta, que busquem compreender o que significa o pertencimento étnico-racial, em sociedades multiculturais e racistas como a brasileira.

Diante de tal perspectiva e, tendo em vista o apresentado nas páginas anteriores, formulo a questão orientadora desta pesquisa: *O ensino de História contribui para afirmação/negação do pertencimento racial de estudantes em cursinho pré-vestibular para alunos negros e carentes?*

- OS CAMINHOS DA PESQUISA

Apresento aqui a metodologia deste trabalho de pesquisa, os procedimentos que utilizei para realizá-lo. Cabe lembrar a questão de pesquisa que orienta esse trabalho: *O ensino de História contribui para afirmação/negação do pertencimento racial de estudantes em cursinho pré-vestibular para alunos negros e carentes?*

Dito isto esclareço que adoto postura investigativa que tem por base compreensões e ações oriundas da Fenomenologia. Enfatizo, porém, que não se trata de um trabalho nesta área do conhecimento, mas que nela encontra referência.

Segundo Silva (1990, pg.109) "(...) a escolha de um método de investigação não se dá arbitrariamente, aliás, escolha alguma na vida é feita dessa maneira. Há sempre motivos que animam nossas decisões, tenhamos clareza ou não deles".

O dito anteriormente motivou-me a buscar para essa pesquisa a descentralização da visão de História que valoriza uma única perspectiva étnica cultural no Brasil a de matiz de homem branco, cristão, centrada na valorização do conhecimento histórico e da história dos grupos que ao longo da História do Brasil e da própria humanidade coloca-se como únicos agentes históricos, em outras palavras, únicos fazedores da História que aparece na História oficial em detrimento da História dos homens comuns.

Quando Silva (1990, pg.111) apresenta que:

... o conhecimento científico não é o único conhecimento valioso, há outras formas de conhecer anteriores as das ciências, e delas, essas se valem... O saber acadêmico não é o mais nobre dos saberes, o saber dito popular é igualmente importante e tem de ser respeitado enquanto saber. Do diálogo entre o saber popular e o acadêmico é que surge o saber valioso para a Ciências Humanas.

Relaciono, então, essa perspectiva com o conhecimento histórico que não deve ser encarado como uma única visão de História e visando o rompimento com essa

maneira de compreensão histórica busco mostrar que a referência histórica, que tem sido destacada pela História oficial como maravilhosa no mundo, tenta destruir a participação do outro, negros, indígenas, aborígenes Australianos na construção da História da humanidade.

É pela busca da compreensão e do entendimento dos possíveis malefícios e benefícios, que essa História tem trazido aos negros e não negros no Brasil, que direciona essa pesquisa. Foram feitos contatos e conversas informais com estudantes negros e, não negros e a partir disso, realizei conversas sistemáticas com quatro ex-alunos e ex-alunas, estudantes de um projeto denominado Ação Cultural Palmares, projeto que desenvolveu-se no período entre 2002 e 2003, com recursos da Fundação Ford, vinculado ao Departamento de Física da USP, campus São Carlos - São Paulo, com o objetivo de facilitar o acesso e permanência de alunos negros e carentes na Universidade Pública.

É importante dizer que estes alunos e alunas estão, hoje, numa faixa etária média de idade, girando entre 19 e 20 anos. Nesse projeto havia um total de 30 alunos (as), sendo vinte e dois alunos do sexo feminino e, oito do masculino, eram todos oriundos de escolas da Rede Pública Estadual de Ensino. Tais alunos se autotranscreveram enquanto cor para entrarem no projeto e, assim se classificaram: dois diziam ser morena, dezesseis diziam ser negra, dois branca, dois parda, quatro não especificaram e, quatro diziam ser preta.

O critério que usei na escolha dos participantes dessa pesquisa foi a convivência do pesquisador como professor com eles durante um ano. E a partir de observações de vários acontecimentos que se deram no projeto Palmares acerca das relações dos alunos pretos com os pardos que se denominavam mestiços. Essas observações que nortearam a questão de pesquisa apresentada no início da exposição do procedimento por mim adotado.

Por sua vez, os objetivos, nesse trabalho de pesquisa, foram:

- Conhecer como se dá e como se perpetuam as relações tensas entre negros e brancos, no âmbito do que se estuda no ensino de História.

- verificar se o ensino de História interfere na auto-estima e identidade de alunos negros e não negros.

A coleta de dados se deu a partir de conversas sistemáticas que foram feitas após algumas perguntas de identificação que aqui apresento: Qual o seu nome? Quantos anos você têm? Você continua estudando? Qual o nome de seu pai e de sua mãe? Qual a cor de seu pai e de sua mãe?

Essas perguntas foram feitas com o objetivo de aproximar o pesquisador dos participantes, já que essas conversas foram gravadas. Sabendo que o questionário pudesse influenciar nas respostas, utilizei essas perguntas para deixá-los menos tensos, pois percebi uma ansiedade quando cheguei com um caderno de anotações e o gravador. No entanto era necessário que os participantes tivessem segurança, então foi desenvolvida conversas informais antes de aplicar as questões centrais. As perguntas desencadeadoras foram as seguintes:

- 1- Como você se classifica, quanto a sua cor: Amarela, Branca, Indígena, Parda, Preta? Ou você acha que sua cor é outra?
- 2- Em que situações vividas na família, na escola, no cursinho, na rua, no trabalho, nas festas você se sente parte deste grupo em que você se classificou?
- 3- Há situações em que você se sinta fora desse grupo? Ou que outras pessoas mostram com palavras ou gestos que você não pertence a este grupo? Por quê? (Explique)
- 4- No cotidiano como é seu relacionamento com os amigos que não se classificam, com a mesma cor que você?
- 5- Na escola, quando você estuda ou estudou História, os conteúdos fizeram você contente, insatisfeito, envergonhado de pertencer ao grupo em que se classificou?
- 6- O que gostaria de ter aprendido no ensino de História?

Destaco que durante a aplicação dessas questões norteadoras ocorreram o surgimento de muitas outras questões por parte do pesquisador e também indagações feitas pelos participantes desse trabalho de pesquisa ao pesquisador, que motivaram a buscar na própria História contexto históricos para que entendessem o que perguntava a eles, ou seja,

em muitos momentos da conversa entrou em cena o professor que buscava desconstruir ideologias presentes em afirmações feitas pelos participantes, pois ser professor não se dá única e exclusivamente em sala-de-aula.

Apresento a seguir o juramento feito quando de minha colação de grau:

Solenemente prometo, no desempenho de minhas funções de Educador, transmitir com lealdade, integridade e honestidade os ensinamentos humanos e científicos que façam dos jovens a mim confiados, profissionais e cidadãos conscientes, responsáveis e inteligentes. Se criar Homens eu conseguir, sentir-me-ei realizado.

Fiz esse juramento quando graduei-me em História. Até tenho crítica negativa para este ato de jurar por centralizar em uma perspectiva da criação de homens, que entendo nesse juramento restrito ao que outros homens entendem por conhecimento científico e também de conhecimentos humanos sei que, na maioria das vezes se limita ao modelo e visão de mundo de quem escreve a História da humanidade.

Dito isto, deixo minha compreensão acerca do que venha ser o meu papel de professor de História, que deve ser exercido em sala-de-aula, na comunidade onde vivo, com as pessoas que se relacionam comigo cotidianamente sendo homens, mulheres, crianças, jovens, adultos e idosos, ricos ou pobres entre outros.

Tal postura está intimamente ligada na minha convivência com o outro, o qual se dá o verdadeiro conhecimento na relação recíproca de constante troca de conhecimentos por conta de diferentes culturas e identidades.

As conversas se deram em contextos diversos, pois, com três participantes se deu em suas respectivas residências e com um deles na biblioteca central da Universidade Federal de São Carlos. Esse fator é importante, pois por ter presenciado nas residências a presença do pai e da mãe de alguns, avó, irmãos, influenciou no desenrolar das conversas. Daí a importância de dizer que trabalhar nessa pesquisa com uma perspectiva fenomenológica, em que conforme Silva (1990, pg.112):

Método é o caminho. Caminho que vai sendo traçado à medida que a questão de pesquisa, fio de ligação entre as curiosidades, preocupações, engajamento do pesquisador e o objeto de pesquisa, vai sendo tecido, reforçado, enriquecido, explicitado, refeito. Este caminho, no caso da Fenomenologia, pois, não é fixado de antemão, não se decidem passos a seguir antes de iniciada a trajetória. Dizer isto, não significa falta de norte, saída ao acaso.

Como pesquisador e professor que não foi até aquele lar para buscar componentes para meu trabalho de pesquisa somente. Houve nessa coleta de dados uma troca entre pesquisador e participante e mesmo entre os familiares desses que também fazem parte desse trabalho direta ou indiretamente.

Durante a conversa com Kofi⁵ (preto) sua mãe respondeu de seu quarto a questão que fazia a esse participante na cozinha. Tal fato mostra que as relações étnico-raciais devem ser discutidas, pois os oprimidos, historicamente, querem ter vez e voz que é sufocada na sociedade e na escola, daí mais um motivo que me fazia estar ali não apenas como mero receptor do que necessitava para atingir meus objetivos e a questão de pesquisa proposta nesse trabalho de pesquisa.

No decorrer das entrevistas observei gestos que se deram por olhares, expressões corporais, momentos de silêncio, reações, algumas vezes, até agressivas, o que motivava a deixar de lado o pesquisador e assumir somente o papel de professor, contextualizei o que conversava fazendo uso da História.

Destaco que a participante knosi (parda) chegou a me dizer: “*você já está me provocando hein*”, fato este que ocorreu logo na primeira conversa, o que

⁵ Kofi: Foi consentido a utilização dos nomes próprios dos participantes para esse trabalho de pesquisa, mas sabendo serem eles jovens, fiz a opção de atribuir nomes africanos a estes, já que por conta da cidade não ser tão grande, e haver a facilidade de serem reconhecidos como tais, estes aparecerão na pesquisa com os seguintes nomes: Kofi (preto), Zola (preta), Knosi (parda) e Kwame (pardo). Cabe dizer que os participantes assinaram um termo de consentimento livre esclarecido para a utilização do que revelaram durante as conversas com o pesquisador.

conseqüentemente foi acontecendo também nas outras conversas, favorecendo assim uma adaptação das questões para as próximas conversas, na qual consegui visualizar melhor como se dá o fenômeno do pertencimento étnico-racial, objeto central deste trabalho de pesquisa.

Julgo necessário aqui falar que ao término da primeira conversa foi possível sentir na participante Knosi (parda) o prazer por ter realizado a conversa com o pesquisador.

Já com a segunda participante Zola, de tez preta, foi uma conversa intermediada a todo momento por uma tensão. Era possível perceber a resistência dessa participante às perguntas do pesquisador, sendo que na maioria das vezes eram respostas curtas, que vinham com indagações ao pesquisador, indagações estas até agressivas, carregadas de provocação quando dizia que o pesquisador não era negro, principalmente quando tratávamos de preconceito, racismo e discriminação. A reação da participante durante a conversa, atingiu fortemente o pesquisador que passou muitos dias intensamente ligado ao que dizia essa participante durante a conversa.

O terceiro participante ao término da conversa silenciou-se expressando uma reflexão, o que pareceu não deixar dúvidas quando ele me disse, insistentemente, para que eu marcasse uma nova conversa com ele, ou seja, por conta do pesquisador ter questionado por várias vezes o que dizia Kwame (pardo) saiu da conversa com sua identidade racial abalada, mostrando preocupado com o que descobriu pensar sobre ele mesmo, já que os procedimentos durante a conversa entre participante e pesquisador também foram realizados sob uma postura de constante questionamento do pesquisador e professor acerca do que este afirmava em suas respostas.

É importante ressaltar que não impunha aos participantes idéias como se minha visão de mundo fosse a melhor que a deles, mas os fazia pensarem quando afirmavam ideologias que permeiam o contexto social, familiar e escolar.

Os procedimentos foram como os três anteriores, com o participante Kofi (preto) posso dizer que, após a conversa, disse estar satisfeito em ter participado desse trabalho de pesquisa, inclusive mudou sua posição acerca da questão da implementação da

política de ação afirmativa, no que tange cotas para alunos negros pelas universidades, sendo que este era contrário e após a conversa com o pesquisador disse ter mudado sua postura de contra para favorável a implantação dessa política de ação afirmativa.

Acerca da análise de dados transcritas as fitas com as conversas dos quatro participantes e após esse processo foram feitas leituras e releituras das transcrições, que foram analisadas em planilhas que constavam as unidades de significados, os temas, as dimensões e observações realizadas pelo pesquisador. Somente após a análise minuciosa que aconteceu a cada componente especificado anteriormente foi trabalhada a descrição dos dados, buscando explicitar os diferentes significados expressos na dimensão, A Discriminação Racial e Social, Escola e Projeto Ação Cultural Palmares e História e Ensino de História.

CAPÍTULO II

IDENTIDADE E DIFERENÇA CONSTRUÍDOS PELA INFERIORIZAÇÃO EDIFICADOS NAS DESIGUALDADES

REFERÊNCIAS TEÓRICAS I

- As Raízes do Pertencimento Racial estão nos intercâmbios das Culturas

Para se falar sobre cultura é fundamental dizer que ao longo da História da humanidade sempre valorizaram a cultura dos grupos que estiveram no poder e que comandavam de alguma maneira política, social e religiosamente os grupos por eles dominados. Esse trabalho trata, em particular, do grupo dos afro-descendentes na diáspora e dos africanos na África, que sofrem em consequência da idéia veiculada da existência de uma cultura superior e de outras inferiores, entre elas a de raiz africana. Idéia esta que passou a ser questionada a partir do século XIX.

Segundo Santos (1994, p.21) desde o século XIX tem havido preocupações sistemáticas em estudar as culturas humanas, em discutir sobre cultura. Esses estudos se intensificaram à medida que se voltaram tanto para a compreensão das sociedades modernas e industriais como também a dos grupos que desapareciam aos poucos ou iriam perdendo suas características originais em virtudes de contatos com outros povos. Ainda segundo o mesmo autor, toda essa preocupação não produziu uma definição clara e aceita por todos do que seria cultura.

Entende-se por cultura, entre os muitos sentidos que lhe são atribuídos, está aquele que associa cultura a estudo, educação, formação escolar.

Para Alfredo Bosi (1998, p.16) *“Cultura é o conjunto das práticas, das teorias, dos símbolos e dos valores que se devem transmitir as novas gerações para garantir a reprodução de um estado de coexistência social”*. E ainda para este autor: *“A educação é o momento institucional marcador do processo”*. De transmissão de culturas.

É importante destacar que o entendimento de uma cultura predominante faz acreditar que o ensinado nas escolas é o melhor que a humanidade produziu. Denominada de cultura erudita, de raiz européia, tida como universal. Sabe-se que esta cultura erudita sufoca as culturas designadas como populares. O que tem, na realidade, são culturas de diferentes raízes, construídas na perspectiva de diferentes visões de mundo. Portanto não há critérios possíveis para se dizer que uma seja superior a outra. Assim sendo, todas são importantes, têm igual valor, pois contêm peculiaridades de diferentes grupos étnico-raciais, e respectivas culturas, ou seja, modos de significar o mundo, a natureza, as pessoas, as construções humanas.

“Desde o nascimento, o indivíduo se encontra impregnado de cultura”, afirma Silva (citando Sow, 1987, p. 62-63) “não havendo essência humana natural, fora das condições sociais, históricas, específicas que a definem”. Prossegue, a autora dizendo que “as expressões, os comportamentos são na e pela educação institucionalizados e pela sociedade fortemente controlados”.

No Brasil a classe dominante detentora do poder, historicamente, difundiu a idéia que sua cultura era superior a dos povos indígenas e a dos descendentes de Africanos, que teriam uma cultura inferior, primitiva, pouco desenvolvida.

É importante ressaltar que essa idéia interferiu na troca inevitável que se dá no encontro entre culturas de forma muito dolorosa para indígenas e africanos, pois para que houvesse a predominância da cultura branca de origem européia, instituíram-se normas de comportamento, atitudes, posturas preconceituosas, discriminatórias, geradoras de racismo principalmente na relação entre brancos e negros no Brasil.

Isto, conforme aparece em trabalho de Lopes (1987, p.11) quando fala que:

Radicalizado pelo neocolonialismo contemporâneo praticado sobre a África Negra pelas grandes potências capitalistas, o racismo ganhou espaço internacional e ratificação pseudocientífica. Tratava-se da superioridade da cultura ocidental do branco. Tratava-se da inferiorização de tudo quanto fosse genuinamente negro e africano.

Diante disso, se faz necessário uma reflexão sobre as influências da não aceitação das culturas dos povos indígenas e dos descendentes de africanos, principalmente, por estes terem sido incitados a não se verem reconhecidos como agentes culturais e históricos na construção de sociedades e de nações. A depreciação de seus modos de ser, viver, trabalhar, celebrar é tão forte que leva muitos a questionar se suas raízes culturais são participantes valiosas dos conhecimentos produzidos pela humanidade.

As ideologias de superioridade dos europeus aconteceu porque no encontro com outros povos e culturas predominou a racionalidade eurocêntrica se proclamando superior por inspiração bíblica e grega. A Europa reconhecia a si mesma com uma dupla superioridade e a Bíblia assegurava-lhe a boa consciência de uma revelação e de uma eleição que a distinguiu das tradições “pagãs”, e os gregos lhes tornavam herdeiros da “*racionalidade crítica*”. Era-lhe própria, portanto, uma superioridade natural (a coerência racional) e sobrenatural (a eleição divina) que permitia considerar-se como centro e a luz do mundo (Guibal citado por Kreutz, (1992, p. 83). Veja-se que:

Tal pensamento foi sustentado por estratégias cruéis, tais como os zôos humanos, cuja existência tem-se tentado ocultar. Os zôos humanos, a partir dos anos 1870, nas principais capitais da Europa tratavam de comprovar a necessidade de missão civilizadora dos europeus no além-mar. Ali se expunham em jaulas, ao lado de animais selvagens, indivíduos exóticos – africanos, aborígenes, indígenas -, e dessa forma, desumanizando os conquistados, animalizando-os, justifica-se a brutalidade das conquistas. Articulava-se a construção de um imaginário a respeito dos colonizados, com a teorização científica da “hierarquia das raças” e a edificação do império colonial (Blanchard et al. 2001, p.40-45).

Entende-se que os europeus, para justificar a escravidão de africanos e indígenas, utilizaram de ideologias diferentes, tal como os zôos humanos e o dedo religioso para convencer seus conterrâneos da inferioridade dos outros humanos. Os europeus procuraram sustentar suas ideologias fazendo com que sobressaísse sua visão de mundo, sua cultura e com isso se negava o fato de que os indígenas estavam primeiro nas Américas, desprezando e desconhecendo a sua anterioridade.

Essa desvalorização acontece também por conta da divisão existente entre pré-história e História, que se deu a partir da visão européia que determina que a pré-história se dá a partir do surgimento do homem “primitivo” até a invenção da escrita, e a História propriamente dita da invenção da escrita aos dias atuais. Burke (1992, pg.13). Cabe lembrar que esta periodização se dá a partir da invenção da escrita dos europeus, já que esta desvaloriza a existência da escrita Egípcia, dos povos pré-colombianos e outros, que são anteriores a escrita dos povos da Europa.

É também importante destacar que, até que se prove ao contrário, o ser humano mais antigo que existiu na Terra é um africano. E que foi encontrado no Brasil, em 1975, na região de Lagoa Santa, nas proximidades da atual cidade de Belo Horizonte (MG), um crânio de uma mulher de mais ou menos vinte e poucos anos de idade, e seu rosto foi reconstituído com a ajuda de tomografias computadorizadas na Universidade de Manchester, Inglaterra, em 1999. Os cientistas a batizaram de Luzia. Chegaram à conclusão que esta tem 11500 anos de idade, é o mais antigo fóssil humano encontrado nas Américas. Luzia não se parece com nenhum índio brasileiro. Suas feições eram negróides, nariz largo, queixo e lábios salientes. Suas características negróides diferenciam-na do ameríndio de origem mongol e comprovam a existência de mais de uma onda de ocupação do continente por parte de grupos assemelhados aos povos do sudeste da Ásia e da Austrália. Teixeira (2000, p.28).

Descobertas como esta faz perceber a existência de informações que remetem a outras culturas que não a européia. Informações que não aparecem com o destaque nos manuais de História, como o fato apresentado acima, que aparece no manual didático apenas como cultura popular, de menor importância e ficando a critério do professor apresentá-lo ou não.

Tentava-se e tenta-se fazer que a História, a cultura dos brancos europeus sobressaia sobre as demais, desprezando-as. A estratégia era, e ainda é diminuir, porque os colonizadores europeus não sabiam lidar com a diferença dos outros povos. Eles só sabiam lidar com os iguais, isto é, com eles mesmos. Queriam absorver, tornar iguais os

diferentes. A idéia era transformar mundos não europeus em construtos europeus, conforme se vê em Rodney (1975), e para isso diziam e tentavam convencer que tinham cultura superior. Este é o caso do livro *Brasil História e Sociedade*, que teve sua 1ª edição publicada em 2000, que inclusive consta ter sido escrito conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, que não está rompendo com o eurocentrismo, quando admite outras culturas novamente sob a afirmativa de cultura inferior.

Essa é a mentalidade européia, que nega tudo aquele que é diferente de si mesmo como não digno de pertencer ao seu mundo. Faz parte dessa lógica colonialista criada pelos europeus de deixar de lado quem não fizesse parte do seu mundo, os “diferentes”, e o seu conjunto vão chamar de diversidades. É possível observarmos em imagens, que retratam esse período, que ao representarem a diversidade, os europeus não se incluem nas representações. As imagens que representam essa diversidade trazem apenas os povos indígenas, africanos e aborígenes.

Assim, essa construção ideológica produzida pelos Europeus se sustentava, e ainda o fazem, na afirmação de ideologia que se fortalecem ao longo do fazer histórico. Segundo Silva (1987, p.42) “... a ideologia, enquanto conjunto de idéias e práticas, tem o papel de encobrir as relações de opressão que se estabelecem entre classes sociais, ao identificar, nas características físicas e genéticas dos negros, razões que comprovam sua inferioridade humana, intelectual, estética, psicológica, biológica”.

É por conta de toda essa construção que se deu na História da humanidade e do Brasil, que sofre-se até hoje, basta refletir sobre o que se pensa ou o que outras pessoas já disseram sobre as religiões afro-brasileiras tais como: o Candomblé e a Umbanda, que são tratadas pela maioria das pessoas como excêntricas, sendo do mal.

Evidências são trazidas pelos programas de rádio e televisão de algumas novas igrejas cristãs que não respeitam essas religiões, mas as deturpam, as exorcizam, tirando seu sentido de ser. Segundo Cunha (2005, p.256).

... na procura da hegemonia religiosa, constroem um racismo contra a cultura do candomblé. Através desse racismo, pregam a eliminação da nossa cultura religiosa de base africana. Combatem todos os elementos de expressão que marquem a existência de uma identidade do candomblé. Reduzem os elementos da cultura negra à coisa do diabo.

Insisto nesta questão religiosa por ela ser fundamental uma vez que são, no caso das de raiz africana, fonte de preservação da cultura e da História afro-brasileira e, portanto, mesmo para os que não sejam candomblesistas, ela contém dados importantes das identidades negras.

Ainda segundo Cunha (2005, p.263).

O estudo das religiões de base africana também nos permite representar a cultura africana. Devemos lembrar que parte da cultura originária das religiões cristã e muçulmana está no continente africano. O cristianismo tem um início africano, no Egito e na Etiópia, e depois é reformulado, com a produção de uma versão europeia que se consolida apenas depois da Idade Média.

Para consolidar a idéia de uma cultura europeia superior com o apoio de líderes religiosos católicos, os europeus procuraram e ainda procuram, hoje com outras denominações cristãs, omitir fatos históricos como na descoberta do fóssil de Luzia apresentado anteriormente e se os apresenta se dá de maneira desvirtuada.

Como se observa, o que se fez no início da formação do que chamam de Brasil quando se buscavam negar os valores religiosos dos povos Africanos e Indígenas, ainda hoje, já passados séculos, se repetem. E o que é mais grave, até por parte dos descendentes de africanos que as introjetaram, que se afirmam nas descrenças da capacidade histórica, cultural, criativa e técnica de seu povo.

O que se pode dizer é que no confronto entre as diferentes culturas houve uma troca, isto é, houve o intercâmbio que foi duro para africanos e indígenas, mas eles não deixaram apagar sua cultura, mesmo que não as declarem. A tentativa de destruir a cultura de negros e indígenas e a resistência para impedi-lo tornou a troca que acontece sempre que pessoas de grupos diferentes se encontram, muito dolorosa. Segundo Fernando Ortiz antropólogo cubano, em texto escrito em 1942, em edição de (1993, p.24) no encontro entre

europeus e indígenas e africanos, uns aprenderam com os outros e diz ainda que só foi possível o século XVII na Europa, porque os europeus tinham conhecido outras formas de ser humano.

Não é objetivo desse trabalho trabalhar por esse veio, mas é importante apresentar de que forma a recriação das culturas na América foi se dando, pois tem repercussões na construção do pertencimento racial de negros, objeto central desse trabalho de pesquisa.

É importante entender que no encontro entre os diferentes, conforme sublinha Fernando Ortiz (1993, pg.24) uns aprenderam com os outros, pois, há modificação sempre que as pessoas com diferentes visões de mundo se encontram.

Tal como pondera também Geertz (2001, p. 70)

“As culturas não desconhecem umas as outras e, de vez enquando, até tomam empréstimos entre si; mas, para não perecerem, elas devem, sob outros aspectos, permanecerem, um tanto impermeáveis”.

A negação de outras culturas que não as de raiz europeia ainda permanece sendo veiculada basta observar os documentários e reportagens, sobre a África, apresentados em rádio, jornais escritos, falados, Internet e televisão que reduzem um continente a idéia de um país, com suas savanas e animais, com pessoas morrendo de fome, em completa miséria, com o deserto e outras imagens que são ideologicamente veiculadas.

O sul de Portugal e Espanha receberam fortíssimas influências africanas, decorrente da ocupação da península Ibérica por povos vindos do oriente durante 700 anos. A Europa, com sua constituição greco-romana deve grande tributo à base africana. Exemplos importantes são as contribuições das civilizações egípcia e etíope para a antiguidade. Cunha (2005, p.250)

Essa discussão que passa pela cultura está ligada a questão de se viver com uma visão de História que se dá de maneira linear, fundamentada a partir da visão de

mundo europeia que se faz predominar. A História nunca se deu linearmente nem para europeus e nem africanos. Segundo Wedderburn (2005 p.153):

Nem dentro nem fora da África houve um modo de desenvolvimento histórico universalmente linear. A história da humanidade, felizmente, é bem mais complexa do que isso, como o demonstrou o cientista senegalês Cheikh Anta Diop.

Portanto caem por terra as teorias de culturas superiores ou inferiores. Não pretendo trocar uma visão de cultura eurocêntrica por uma afrocêntrica. Mas é importante trazer um fato histórico que comprova que os Europeus não escolheram os negros africanos aleatoriamente para serem escravos. Veja na fala de Lopes (1987, p.17), mostrando que:

Os africanos, que já eram dotados de estrutura estatal, atingiam um estado civilizatório mais refinado que o da maior parte das sociedades americanas da época, possuindo notável progresso na agropecuária e no artesanato, especialmente no trabalho com metais. Metalurgia africana, sob muitos aspectos, encontrava-se mais adiantada que a dos europeus na época. Em todas as sociedades africanas referidas - independente do nível de desenvolvimento das forças produtivas, a propriedade comunal da terra e as formas diversas de trabalho coletivo predominava.

Utilizando-se da visão europeia de cultura, facilmente chegaria à conclusão de que os africanos não eram inferiores e sim superiores aos europeus. Tal raciocínio é correto? Seria certo se eu compartilhasse da visão de mundo de origem europeia que, para se impor, determina ser uma cultura superior a de outros povos. Mas como não pretendo incorrer no mesmo erro da perspectiva europeia que se arrasta há séculos saliento que essa minha exemplificação serve para mostrar que não existem culturas inferiores ou superiores e sim culturas distintas, construídas com base em diferentes visões de mundo, experiências de viver e de significar à sociedades muito diversas.

Quero chamar a atenção para o fato de que os povos africanos e indígenas tinham, em sua maioria, culturas que eram baseadas em relações de convivências comunitárias, as quais entraram em choque com os interesses do mercantilismo europeu⁶,

⁶ Mercantilismo europeu: Termo aplicado às doutrinas e práticas econômicas que vigoravam na Europa de meados do século XV a meados do século XVIII. Período das acumulações primitivas de

com a própria estrutura patriarcal cristã centrada no homem representante de Deus, servindo como base para o favorecimento da implantação do capitalismo industrial nos países mais “*avançados*” da Europa ocidental conforme mostra Lopes (1987, p.12).

É possível perceber que, tomando por base a cronologia da historiografia oficial, desde o século XVI têm sido utilizados aspectos ligados às diferenças culturais entre diferentes grupos humanos para justificar a escravidão, o genocídio de africanos, indígenas e aborígenes.

Nesta perspectiva, um momento histórico, no Brasil, que se buscou fortalecer a idéia de cultura europeia como superior, aconteceu no final do século XIX e início do XX, aparecendo em trabalhos de vários autores da época que faziam parte de diversas áreas de conhecimento, por exemplo, Silvio Romero, Oliveira Viana, Nina Rodrigues e Euclides da Cunha, entre outros.

Segundo Ribeiro (1994, p.155-156) estes autores foram influenciados por uma cultura ilustrada e eclética, pois privilegiaram algumas novas idéias científicas, divulgadas popularmente na Europa, para interpretar a realidade brasileira. Seus autores preferidos eram, em geral, evolucionistas e positivistas, que aceitavam a evolução linear da História humana, que os mais fortes suplantavam os mais fracos e transmitindo aos seus descendentes uma maior adaptabilidade ao meio ambiente. Utilizavam ainda dois critérios físicos e biológicos que estavam em moda na Europa do século XIX, que procuravam explicar a evolução na História através do meio e da raça. A raça branca era a grande vitoriosa, pois predominava como mais capaz e adaptada. Era evidente politicamente pela expansão do capitalismo europeu. A raça ariana ou a civilização europeia era superior por decorrência natural e a ela competia orientar a História dos povos.

Segundo Renato Ortiz (1985, p.15), o dilema dos intelectuais desta época era compreender a defasagem entre teoria e realidade, o que se consolidava na construção de uma identidade nacional. Ainda para Renato Ortiz (1985, p.130) foi buscando compreender

as crises e os problemas sociais do final do século XIX e início do século XX, que se buscou a construção de um país branco, previstas nas obras de Silvio Romero, Oliveira Viana que, junto a outros intelectuais da época como Nina Rodrigues e Euclides da Cunha, tinham pensamentos que fixavam-se na tradição de pensamento do século XIX, buscando insistentemente definir uma identidade nacional para o país.

Dentro ainda da discussão, procurou-se forjar uma cultura nacional menosprezando toda a pluralidade cultural existente no Brasil que coincide com o período final da escravidão negra no país quando forjou-se a ideologia do branqueamento e o mito da democracia racial, que trato ainda nesse capítulo. Foi sob essas ideologias que se fortaleceram o racismo a discriminação racial e o preconceito que acabam prejudicando o sentimento do pertencimento racial de negros.

Devido a existência de posições que ainda hoje ficam evidentes quando as pessoas se comportam com essas convicções racistas, que se manifestam de formas camufladas por comportamentos que não aparecem de maneira aberta, devido as pessoas não serem abertamente racistas, mas acabam se expressando por meio de um olhar, um não olhar, uma palavra, uma não palavra, de gestos como, por exemplo, quando uma pessoa negra se aproxima e uma pessoa não negra recolhe a bolsa e a segura em seus braços.

A título de ilustração tomando por base o apresentado por Silva (2005, p.36-37) quando fala que o vivido e a literatura se relacionam, apresento aqui um fato narrado por uma amiga que relatava-me o que presenciou recentemente em uma loja de São Carlos quando ela fazia compra para festas do final de ano. Relatou que quando uma família de pessoas negras entrou na loja, observou que o segurança deste local seguiu a família de negros observando-os de perto.

Isto mostra que as ideologias racistas, discriminatórias se mostram presentes nas relações do dia-a-dia e poucas pessoas têm a sensibilidade de percebê-las, pois, raramente alguém que não é negro as percebem acontecendo em atos de outras pessoas.

Por sua vez, cultura tem seus significados tecidos nas relações étnico-raciais, aqui compreendida conforme proposta no parecer CNE/CP 003/2004, em uma perspectiva educacional que venha reparar, reconhecer e valorizar as identidades e culturas. Em particular, a História dos negros brasileiros que se dá nas relações cotidianas com não negros, para que juntos construam seu pertencimento étnico-racial, que os levem a uma ação política, muitas vezes, desestimulada por negros se sentirem inferiores e mesmo pelos brancos que, também em sua maioria, são explorados na sociedade, mas que pensam ser superiores e acabam não compartilhando com negros na luta por uma sociedade em que cidadania seja pensada a partir da necessidade de grupos diversos.

Ainda neste rumo, tal necessidade se dá nas relações entre mulheres, homens, crianças, jovens, idosas e idosos, negros, indígenas, asiáticos e brancos, como também, nas relações cotidianas que se passam, principalmente, na educação escolar, na família, na comunidade, no trabalho, nas igrejas, nas mesquitas, nos terreiros e ainda mais estão presentes nos movimentos sociais como o movimento negro, movimento dos sem-tetos, movimento dos sem terras, movimento operário, entre tantos outros.

Daí o sentido desse trabalho se concentrar no pertencimento racial que acredito possibilitar uma maior amplitude na relação entre negros e brancos: Penso que não seria interessante para esse trabalho delimitar em uma perspectiva de cultura ou identidade o que pode não favorecer os significados do pertencimento racial.

A afirmação positiva da existência da diversidade cultural existente no Brasil é base fundamental para que os negros assumam publicamente o seu pertencimento étnico-racial, e acredito que, para isso acontecer satisfatoriamente, se deva recorrer em uma reflexão histórica que perpassa tanto a História do Brasil como a da humanidade e, muito particularmente a de outras diásporas.

No entanto, destaca-se que trato do pertencimento racial como o sentimento de pertença dos negros ao mundo africano, de maneira que o seu sentimento de pertença seja motivo de engajamento na luta por respeito e dignidade, prejudicados pelas construções de ideologias que lhe nega a sua História, suas culturas e identidades.

- O Pertencimento Racial Para além dos limites da Identidade e das Diferenças

É fundamental em um trabalho que leva em consideração o papel da História na construção do cidadão negro consciente de seu pertencimento racial, cidadão este que, diante de atos, posturas que são sustentadas historicamente por ideologias que os fazem não aceitar sua pertença étnica. Considerando que esse pertencimento racial, não é dado, nem é herdado, é construído e reconstruído ao longo da vida, assim como a cultura, e a própria identidade que se pensava estável até pouco tempo atrás, sendo que hoje está se tornando fragmentada; composta, não de uma, mas de muitas identidades, algumas vezes, contraditórias ou não resolvidas, tal como se pode constatar em Hall (2003, p.13).

Sabendo que não se tem uma cultura ou uma identidade construída, acabada, é relevante ressaltar que o pertencimento racial se dá no dia-a-dia, na troca entre pessoas e sobre tudo nas relações étnico-raciais, daí o interesse de apontar um caminho satisfatório para o pertencimento racial de negros a partir do que se aprende no ensino de História. Como se pode constatar nesse trabalho, a uma indução aos negros a não se identificarem com o seu pertencimento racial de descendentes de africanos escravizados.

Daí o interesse em compreender como se dá o pertencimento racial de negros na formação, nas construções, nas interferências, nas contribuições existentes nas relações na sociedade para formação de sua identidade cultural, étnico-racial que historicamente foi desvalorizada por conseqüência da valorização de uma identidade nacional que impôs como base os valores culturais de uma única perspectiva étnico-racial que se fazia prevalecer por meio da imposição de valores pertencentes à etnia branca européia.

É a partir dessa perspectiva que busco apresentar em que contexto se procurou afirmar a existência de uma identidade nacional no Brasil, que buscava aniquilar as diferenças étnico-raciais fortemente presentes em nosso país, na pessoa do negro, indígena e do branco e asiáticos. Ressalta-se que a lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nem sequer menciona a existência dos asiáticos no Brasil. A busca por uma identidade nacional, baseada na cultura branca européia, tentou aniquilar toda a pluralidade étnica e

cultural brasileira, por meio de uma homogeneização das identidades étnicas e culturais existentes, a fim da criação de uma única identidade nacional que se deu na tensão das relações entre identidade e diferença que, na maioria das vezes, buscava e ainda o faz, com o propósito de afirmar relações de superioridades e de inferioridades.

As identidades se transformam, mas não aniquilam as identidades dos outros e o papel da escola é tentar homogeneizar a uma só visão de mundo, que baseia-se em uma única perspectiva cultural, que é apresentada na *“Pedagogia do Oprimido”* como invasão cultural, quando delega que esta invasão cultural é alienante, podendo acontecer maciamente ou não. Tal como constata-se acerca da cultura dos negros, que é colocada a margem da cultura que se faz predominar por meio da violência ao ser da cultura invadida, em particular, nesse trabalho, a dos afro-descendentes negros. (Freire, 1987 p. 149-150)

Por toda essa construção que passa pela História, muitas vezes, os negros não se vêem como fazedores de culturas, pois a escola omite os valores culturais de seus antepassados, e quando as apresenta é de maneira distorcida com o propósito de inferiorizá-las e, assim, atingir o oprimido, mantendo os interesses do opressor. Tal situação estende para todos os âmbitos da sociedade, como venho apresentando. Salienta-se que se tentou e ainda tenta aniquilar as culturas dos oprimidos, em particular neste trabalho é avaliado a dos negros.

Conforme Silva.T (2000, pg.75) *“Assim como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são, pois inseparáveis”*. E foi nesse contexto que no Brasil a diferença foi utilizada com o propósito de inferiorizar a identidade de negros e indígenas, estabelecendo assim relações hierárquicas a partir das diferenças étnico-raciais.

Fazendo-se uma relação à situação posta anteriormente, encontra-se nos relatos da História oficial brasileira, no que tange o período final do século XIX e início do século XX como se tentou construir uma identidade nacional brasileira em meio as tensões de momentos chave para a História do país. Cabe lembrar que no 13 de maio de 1888 aconteceu a abolição legal da escravatura e que acaba sendo apresentada de maneira

desvirtuada pela História, isto é, omite, desconhece os anos de luta dos grupos de africanos, afro-brasileiros que lutaram bravamente do início da escravidão à abolição aos dias atuais.

Sabe-se que pela História oficial mesmo nos dias atuais, procura fazer acreditar que tal fato histórico apresentado tem uma heroína, no caso, a princesa Isabel, tida por muitos como a redentora de africanos e afro-brasileiros, em 15 de novembro de 1889 teve-se o desenlace final de um momento tenso na política brasileira que acabou desencadeando na proclamação da república. Nesse período ocorreu também a imigração em massa de milhões de europeus e asiáticos que vieram para as Américas. O Brasil recebeu cerca de 3,8 milhões de estrangeiros de 1887 e 1930 (Fausto, 1996, p.275) e constata-se ainda que nesse momento da História ocorreram muitas revoltas populares e foi nesse contexto histórico que se buscou impor uma identidade nacional, intimamente ligada a questão que passavam pela identidade e diferença.

O interesse nesse trabalho se dá na compreensão de como ocorre a aceitação ou não do pertencimento racial de negros, sabendo que o pertencimento racial se dá na relação com a identidade racial. Torna necessário enfatizar, no entanto, que o pertencimento racial se dá no confronto das relações com outras pessoas, tal como a identidade no entendimento de Taylor (1994, p.52). Em outras palavras, o sentimento de pertença acontece a partir do que os outros atribuem ao pertencimento racial. Um exemplo seria as ideologias que estão intermediando a aceitação do pertencimento racial de um negro quando este não assume sua pertença racial publicamente por conta das ideologias que passam pela sociedade que os fazem acreditar que sua origem étnica é inferior aos da etnia branca, por serem descendentes de africanos e afro-brasileiros escravizados.

Tal fato é nada mais que as ideologias discriminatórias instituídas ao longo da História, ainda surtindo seus efeitos fazendo parte dos discursos racistas, preconceituosos, que são presentes cotidianamente na sociedade e causam sofrimentos, opressão e muitas mortes, camufladas em meio a todo aparato ideológico, utilizado pelo governo, por meio da mídia, para esconder as reais causas dos negros estarem em maior número nas cadeias, serem maioria nas favelas, por estarem, em grande, número fora das

escolas de nível fundamental e médio, e principalmente o universitário, e mesmo no cenário político brasileiro.

Cabe dizer que a identidade não me prende a um grupo, a um jeito de ser. Posso tomar como exemplo o uso de uma roupa, ou seja, a identidade tem um centro que vem do pertencimento que está presente, em sua própria História que é veiculada, em outras palavras, na História de seu povo. O pertencimento racial faz com que as pessoas se dêem conta que fazem a História daí a importância do reconhecimento e fortalecimento da História dos afro-descendentes acontecer entre negros e brancos.

Se o Brasil é formado por diferentes grupos étnico-raciais não se trata de preocupar apenas com a identidade, pois o pertencimento étnico-racial possibilita as pessoas a assumir-se como parte diante das diferentes visões de mundo, do seu grupo particular e não de alguém que está fora dele.

A História, ao fazer uso da linguagem expressa na História oficial, dependendo da maneira que se passe esses relatos históricos, pode levar a uma idéia de uma História dada, naturalizada, harmoniosa, que vem a calhar aos interesses dos grupos que comandam a sociedade e que visavam forjar uma identidade nacional. Ressalto aqui que esses tiveram como participantes ativos os historiadores que escrevem a historiografia brasileira, muitas vezes, de acordo com o interesse de quem está no poder político.

Tal fato tem seus reflexos na sociedade, nas famílias e na escola Segundo Chagas (1997, p.27).

A linguagem com seu grande percentual afetivo, facilita a transmissão da comunicação intergrupo, perpassada de preconceitos estereótipos, valores, enfim, de todas as representações sociais. Dessa forma, desde criança, recebemos e aprendemos a introjetar ideologias que a sociedade pretende perpetuar e a família é a instituição que inicia a pessoa nesse aprendizado. Depois outras instituições dão continuidade a esse processo.

Como se percebe, o primeiro aprendizado social acontece no seio da família que é influenciada pelo que se veicula na sociedade e que, muitas vezes, se apresenta carregado de posturas ideológicas conspiradas pela elite, e que se consolidam pelo ensino

na escola, na comunidade, nas religiões, no bairro, no clube que as pessoas freqüentam. É nesse contexto que a sociedade determina o lugar das pessoas que a constituem.

E foi nesse jogo de forças entre “nós” e “eles” que se determinou uma identidade nacional brasileira, que conspirou contra toda a diversidade étnica, cultural e racial de africanos e indígenas e até mesmo dos europeus, que também são diversos, mas como são o modelo idealizado, nem se quer se vêem com suas identidades também diversas, e mesmo como o diferente para os outros, pois não se vêem no outro, pois se sentem superiores aos seus diferentes por conta de toda a construção histórica que se passa nas relações da sociedade relacionadas a identidade e diferença.

Conforme já sinalizei em outro momento desse trabalho, tanto indígenas quanto africanos e hoje os negros são induzidos a acreditarem que não tem História, que não a fazem, que ela se dá naturalmente, sem a sua participação. Nota-se, portanto, a importância de mostrar que fazem a História que inscrevem na sociedade que os sujeitos tentam ignorar. Quando os chamados excluídos escrevem sua História, não o fazem no mesmo sentido da tradição que se fundamenta uma história factual de heróis. Fazem-no em uma perspectiva de compromisso com o outro os do mesmo grupo, não buscam o aniquilamento de suas identidades, culturas, histórias particulares e comum a todos.

Chagas (1997, p.31), apresenta que: “*Sem história e sem raízes, um povo não tem identidade*”. Dessa maneira, penso ser fundamental romper com a História apresentada acerca do povo negro no Brasil, que conforme mostra Chagas (1997, p.31)

Quando a história conta de forma mentirosa e ingênua a saga do povo negro e quando a sua cultura é utilizado no que se convém ao lucro (carnaval por exemplo) e não valorizada ou incentivada, nega-se ao negro a possibilidade mínima de conquistar uma identidade pessoal, social e racial satisfatória.

Em nosso caso particular percebe-se que a História oficial oferece referências aprofundadas para a construção da pertença identitária da etnia branca, que é valorizada em detrimento da pertença negra, conforme mostra Chagas (1997, p.20):

Em sua maioria, a biografia do povo negro é reticente, incompleta e omissa. A história é escrita pelo detentor do poder e não pelo oprimido. Não é o que acontece com o grupo branco, que, mesmo filho de imigrantes, conhece e valoriza as suas raízes.

A identidade racial do negro carrega como traço fenótipo a cor preta ou parda que é o influente nas relações cotidianas brasileiras, que, mantém como padrão o referencial da identidade étnica da etnia branca. Sobre isto, diz Loureiro (2004 p.76):

A partir da cor da pele, que nada mais é do que uma diferença étnico-racial cria-se um estigma. Uma vez percebido um estigma, a partir do atributo que gera o estigma, há uma tendência de se inferir outras características consideradas indesejáveis ao seu portador.

Esse estigma aparece quando o negro se constrange a partir de olhares que expressam superioridade das pessoas não negras, que lhes são dirigidos, principalmente nas escolas, quando estuda a História de africanos e afro-brasileiros no Brasil, relatada pela História oficial que abrange o período da colônia e do império brasileiro.

Loureiro (2004, p.76) esclarece que:

Assim, quando uma pessoa estigmatizada percebe a característica que a está “diminuindo” aos olhos do outro, tende a suprimir ou modificar essa característica, quando isso não é possível, muitas vezes, tenta fazê-lo de forma indireta, dominando “espaços” normalmente fechados a pessoas que possuem o mesmo atributo que elas.

Quando as classes com o poder de dirigir os destinos da sociedade propõem uma identidade nacional, manifesta-se uma forma de dominação étnico-racial cujo objetivo é destruir a participação do outro diferente deles do fazer histórico e cultural como se pode depreender na História tanto brasileira quanto universal oficialmente narrada. Esta dominação ocorre, quando a identidade apresentada de maneira positiva é a dos grupos políticos geralmente pertencentes à classe dominante constituída, por uma maioria branca, que aparece como os únicos agentes históricos nas sociedades.

É nesse sentido que Loureiro (2004, p.49) diz que: *“O conceito de identidade está originalmente relacionado ao fato de um indivíduo construir sua própria História”*. Diante disso, pode-se entender porque os grupos que estão no poder tentam se apropriar da própria História, afirmando que sua identidade racial é a única.

Percebe-se que ao longo da História do Brasil, negaram a existência de identidades de negros e indígenas e quando as reconheceram, foi para desvalorizá-las, a fim de ressaltar as qualidades da sua. E como homem negro, e professor de História sei o quanto é difícil desconstruir esta estratégia de desigualdades. Trata-se de uma construção, que vem se recorrendo há cinco séculos.

Segundo: Loureiro (2004, pg.50) *“É necessário que cada geração descubra uma identidade em conformidade com sua própria infância e com uma promessa ideológica no processo histórico, a fim de poder se inserir na história”*.

Em relação às identidades étnicas do negro, que foi prejudicado ao longo de nossa História pela valorização da identidade étnica do branco, Chagas (1997, p.19) salienta:

Atingir uma identidade positiva, implica, para o negro, em conquistar a identidade segundo três dimensões. Bonfim (1988) ao discutir a formação de identidade, faz referência ao modelo tridimensional proposto por Goffman. Ele considera a identidade constituída por três dimensões independentes: a identidade social - categorias e os atributos que os outros conferem ao indivíduo; identidade pessoal – os dados e os itens biográficos; identidade do eu – as concepções e sentimentos que o indivíduo adquire em relação a si. Estas dimensões constituem uma unidade em constante movimento. Nas três dimensões propostas por Goffman, o negro encontra-se prejudicado, tanto no que tange à identidade social, quanto à identidade pessoal e do eu.

Nessas dimensões que o negro é prejudicado, aparecem com, outras palavras, no trabalho de Loureiro (2004, p.71):

... nega o segmento negro da população brasileira, ao mesmo tempo em que tem uma dinâmica de dominação e exploração deste último... Assim, sobre as pessoas negras são projetadas representações negativas, dando a esse grupo um sentimento de menos valia, que serve a uma lógica de dominação, por parte dos brancos, e sujeição por parte dos negros.

Loureiro (2004, p.71), apresenta ainda que ao segmento negro da população brasileira estão associados vários atributos negativos, como, por exemplo, malandragem, delinqüência e ausência de valores morais. Essa imagem é claramente um construto de ideologia racista que surgiu nas relações sociais no período da escravidão.

Continua dizendo, essa autora, que quando os membros pertencentes aos grupos excluídos e oprimidos dão forma a representações negativas de si e, conseqüentemente, de seu grupo étnico-racial, na rotinização das relações sociais. A identidade étnica fica esvaziada de seus valores mais caros, minados pelo processo de dominação do sistema etnocêntrico. Seu grupo perde as representações positivas de si a uma inversão nesse padrão, surgindo daí uma ideologia étnica alienadora.

Ainda discute a autora (2004, p.71-72), que essa alienação total da história de seu povo é criada e mantida socialmente, e se perpetua, inclusive, dentro das instituições de ensino, onde a história das etnias negras é resumida e restrita nos livros didáticos, à escravidão.

Ainda para Loureiro (2004, p.72)

O sistema interétnico brasileiro foi etnocêntrico desde a sua origem. O grupo que tinha maior poder bélico e econômico, formado na época pelos europeus, dominou e explorou os outros dois grupos que fazem parte do nosso sistema: os negros e os índios.

É possível compreender quais os objetivos de toda essa construção ideológica diante da afirmativa de Munanga (1996, p.22) quando destaca que neste contexto: *“Toda e qualquer heterogeneidade cultural, étnica e biológica constitui uma ameaça à identidade nacional”*.

Em outras palavras a diversidade étnica, cultural e racial é vista como uma ameaça ao interesse das classes dominantes, pois temem sofrer com a aceitação da diversidade uma desfragmentação do modelo instituído como ideal de homem branco, cristão.

Atualmente, conforme apresenta Munanga (1996, p.22) a chamada busca da identidade negra na retórica dos movimentos negros não parece mais perturbar a classe dominante brasileira. Pelo contrário, a classe dominante lança mão dessa busca para reiterar e reconciliar e reconfirmar a existência no Brasil, da dita democracia racial e, conseqüentemente, negar a existência do racismo, expressando-se, por isso, por meio das próprias contribuições culturais negras convertidas em símbolos da cultura nacional.

É nesse sentido que Munanga (1996, p.17) constata que: *“A identidade e o racismo não são fenômenos estáticos. Eles se renovam, se estruturam e mudam de fisionomia, de acordo com a evolução das sociedades, das conjunturas históricas e dos interesses dos grupos”*.

Percebe-se, na atualidade, principalmente no final do século XX, o surgimento de propostas para educação brasileira que fazem referência à pluralidade cultural existente no Brasil, e o motivo disso segundo Munanga (1996, p. 18) é que: *“... o pluralismo cultural é um dos fenômenos aceitos por todos hoje, porque nele se esconde o racismo”*.

Munanga menciona ainda em (1996, p. 17), que:

“Quanto mais crescem as diferenças favorecem a formação dos fenômenos de etnocentrismo que são pontos de partida para a construção de estereótipos e de todos os tipos de preconceitos, inclusive raciais”.

Esse autor continua dizendo que:

O discurso racista torna-se então culturalizado ou mentalizado, abandonando o vocabulário explícito da raça e do sangue e os rituais da metáfora biológica e zoológica. Essa substituição da noção zoológica de raça pela noção de cultura implica um deslocamento da problemática e uma refundição completa da argumentação antirracista...(1996, p. 18)

O pensamento de Munanga (1996, p.23) apresenta que é necessário:

... lançar mão dessa identidade cultural, tomar consciência de que ela existe e que ela contribuiu para modelar a cara do Brasil dentro e fora do país. Tomar consciência não no sentido contemplativo e messiânico, mas sim no sentido político para conquistar o lugar que os afro-brasileiros merecem na distribuição do produto político e sócio-econômico. De outro modo, defendo a idéia da busca e da construção de uma identidade afro-brasileira do ponto de vista político e não cultural, no sentido de tomada consciência de sua condição de um segmento étnico-racial excluído da participação na sociedade que contribuiu economicamente, com o trabalho gratuito como escravo e também culturalmente em todos os tempos na história do Brasil.

Nota-se, portanto, que não se deve abrir mão da História, pois é nela que percebe-se toda a contribuição sócio-econômico e cultural de africanos e afro-brasileiros, para o que foi e o que é o Brasil, possibilitando assim a construção positiva do pertencimento racial dos negros.

Segundo Munanga (1996, p. 23):

O reconhecimento da pluralidade, o respeito das identidades e das diferenças não se fará romanticamente. Se fará através do jogo político, pois a existência da identidade do afro-brasileiro supõe a existência das identidades dos outros. No jogo político de negociação das identidades nascerá uma verdadeira construção da cidadania, sem a qual não existe democracia.

Portanto, cria-se a necessidade de reflexão e desconstrução acerca das identidades dos brasileiros que se constrói sob uma base histórica de valorização da história e cultura européia. É fundamental a superação das construções ideológicas que são fortalecidas ao longo da História a partir dos interesses dos grupos que tiveram e que têm o poder de governar a sociedade. Grupo constituído, na maioria das vezes, por pessoas pertencentes a etnia branca que acabam determinando superioridades ou inferioridades na relação com afro-descendentes, indígenas e também os asiáticos.

A partir de minhas reflexões apresentadas, entendo acerca do que seja identidade e diferença os aspectos que estão ligados a cultura, a História e seu ensino. Assim: Pode-se compreender e superar as ideologias inferiorizantes, racistas, preconceituosas, historicamente, forjadas acerca das mulheres, homens, crianças, jovens e velhos negros, que foram lesados de seus direitos de cidadãos, desde o início da denominada colonização aos dias atuais.

É fundamental dizer que a cidadania deve-se dar no diálogo das identidades, no diálogo de nossa pluralidade étnico-racial, assim pode-se atingir o respeito às identidades, as diferenças étnico-raciais, que são base fundamental para a aceitação do pertencimento étnico-racial de negros.

- Da Ideologia do Branqueamento e Mito da Democracia Racial à Exclusão Social e Negação do Pertencimento Racial de Negros

A busca da formação de uma identidade nacional, como já se viu anteriormente, está relacionada diretamente ao que se denomina de “Ideologia do Branqueamento” e ao “Mito da Democracia Racial”. Ambas, ideologias, forjadas no final do século XIX e início do século XX, e que têm influência, ainda hoje, na sociedade, pois, influenciam as relações étnico-raciais. Em outras palavras atingem a relação entre negros e brancos, atingindo principalmente na aceitação ou não do seu pertencimento racial da parte dos negros.

É importante destacar que, no final do século XIX, trocava-se a mão-de-obra escrava pelo trabalho livre assalariado do imigrante europeu. Desta forma, criava-se clima que acirravam as idéias e manifestações racistas.

No século XIX, enquanto a escravidão estava em vias de ser abolida no continente americano, a ciência veio para validar a dominação racial, ao propor que caucasóides eram superiores às pessoas não brancas, em especial aos africanos. Antes disso, a raça servia para descrever a origem do indivíduo, não hierarquia de tipos biológicos. A subjugação dos índios e africanos deu-se mais por justificativas religiosas e morais do que por argumentos científicos. O estudo sobre raça no Brasil iniciou-se no final do século XIX, enquanto se dava o processo de abolição da escravatura, e havia por isso uma preocupação crescente com o efeito da raça no desenvolvimento futuro do Brasil. (TELLES, 2003, p.43).

A busca pela afirmação das ideologias que discutidas nestes capítulos, visava efetivar o que historicamente havia sido feito desde o início da chegada dos primeiros escravos no Brasil, colocar negros e indígenas à margem da sociedade.

Ao se extinguir a escravidão de africanos e afro-brasileiros no Brasil, as classes detentoras do poder procuraram se sustentar em novas ideologias, as quais conduziram a que os ex-escravizados à situação que narra Nogueira:

Embora juridicamente capazes de ocupar um espaço na sociedade, os negros eram, de fato, dela excluídos e impedidos de desfrutarem de qualquer benefício social, foram marginalizados, estigmatizados, marcados pela cor que os diferenciava e discriminados por tudo quanto essa marca pudesse representar. (NOGUEIRA, 1998, p.3)

Com a abolição legal da escravatura, os estudos de Lopes (1987), (Bento (2002), Santos. G (2002), Oliveira (2001) entre outros, nos têm revelado que, a mão-de-obra do negro foi substituída pela mão-de-obra branca do imigrante europeu, vindo para o Brasil, com o propósito da classe dominante da época, inclusive de embranquecer a população brasileira, pois, até então, a maioria dessa população era constituída de negros.

A libertação da escravatura não significou para o negro, ingresso na classe trabalhadora: ao contrário, tal processo foi vivenciado como um abandono: abandonado pelos senhores, ele se tornava um peso, um excedente na estrutura social” e ainda mais “O negro, contrariamente ao imigrante, que fez uma escolha de buscar uma nova oportunidade de trabalho, a fim de prosperar numa terra distante, foi capturado, aprisionado, estrategicamente animalizado pelo traficante que o colocava em condições de perda de identidade. (NOGUEIRA, 1998, p.31).

Os grupos que estavam no poder no Brasil, no final do século XIX, acreditavam ser necessário embranquecer o país para este ser visto com bons olhos pela comunidade internacional, a qual vivia e, ainda hoje, vive sob uma perspectiva europeia de sociedade. Sabe-se que a ideologia do branqueamento foi implementada antes mesmo do término oficial da escravidão brasileira, o que fica explícito com o incentivo da vinda de imigrantes europeus para o Brasil, como mostram os dados apresentados em trabalho de Bento:

Entre 1871 e 1920, ingressaram no Brasil cerca de 3.400.000 europeus, dos quais pelo menos 1.300.000 italianos, 900.000 portugueses e 500.000 espanhóis, dentre outros. Importante observar que num período de meio

século, o Brasil recebeu um número de imigrantes muito próximo ao número de escravos que aqui desembarcou em três séculos e meio. (BENTO, 2002, p.51).

Nesse contexto é possível perceber que o propósito de branqueamento da população brasileira demonstrava uma atitude discriminatória e preconceituosa em relação ao africano e afro-brasileiro. Essas ideologias que se fortaleceram há mais de um século atrás, tem seus efeitos no cotidiano da sociedade brasileira. Portanto faço denúncia sobre a atual situação da população negra na atualidade, destacando um fato ocorrido há dois anos atrás.

Um rapaz negro de classe média, dentista, foi morto no dia três de fevereiro do ano de 2004, em Santana, na zona norte de São Paulo, por sete policiais militares que o confundiram com um ladrão negro que teria assaltado um comerciante naquela região, por onde esse passava. Sendo ele o negro mais próximo no momento, acabou sendo apontado pela vítima do assalto como o praticante do crime e, o rapaz foi morto sem ter chance de se defender pelos policiais, e o comerciante ao perceber que havia cometido um engano e confundido o rapaz, acabou sendo coagido pelos policiais a reconhecer o jovem de vinte e oito anos como o suposto criminoso, o que foi relatado no boletim de ocorrência na delegacia.

O caso foi esclarecido quando o comerciante resolveu voltar à delegacia e contar toda a verdade, que havia sido coagido pelos policiais a colaborar com eles os quais, ainda, forjaram a existência de provas que incriminasse o rapaz por eles assassinado. (Folha de São Paulo fevereiro de 2004). Felizmente essa farsa veio à tona, ficando explícito, nesse fato, as discriminações que sofrem os negros, não somente na relação com a polícia que os trata diferentemente, mas também ao preconceito que emerge da sociedade civil, contra negros.

Ainda cabe registrar a experiência recente do Ministro do Supremo Tribunal Federal, Joaquim B. Barbosa Gomes, que foi barrado na entrada do (STF)⁷, devido a cor de

⁷ Supremo Tribunal Federal

sua pele. Tal fato mostra que no dia-a-dia, mesmo as pessoas negras que atingiram status na sociedade, sofrem discriminação-racial. Convive-se, com notícias relacionadas a essa questão, diariamente, mostrando que não basta o negro ascender socialmente para superação do racismo, discriminação e preconceito racial.

Como se vê, é necessário discutir as relações étnico-raciais, haja visto que grande parte das pessoas não se preocupam com essa questão, pois a consideram de menor importância. Valorizam apenas as questões econômicas como fator que estaria influenciando na condição de vida das pessoas negras. Toma-se como exemplo, as pessoas contrárias a ações afirmativas quando reduzem à explicação da exclusão social a questão econômica e ao conflito das classes sociais.

Os que fazem a historiografia e têm posturas racistas pretendem que os negros aceitem a idéia de que o problema da exclusão que vivem é social. E no ensino de História tenta-se provar, alegando que são pobres, mas não analisam quais formas e as relações que os puseram nas condições de pobreza, e porque mesmo aqueles que conseguem romper com isso, continuam sofrendo discriminações em virtude da cor.

Sabe-se da importância dos estudos econômicos, pois estes podem revelar por meio do perfil salarial entre negros e brancos, o racismo nas relações de emprego. No que tange à exclusão étnico-racial, essa perspectiva econômica é insuficiente para explicar. É necessário avançar além das condições econômicas, para romper com a discriminação-racial, o preconceito e o racismo, que influenciam na aceitação ou não do pertencimento racial negro pelos afro-descendentes. Neste trabalho busco compreender como se dá em meio às teias ideológicas construídas historicamente, muitas vezes, fortalecidas sob a base de questões econômicas, que visam deturpar a realidade da discriminação e do preconceito racial no Brasil.

O mito da democracia racial e a ideologia do branqueamento são as bases para sustentação de relações de superioridade e inferioridade, desenvolvidas ao longo da História com o propósito de afirmar inferioridade de africanos e afro-descendentes, que

podem vir a acatar o sentimento de inferioridade e conseqüentemente não assumir publicamente seu pertencimento racial.

O problema, no Brasil, é sim de preconceito racial, discriminação e racismo, os quais foram sedimentados ao longo da nossa História e que ficam explícitos quando aprofundam-se na sutileza e destreza das ideologias que permeiam a sociedade e que são fortalecidas por meio de uma educação e de um ensino de História enviesado, que afirma harmonia, em meio a uma verdadeira contradição que atinge violentamente negros e não negros no Brasil.

Toda essa situação é mantida por políticas que visavam e, ainda, visam, única e exclusivamente, manter os interesses das classes que estão no poder, como fez a classe dominante brasileira quando procurou a eliminação dos negros, vistos por eles como inferiores. Fato que não limitou-se apenas as pessoas negras, mas também aos documentos que tratavam da escravidão, os quais foram queimados no período pós-escravidão, visando apagar as marcas e efeitos desta, na sociedade.

Foi utilizado como suporte científico para o mito da democracia racial o trabalho de Gilberto Freyre, *Casa Grande e Senzala* (1933), afirma que a escravidão não teria sido prejudicial nas relações entre negros e brancos no Brasil, tanto nas existentes no período escravocrata como após a abolição legal da escravatura, buscando, com isso, constituir uma identidade nacional, reafirmada na mestiçagem e na harmoniosa relação entre brancos e negros. Assim, como se vê em: Schwarcz (1993).

Essa visão, de que se vive harmoniosamente sem problemas que perpassem pelo racismo, preconceito e discriminação racial, não é real, pois, as falas dos alunos em textos produzidos em aulas de História e resultados de pesquisas realizadas sobre essas questões contradizem quem mantém a posição de que vive-se em um paraíso racial. Veja que:

Os círculos dominantes da sociedade brasileira sempre proclamaram a inexistência do racismo e do preconceito na sociedade brasileira. Em termos oficiais há um grande esforço em provar que o Brasil é uma “*democracia*”

racial”, por alguns intelectuais, o preconceito é de classe e não de raça, pois a medida que o indivíduo, dentro de um continuum de cor, vai se aproximando do branco atenuam-se as formas de barreiras que se erguem contra o seu caminhar social. (LOPES. A 1995, p.62).

É em busca das questões que perpassam o sentimento do pertencimento racial, que vai ficando evidente, no transcorrer desse trabalho, que a ideologia do branqueamento e o mito da democracia racial estão diretamente relacionados ao sentimento de inferioridade introjetado no negro e de superioridade nos não negros.

Sendo professor de História, indagando sobre o ensino dessa disciplina e o objeto dessa área de conhecimento, penso ser fundamental, dizer ter sido o mito da democracia racial, tecido por antropólogos e historiadores, que forjaram uma harmonia inexistente nas relações raciais entre negros, indígenas e brancos na sociedade brasileira, e que, infelizmente, não tem sido combatido na escola e, sim, mantido. Desta forma-se utiliza a educação como sustentação de interesses que não são os mesmos dos grupos excluídos.

Segundo Bordieu & Passeron (1982, P. 206-207) A escola não inculca unicamente valores e modos de pensamentos dominantes, como também reproduz os privilégios já existentes na sociedade, privilegiando os já privilegiados. A escola se limita a confirmar e reforçar o “habitus” de classe, ou seja:...uma formação durável e transportável, isto é, um conjunto de esquemas comuns de pensamentos, de percepção, de apreciação e de ação.

O que a escola tem reproduzido, evidencia-se em minhas observações feitas, ao longo de minha vivência social, familiar e escolar, enquanto negro, estudante, e, hoje, professor de História e pesquisador, pois tenho refletido muito diante dessas observações relacionadas ao padrão tido como ideal pela sociedade, sustentado, entre outros por “piadinhas” preconceituosas direcionadas ao povo negro e a banalização da religiosidade oriunda dos negros africanos e afro-brasileiros.

Parece-me óbvio, que as ideologias do branqueamento e do mito da democracia racial, ainda alicerçam e justificam, em meio a outras ideologias, que atravessam o universo do povo negro e não negro, fazendo com que todos acreditem que o negro não

tem História, enquanto africano e afro-brasileiro no Brasil. Ocorre, no entanto, a importância da superação dessas ideologias que prejudicam o sentimento de pertencimento racial positivo para os negros, pois estes têm prejudicado sua auto-estima e identidade por não se sentirem agentes históricos, sentimento este que deve acontecer entre negros e brancos já que todos fazem, pertencem a História.

REFERÊNCIAS TEÓRICAS II

O PERTENCIMENTO RACIAL NO ENSINO DE HISTÓRIA

- A concepção de História adotada na pesquisa

Apresento a concepção de História e de seu ensino que se faz presente nesta pesquisa. É importante dizer que enquanto disciplina, esta estuda a vida humana através do tempo. Ao propor estudar o que os homens fizeram, pensaram ou sentiram enquanto seres sociais compartilho com estudiosos da História como Le Goff (1924) e outros autores que dizem que ao estudar História, se adquire consciência da trajetória humana, consciência do que fomos, para transformar o que somos.

Neste sentido, o presente trabalho tem referencial conceitual na História Nova. A partir publicação dos Annales, a História deixa de ser uma disciplina que trata unicamente de ações políticas, para assumir as questões sociais, dessa maneira preocupa-se em entender a sociedade, as formas de sociabilidade, nos diversos tempos vividos pela humanidade. (DOSSE, 1950, p. 255-256).

Cabe lembrar que foi resistindo a mera explicação política dos fatos históricos e ampliando as análises econômicas, que surge o movimento dos Annales, que lança sua revista em 15 de janeiro de 1929, intitulada “Annales d’histoire économique et sociale”, tendo como fundadores os historiadores Marc Bloch e Lucien Febvre. Seus textos correspondiam aos períodos da História Antiga e Medieval, avaliando e seguindo o anunciado no título, questões econômicas, sociais e do cotidiano. (DOSSE, 1950, p.21-22).

Compartilho com a concepção da História Nova, porque a partir desta perspectiva surge a possibilidade de: homens, mulheres, negros, indígenas, jovens, idosos e idosas e outros inferiorizados historicamente de se verem enquanto agentes históricos,

participes do fazer da História de seu país, de sua cidade, de seu bairro, pois esta concepção histórico reconhece que todos fazem História.

Segundo Oliveira:

Está história dá voz aos segmentos populacionais então silenciados, através de fotos, diários, filmes, jornais, depoimentos”. Inclui também aí, a voz do pesquisador, porque sabe que a interpretação e a compreensão do emergir dos dados, passa pela sua visão de mundo. Oliveira (2002, pg.106)

Cabe dizer que ao reconhecer que as pessoas denominadas comuns são agentes históricos, a História Nova não rompe totalmente com a perspectiva da História positivista, pois não deixa de valorizar feitos de algumas pessoas, que na maioria das vezes são apresentadas como heróis.

Não abandonou a idéia da existência de hierarquias na sociedade, fundamentadas em relações de superioridade e inferioridade, o que conseqüentemente tenta fazer acreditar que há uma maior importância nas ações feitas por parte de algumas pessoas no fazer histórico.

Diante disso, destaco que o importante da perspectiva da História Nova é que ao aceitar que todas as pessoas fazem História, abre a possibilidade de rompimento com o eurocentrismo tão presente na História do Brasil e mesmo na História universal.

Acredito que com essa perspectiva surge a possibilidade de superação da História que tem por núcleo os “*grandes homens*”, desconsiderando os que não fazem parte de seu grupo que na maioria das vezes é constituído de homens e mulheres brancos, ricos e cristãos.

Daí a importância da História Nova para que se tenha uma melhor compreensão de como se dá à aceitação do pertencimento racial de negros. Por conta disso, a ênfase neste trabalho, na perspectiva da História Nova valoriza a micro-história, ao invés de ater-se à macro-história, que na maioria das vezes omite a participação das pessoas comuns tais como: negros, indígenas, mulheres, crianças, idosos, idosas e pobres,

no fazer histórico, favorecendo a história dos grupos detentores do poder que até agora exercem influência na historiografia e no ensino de História, ainda em pleno século XXI.

A omissão persistente acerca da História das pessoas comuns ajuda a manter as tensões permanentes entre os diferentes grupos étnico-raciais na sociedade brasileira, que é fortemente influenciada pela historiografia oficial, a qual exclui, as pessoas comuns fazendo com que não se sintam e nem se vejam enquanto agentes ativos partícipes no fazer da História.

Saliento a importância da perspectiva da micro-história, aqui entendida conforme Levi (1992, pg.133) *“A micro-história é essencialmente uma prática historiográfica em que suas referências teóricas são variadas e, em certo sentido, ecléticas”*.

Por conta disso, *“... a micro-história em si nada mais é que uma gama de possíveis respostas que enfatizam a redefinição de conceitos e uma análise aprofundada dos instrumentos e métodos existentes”*. Levi (1992, p.135). Essa análise toma mais força por conta de basear-se na observação, em análise microscópica de realidades e em um estudo intensivo do material documental. Levi (1992, p.136)

Ao adotar a corrente histórica na perspectiva da História Nova, não desconsidero as contribuições das concepções positivista e marxista de História.

Compartilho com Wedderburn (2005, p.134) Quando diz que *“Como todas as disciplinas humanísticas, a história é um campo movido prestando-se a múltiplas distorções”*.

Julgo necessário aqui destacar que as críticas por mim levantadas acerca da concepção positivista de História em vários momentos deste trabalho, não significam afirmação de que com ela, muitas vezes restrita a conteúdos que fazem referência a heróis, datas e outros, não se aprenda História.

O problema dessa concepção de História aparece nos dizeres de Oliva (2003, p.425): *“Todos esses conteúdos eram apresentados com pouco ou nenhum perfil crítico e não existiam brechas para a participação das pessoas comuns nos fatos tratados”*. Por isso,

a dificuldade para que eu me vice na História, tal como apresentei no primeiro capítulo deste trabalho.

Outra concepção de História presente nas escolas é a que segue a perspectiva marxista a qual trata a História com uma abordagem das relações entre classes sociais. A essa visão teço critica por não trazer referências ao povo negro, restringindo suas condições de participação social a problemas econômicos vividos, ainda hoje por este grupo na sociedade brasileira.

É interessante observar que os problemas dos negros não estão restritos a questões econômicas, conforme muitos insistem em afirmar cotidianamente. Ao restringir-se a este entendimento, não se favorece a superação das ideologias de inferiorização, do preconceito racial e do racismo contra os negros.

Diante desse quadro compartilho com a posição de Borges quando fala que a História:

É a história do processo de transformação das sociedades humanas, desde o seu aparecimento na terra até os dias em que estamos vivendo. Desde o início, portanto, pode-se tirar uma conclusão fundamental: quer saibamos ou não, quer aceitemos ou não, somos parte da história e temos então todos, desde que nascemos, uma ação concreta a desempenhar nela. São os homens que fazem a História; mas, evidentemente dentro das condições reais que encontramos já estabelecidas, e não dentro das condições ideais que sonhamos. Eis aí a razão de ser, a justificativa da história,...o conhecimento histórico serve para nos fazer entender, junto com outras formas de conhecimento, as condições de nossa realidade, tendo em vista o delineamento de nossa atuação na história. (BORGES, 1980, p.45).

A História Nova possibilita o rompimento com a História dos “*vencidos e vencedores*”, conforme se vê em (OLIVEIRA, 2001, p.107). Possibilitando assim atingir os objetivos propostos nesta pesquisa que busca compreender como ocorre a aceitação ou não do pertencimento racial de alunos afro-descendentes a partir do que se conhece e se estuda no ensino da História.

Com essa perspectiva tem-se a possibilidade de superação da História tradicional por mim entendida conforme se vê em (Sharpe, 1992, p.40):

“Tradicionalmente, a história tem sido encarada, desde os tempos clássicos, como um relato dos fatos dos grandes. O interesse na história social e econômica mais ampla desenvolveu-se no século dezanove, mas o principal tema da história continuou sendo a revelação das opiniões políticas da elite”.

Segundo LE GOFF (1994, p.477). *“A memória onde cresce a História, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de maneira que a História sirva para a libertação e não servidão dos homens”*. É isto que desejo do ensino de História.

Não busco apenas contrapor a visão construída ideologicamente pela historiografia brasileira e universal em que são exaltados heróis, os feitos dos denominados *“grandes homens”*. A História que valoriza aspectos econômicos como mais relevantes na História, é preciso levar em consideração aspectos ligados a ideologias racistas, preconceituosas e discriminatórias que atingem ainda hoje os descendentes de africanos no Brasil, já passados mais de um século de abolição legal da escravatura.

- Ensino de História no Brasil

Ao tratar sobre o ensino de História, parto de minha experiência de aluno e hoje professor do ensino dessa disciplina, faço uma reflexão a partir do que se estuda nessa área de conhecimento acerca das relações étnico-raciais. Destaco que ainda quando estudante no período que compreendia ao ensino fundamental, não gostava do ensino dessa disciplina, e esse fator foi também constatado por mim em um trabalho de pesquisa intitulado: *“Reflexões sobre o ensino de história frente as exigências de um novo tempo”* (Andrade, 1997), realizado no período de minha graduação em História, que coincide com o que aparece em muitos outros trabalhos tais como o de Basso (1989), Neves (1985) que tratam sobre o ensino dessa disciplina.

Constata-se que este desinteresse acontece por conta do ensino dessa disciplina, predominante em pleno início do século XXI, *estar sendo passado com o*

propósito de dar lições do passado exercendo uma função “moralizadora” ou seja, aquela História que servia para corrigir os erros e servir para ação dos futuros governantes.
(Carbonari, 2001 p.1)

Recordo-me que no período de estudante, as aulas se davam por meio de cópias de textos históricos passados na lousa, que ao término da aplicação do conteúdo, era passado um questionário, que deveria ser decorado, pois este seria cobrado nas avaliações, e para obter uma nota satisfatória, as respostas deveriam estar de acordo com os questionários passados pelos professores. Quanto mais idêntica estivessem as respostas maior seria a nota atribuída, e nunca era valorizada opinião crítica de estudantes diante daqueles conteúdos aplicados. Tal dito anteriormente. Recordo-me que era possível perceber que os professores tinham conhecimento sobre os conteúdos aplicados, assim como se vê na fala de Rocha (1996, p-55), quando diz que:

O insucesso do professor de História, na maioria das vezes, não deriva propriamente da falta de domínio de conteúdo, mas sim de uma postura conservadora na sua utilização. Mesmo um conteúdo tradicional pode sofrer determinados recortes para que se transforme num objeto adequado ao processo ensino-aprendizagem. Há que se ficar atento, no entanto, para as implicações ideológicas que acompanham a escolha da técnica e do conteúdo, pois, tanto uma como outra, estarão atreladas ao objetivo que se quer atingir. O que significa dizer que conterà a marca da visão de mundo do professor, ou seja, fundamentalmente da forma como concebe a História e o ensino.

Esse autor alerta ainda, em outro momento, para o excesso das aulas expositivas no ensino dessa disciplina, pois, esse fator contribuiria para a produção de um alunado de baixo senso crítico, uma vez que este é colocado na condição de objeto a ser moldado. Rocha destaca ainda que esse tipo de ensino cai como uma luva para a visão positivista da História. Parece que um foi feito para o outro, História linear, causal, evolutiva, política, dos vencedores, dos heróis, constituem, no seu conjunto, o alvo da preferência desse professor. Rocha (1996, p.55-56).

Aparece em trabalho da autora Cruz (1996-pg, 67) a visão dos professores quando foram questionados sobre o que é História. O que prevaleceu na idéia destes foi

uma visão positivista desta área de conhecimento, caracterizada pela idéia de um conhecimento absoluto, definitivo, que é comprovado pelos fatos históricos, por meio de transformações que ocorreriam de maneira mecânica, num encadeamento de causas e conseqüências.

A História é vista como um conhecimento global, que organiza todo o passado da humanidade num *continuum harmonioso*, que evolui a partir de causas e conseqüências. Enfim, há um conhecimento pronto, acabado, não passível, portanto, de questionamento.

Essa autora apresenta ainda quais os efeitos do ensino de História passado por esses professores na escola. Enfatiza ela que há o modelo tradicional que é caracterizado pela transmissão de conhecimentos que são apresentados ao aluno como verdades inquestionáveis, que desencadeia na desvalorização do saber do aluno e da sua realidade.

Além disso, promove uma visão limitada do conhecimento, favorecendo a formação de mentes acríticas e passivas, pois os alunos seriam meros repositários de fatos e informações fragmentadas, criticando essa situação, que desencadeia em uma concepção também acrítica da sociedade que passa a ser aceita, também, como pronta e acabada, portanto, não passível de ser transformada. Cruz (1996, p.69)

Ainda no que tange a minha experiência de aluno posso dizer que, ao longo do período que corresponde ao ensino fundamental, de 1ª à 8ª série, o ensino de História que tive foi esse apresentado pela autora Cruz, cuja postura positivista dos professores, que não faziam, em momento algum interessar-me por essa disciplina.

Também não posso dizer que não aprendi muito sobre a História com esse ensino, pois mesmo tendo sido factual, limitado a datas, nomes de supostos heróis e nunca ter me identificado com o ensino dessa disciplina por não encontrar referências de meus antepassados africanos nela.

O sentimento da ausência de africanos e afro-brasileiros na História oficial apresentada é um fator que motiva buscar compreender e reivindicar quais as reais

contribuições de meu povo para minha história, que se escreve desde os meus antepassados africanos e também de minha tataravó indígena, pois aprendi a História do homem branco, cristão que tentou sufocar, aniquilar a origem histórica de negros e indígenas no Brasil, prejudicando assim a aceitação do pertencimento étnico-racial dos descendentes desses grupos étnicos.

As indagações que surgiram no ambiente familiar, social e escolar, que permearam minha formação de estudante principalmente na época de meu ensino fundamental, começaram a serem superadas no período que corresponde aos meus estudos no ensino médio. Como já dito anteriormente, foi apenas no ensino médio que passei a interessar-me pelo ensino de História. Foi nessa época de estudos que tive uma professora, a qual as aulas ainda hoje me vêm de maneira que sinto satisfação em relembra-las.

A partir das aulas que tive com essa professora, passei a ter interesse em cursar licenciatura em História. Quando refleti sobre o trabalho dessa professora constatei que ela mantinha em sua prática um discurso que perpassava pelas discussões de cunho social, econômico e político, ou seja, tinha uma visão de História que ia além da postura positivista, pois incentivava uma visão crítica dessa disciplina. O que motivava-me a ouvir a estudar essa disciplina, era pelo fato que acontecia nas aulas uma abordagem na perspectiva da relação de classes sociais, que sentia-me parte da História enquanto pertencente a classe econômica média que situa-se entre a classe alta e a classe baixa que é fator que demarca a posição das pessoas nas relações sócio-econômica dentro da sociedade.

Mas compartilho que mesmo nessa nova perspectiva de aprender História, faltava-me uma abordagem da História sobre o racismo, o preconceito e discriminação racial presenciado ao longo de minha vida, principalmente quando estudava a História de meu povo nessa disciplina. Mesmo sentindo-me motivado pelo ensino dessa disciplina, sentia angústia de não conseguir, por meio do ensino de História sentir orgulho de meu pertencimento étnico-racial.

Daí a necessidade do ensino de História que rompe com a narrativa apresentada pelos livros didáticos que acabam sendo aceitos como verdades absolutas pelos professores, funcionando como se fossem a própria realidade histórica. Rocha (1996 pg-62).

É fundamental buscar por meio do ensino de História a superação do que vem sendo veiculado nesta disciplina, ou seja, um ensino que prejudica o pertencimento racial do negro, que tem sua identidade negra prejudicada por conta da omissão historiográfica, que valoriza a identidade do homem branco como positiva e a identidade do negro como negativa, deixando-os invisíveis como se não tivessem História.

Quando destaco que a historiografia mantém, uma postura de valorização da matiz européia em detrimento de outros grupos étnicos, não tenho dúvida que há de ser revisto não somente os escritos históricos, mas também a prática dos professores dessa disciplina em sala-de-aula. Para Nunes (1996, p.11) para a superação desse ensino de História tanto o professor como os alunos precisam ver o ensino da História de um outro ângulo, é preciso que se sintam sujeitos e não apenas objetos da construção do processo histórico.

Essa autora destaca ainda que:

O que se pretende é conhecer, esclarecer e visualizar possíveis soluções que contribuam na superação da idéia de um estudo da História, que tem apresentado como eixo o ensino do passado pelo passado, um estudo sem vinculação com o contexto da vida real de alunos e professores que, como sujeitos históricos e sociais, raras vezes são levados em conta quando da elaboração da maioria das propostas programáticas e metodológicas que sustentam o ensino da História, principalmente de 5ª a 8ª séries.

Essa denúncia feita por Nunes acerca da elaboração de propostas para a educação em seus diferentes níveis, vem a calhar com as propostas feitas pelos governos municipais, estaduais e federais, tal como a proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais o qual reflito a seguir.

-O ensino de História na perspectiva dos Parâmetros Curriculares Nacionais

Hoje, quase não se fala dos Parâmetros Curriculares Nacionais, que estão em vigência no Brasil, enquanto propostas para a educação. Estes surgiram como uma norma nacional de unificação curricular, cujas origens estão ligadas a Conferência Mundial de Educação para Todos, realizada em Jomtien, na Tailândia, em 1990, convocada pela Unesco, Unicef, PNUD e Banco Mundial, em que vários países comprometeram-se a desenvolver propostas na direção de *“tornar universal a educação fundamental e ampliar as oportunidades de aprendizagem para crianças, jovens e adultos”*. (PCNs, 1998, p.19).

Com essas propostas, pela primeira vez no Brasil, ocorreu uma orientação para a elaboração curricular que deveria ser respeitada. Esse documento diz estar atendendo a diversidade (regionais, locais) e também, como nunca havia acontecido, se reconhece que o Brasil é um país que não é monocultural. Ou seja, o sistema de ensino diz, que não vive-se com uma única perspectiva de cultura e, sim, em uma pluralidade cultural.

A publicação oficial dos Parâmetros Curriculares Nacionais se deu no ano de 1998, momento em que ainda estava na graduação do ensino de História, iniciando minhas atividades enquanto professor.

Recordo-me das discussões e questões polêmicas que surgiam em aula nas disciplinas de Didática, Prática de Ensino e História sobre o que estaria por vir a partir dos PCNs, pois iniciava-se, com aquelas propostas, um período de mudanças para a educação brasileira.

A discussão era que a disciplina de História seria uma das mais afetadas por essas mudanças. Percebia tal fato com o exemplo dos Parâmetros Curriculares Nacionais, que apresentam entre os seus dez objetivos principais para o ensino fundamental, cinco estarem relacionados a esta disciplina.

Esse documento apresenta que a área de História tem como pressuposto, possibilitar ao aluno aprender a realidade na sua diversidade e nas múltiplas dimensões

temporais. Destaca ainda os compromissos e as atitudes dos indivíduos, de grupos e de povos na construção e na reconstrução da sociedade, inclusive propondo estudos das questões locais, regionais, nacionais e mundiais, das diferenças e semelhanças entre culturas, das mudanças e permanências no modo de viver, de pensar, de fazer e das heranças deixadas por outras gerações. (PCNs, 1998, p.60).

Ressalta-se que, quando foram lançadas essas propostas, o ministério da educação dizia buscar uma nova forma de educar alunos (as) para o próximo milênio. Este é o papel atribuído aos Parâmetros Curriculares Nacionais: formar cidadãos desses novos tempos, neste sentido, os conteúdos e o ensino das disciplinas teriam que se adaptar.

Confesso que de início até seduziu-me tal proposta, pois cheguei a pensar que a partir dessas, seria possível tratar das relações étnico-raciais na sociedade brasileira, embora o tema não fosse tratado nesse documento. Porém os Parâmetros Curriculares Nacionais não apresenta um problema nuclear e sério, provocado pela multiplicidade, não só da cultura, mas racial, sobretudo pela presença negra.

Não tenho dúvida que os PCNs carecem de mais clareza, de seus reais objetivos, principalmente por se tratar de um país com uma rica diversidade étnico-cultural, que foi historicamente menosprezada, ignorada, manipulada por interesses dominantes, que sempre valorizaram a visão europeia de sociedade que prevalece até hoje.

Mesmo após o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso ter assumido ser o Brasil um país marcado pelo problema do racismo, preconceito e discriminação que, historicamente, havia sido negado, ainda persiste a idéia que estes problemas não existem. Tal equívoco ocorre devido a influência do mito da democracia racial que ainda é presente na sociedade, levando muitos a acreditarem que o problema no Brasil é única e exclusivamente econômico. Essa idéia é reforçada nos dizeres do Ministro de Educação e do Desporto, Paulo Renato de Souza, no ano da publicação deste documento, em 1997. *“Vivemos numa era marcada pela competição e pela excelência, em que progressos científicos e avanços tecnológicos definem exigências para os jovens que ingressarão no mundo do trabalho”.* (PCNs, 1998, p.06).

E ainda diz que: *“O papel fundamental da educação no desenvolvimento das pessoas e das sociedades amplia-se ainda mais no despertar do novo milênio e aponta para a necessidade de se construir uma escola voltada para a formação de cidadãos”* (PCNs, 1998, p.06).

Daí surge-me um questionamento como um documento oficial, que faz menção para uma educação voltada para a cidadania, não apresenta uma discussão sobre as relações étnico-raciais tão importantes para cidadãos conscientes de seu pertencimento étnico-racial. Pergunto-me: Que cidadão eles dizem, preparado para questões que perpassem a ordem do cotidiano que se dá entre toda a diversidade étnico-racial brasileira ou restrito aos problemas gerados pelo processo vigente de globalização econômica que estende-se desde o final da Segunda Guerra Mundial e sobretudo, nas duas últimas décadas do século XX, que a comunicação e interdependência internacionais acentuaram-se de tal maneira que o mundo passou a funcionar com um sistema global.

Diante desse contexto que surgem os PCNs, com suas propostas de inclusão, que em minhas reflexões, satisfazem apenas os interesses do Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD) e do Fundo Monetário Internacional (FMI), oferecendo, muitas vezes, uma educação omissa, negligente, ou seja, que corresponde aos interesses dos países ricos, pois assim podem manter por meio da dominação econômica a exploração aos países por eles chamados de subdesenvolvidos, principalmente na América Latina e África, mantendo-se assim seus interesses único e exclusivamente capitalistas.

Penso ser muito pouco a proposta dos PCNs por limitar-se a uma perspectiva econômica como foco central de uma proposta que diz aceitar a pluralidade cultural existente no Brasil e ainda mais por não fazer menção as relações étnico-raciais tensas no Brasil por conta do racismo, do preconceito e discriminação racial. Acredito que a partir da valorização do reconhecimento de todas as pessoas como agentes históricos, em que se sintam valorizados independentes de seu pertencimento-racial, estará contribuindo para uma sociedade mais justa, com os valores e os direitos humanos, que devem ser para todos, e não para uma minoria que se faz dona do poder.

A pluralidade cultural dos PCNs não é a mesma da realidade, pois omitem a contribuição real de todos os povos que contribuíram e ainda contribuem para a diversidade étnica e cultural brasileira. Torna-se, portanto, necessário romper com essa visão de pluralidade cultural desse documento e ir além dessa proposta, em que para ser cidadão tem que estar preparado para os caprichos dos interesses econômicos dos grupos que tem o poder de governar.

- Uma Nova Perspectiva para O Ensino de História a partir das: Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana

Destaca-se que foi aprovado e homologado recentemente o Parecer nº: CNE/CP 003/2004 Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana regulamentado o dispositivo na lei 10639/2003. Nessas Diretrizes fica claro o propósito de desconstruir os mitos que passam pela ideologia do branqueamento e pelo mito da democracia racial.

Tais Diretrizes apresentam que é necessário valorizar, divulgar e respeitar os processos históricos implementados pela resistência negra desde os que acontecem de formas individuais até as coletivas.

Essas propostas propõem também o rompimento com o ensino de História que vem sendo criticado desde o início desse trabalho, pois com sua implantação têm-se possibilidades de rompimento com as teorias racistas que ainda, em pleno século XXI, permeiam o ensino da disciplina de História e até mesmo de outras áreas de conhecimento. As Diretrizes Curriculares não é a solução definitiva para a superação das ideologias que desfavorecem a aceitação do pertencimento racial de afro-descendentes.

Não é a solução definitiva, mas acredito que possa servir como mais uma frente na luta contra as discriminações, racismo, muitas vezes, reafirmados em currículos e conteúdos escolares, que só beneficiam os interesses dos grupos que sempre estiveram no

poder e, em sua maioria, descendentes da etnia branca européia que não representam os povos indígenas, africanos e seus descendentes da diáspora.

A educação das relações étnico-raciais não é exclusividade da História, mas de todas as áreas de conhecimento, pois todas fazem História e podem contribuir para superação dos problemas que possam surgir na temática das relações étnico-raciais ligados ao ensino de todas essas áreas.

Com a proposta das Diretrizes Curriculares surge uma nova possibilidade para o ensino de História e outras disciplinas em todos os sentidos, pois a partir desta proposta pode-se evitar as distorções praticadas no ensino brasileiro e também em outras áreas do conhecimento, que acabam por prejudicar os afro-descendentes na aceitação de seu pertencimento racial, já que não apresenta seus antepassados de forma positiva, o que compromete a ação desse grupo na luta por seus direitos de cidadãos que deve acontecer com indígenas, asiáticos e europeus. Compreende-se que:

O parecer procura oferecer uma resposta, entre outras, na área da educação, à demanda da população afrodescendente, no sentido de políticas de ações afirmativas, isto é, de políticas de reparações, e de reconhecimento e valorização de sua história, cultura, identidade. Trata, ele, de política curricular, fundada em dimensões históricas, sociais, antropológicas oriundas da realidade brasileira, e busca combater ao racismo e a discriminações que atingem particularmente os negros. Nesta perspectiva, propõe à divulgação e produção de conhecimentos, a formação de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos orgulhosos de seu pertencimento étnico-racial - descendentes de africanos, povos indígenas, descendentes de europeus, de asiáticos – para interagirem na construção de uma nação democrática, em que todos igualmente tenham seus direitos garantidos e sua identidade valorizada. (PARECER n.º: CNE/CP 003/2004, p.10)

Tal proposta mostra que para evitar as distorções é necessário uma articulação entre passado, presente e futuro no âmbito de experiências, construções e pensamentos produzidos em diferentes circunstâncias e realidades do povo negro. É significativamente privilegiado para a educação das relações étnico-raciais e têm por objetivos o reconhecimento e valorização da identidade, história e cultura dos afro-brasileiros, garantia de seus direitos de cidadãos, reconhecimento e igual valorização das

raízes africanas da nação brasileira, ao lado das indígenas, européias, asiáticas. (PARECER n.º: CNE/CP 003/2004 p.20)

Observa-se que os objetivos apresentados nessas Diretrizes visam a afirmação positiva dos afro-descendentes que foram prejudicados na constituição do que foi e do que é a sociedade brasileira. Por isso se propõe que:

O ensino de *História Afro-Brasileira* abrangerá, entre outros conteúdos, iniciativas e organizações negras, incluindo a história de quilombos, a começar pelo de Palmares, e de remanescentes de quilombos, que têm contribuído para o desenvolvimento de comunidades, bairros, localidades, municípios, regiões (Exemplos: associações negras recreativas, culturais, educativas, artísticas, de assistência, de pesquisa, irmandades religiosas, grupos do Movimento Negro). Será dado destaque a acontecimentos, realizações próprios de cada região, localidade. (PARECER n.º: CNE/CP 003/2004, p.21).

As propostas destacam avanços para o ensino de História por não se fecharem em uma perspectiva positivista da História, ou apenas que se limite ao horizonte das classes sociais, pois propõem tratar a partir da realidade cotidiana de pessoas e de fatos que passam pela historicidade dos afro-descendentes e de outros grupos prejudicados ao longo de nossa História.

Tal proposta aponta para que:

O ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana se fará por diferentes meios, em atividades curriculares ou não, em que: - se explicita, busque compreender e interpretar, na perspectiva de quem o formule, diferentes formas de expressão e de organização de raciocínios e pensamentos de raiz da cultura africana; - promovam-se oportunidades de diálogo em que se conheçam, se ponham em comunicação diferentes sistemas simbólicos e estruturas conceituais, bem como se busquem formas de convivência respeitosa, além da construção de projeto de sociedade em que todos se sintam encorajados a expor, defender sua especificidade étnico-racial e a buscar garantias para que todos o façam; - sejam incentivadas atividades em que pessoas – estudantes, professores, servidores, integrantes da comunidade externa aos estabelecimentos de ensino – de diferentes culturas interatuem e se interpretem reciprocamente, respeitando os valores, visões de mundo, raciocínios e pensamentos de cada um. (PARECER n.º: CNE/CP 003/2004, p 20)

Cabe destacar que as propostas apresentadas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana não são a solução definitiva para a superação das relações étnico-raciais tensas entre negros e brancos, pois essas Diretrizes Curriculares não garantem o rompimento com a visão de mundo predominante europeia que, ao longo de cinco séculos, tem se sustentado principalmente pela educação aplicada nas escolas, que sempre reproduziram perspectivas únicas de História e cultura com bases no que se tem produzido na Europa.

Concluo ressaltando que a discussão das relações étnico-raciais deve acontecer entre negros, indígenas, asiáticos e brancos, sendo estes crianças, jovens, adultos ou idosos, onde quer que estes se encontrem, ou seja, nos terreiros de macumba ou candomblé e outros, nos templos cristãos católicos ou protestantes, nas mesquitas muçumanas, nos templos budistas, nas escolas, nas famílias, no ambiente de trabalho, em todos os lugares que mantêm-se relações com outras pessoas as quais nos identificamos ou não. Penso que há condições de construir o pertencimento étnico-racial favorável, diferentemente do que pode-se observar por meio do que se encontra na História oficial e no ensino desta, que valoriza apenas o sentimento de pertença de pessoas brancas e europeias.

CAPÍTULO III

O PERTENCIMENTO RACIAL A PARTIR DAS RELAÇÕES COTIDIANAS: FAMÍLIA, ESCOLA e SOCIEDADE.

Foram entrevistados quatro jovens ex-alunos que integraram o projeto de ações afirmativas denominado Ação Cultural Palmares, Programa de Ação Integrada, vinculado ao Departamento de Física da USP, campus São Carlos/SP, financiado com recursos da Fundação Ford.

O projeto tinha o objetivo de possibilitar a entrada e permanência de alunos negros e carentes na universidade pública.

Saliento que os participantes concederam a entrevista aqui apresentada, no ano seguinte ao encerramento do projeto que fora realizado nos anos de 2002 e 2003.

A escolha dos participantes deu-se a partir de observações ocorridas em sala-de-aula ao longo de um ano. Período este em que estive integrado a esse projeto como professor colaborador. Tal fator facilitou observações junto aos alunos participantes desse trabalho no que tange manifestações, atitudes, palavras, emoções relacionadas às relações étnico-raciais, e ao pertencimento étnico-racial dos mesmos.

A partir disso, foram selecionados dois alunos negros de tez preta e dois pertencentes a famílias inter-raciais, de tez parda, que concordaram em participarem das conversas com o pesquisador.

A seguir, é feita a análise compreensiva de processos de construção do pertencimento racial desses jovens, revelados na conversação do pesquisador com eles.

Esta conversa foi intermediada por questões desencadeadoras, que permitiram revelar a compreensão dos participantes para a construção do seu pertencimento racial.

O presente estudo busca compreender este processo na perspectiva da História aprendida na escola, na própria história de vida, da família, de outras pessoas e do grupo étnico-racial a que pertencem.

Saliento que para chegar a compreensão de processos de construção do pertencimento racial revelado, durante as conversas, identificaram-se dimensões em que ele se processa.

A descrição que segue, buscou explicitar os diferentes significados expressos em cada dimensão.

- A discriminação racial e social

Essa dimensão tem se apresentado ao longo da narrativa de vida dos jovens participantes da pesquisa mostrando pelo que passam os jovens negros no contexto social brasileiro, pois discriminações acontecem no convívio escolar, familiar e social: igrejas, supermercados, trabalho, na rua etc.

Para a jovem Knosi (parda) isso aparece com muita intensidade por pertencer a uma família inter-racial⁸. Expressa, em vários momentos de sua fala, que ao longo de sua vida ouviu de pessoas brancas que não era branca, e ainda quando criança isso lhe causava constrangimento a ponto de chorar e alegar que não era negra.

Ainda continua dizendo, ela, que passava por um conflito identitário, que lhe fazia ter dificuldades nas relações cotidianas da escola, da família e com colegas de rua. Diz que somente passado muito tempo começou a refletir sobre os questionamentos os quais era exposta, diante das incertezas sobre seu pertencimento racial e acerca do valor das pessoas negras.

Knosi (parda) afirma que passar por discriminação é uma condição imposta aos negros. Narra que quando criança percebia por meio de gestos, olhares na escola o preconceito acontecendo.

Ela me disse que:

⁸ Família inter-racial – cujo pai e mãe pertencem a diferentes grupos étnicos-raciais, segundo Brito, um dos pares é negro e outro branco. BRITO, Ângela E. Educação De Mestiços Em famílias Inter-Raciais. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de São Carlos, 2003.

Quando o professor falava alguma coisa de negro, chegava nessas épocas de abolição da escravatura, todo mundo já lhe olhava tortinho, era tipo assim, não vamos comentar muito sobre o assunto. Eles “*professores*” pretendiam passar batido, porque havia negros na sala”. “O professor mesmo olhava meio torto para a classe para ver se não tinha nenhum negro, pra ver se ele podia falar, era como se ele fosse ofender a pessoa ao falar sobre negro, que falar sobre as pessoas negras seria um tipo de ofensa.

Knosi (parda) narra que sempre buscou uma identidade racial, pois vivia em conflito por ser filha de pai negro e mãe branca, mas deixa expresso em sua fala que desde criança já tinha o entendimento que se assumir negra poderia não ser algo favorável na sociedade brasileira. Nas brincadeiras de criança em que amiguinhos de escola a chamavam de negrinha, sentia-se ofendida. Ficava brava com esses chamamentos e chegava a chorar. Esse sentimento ocorria porque tinha em sua casa um referencial de pessoas brancas e ainda fala que somente ela era negra, ou seja, ela, tinha a tez de seu pai, mas fenótipo característico da sua mãe, enquanto os irmãos (as) tinham a tez branca, mas o fenótipo do pai.

Manifesta o julgamento que acontecia na escola a partir de atitudes de outras crianças que agiam, segundo ela, com o reflexo de suas famílias. Relata, então:

“... como eu ti falei que negócio de família influencia na criança, falando negro é ladrão, negro é isso é aquilo, eu acho que o fato de eu não gostar, eu acho que vinha isso na minha cabeça. Entendeu?”

O mesmo sentimento de dor aparece também na fala de outros alunos participantes desse trabalho e com muita nitidez no que diz Kwame (pardo), quando narra a postura de um tio, que lhe cobrava manter uma convivência com pessoas brancas e não com pessoas negras.

Relata que, por várias vezes seu tio lhe chamava de afrinho e negrão, e que nessa atitude seu tio teria a pretensão de influenciar no pensamento das pessoas que estivessem a sua volta, levando essas a fazerem comentários que o identificassem como moreno, pois o tio, embora pardo, com traços negros se classifica como branco.

O tio, no entender de Kwame (pardo), acreditava que com isso lhe fazia uma provocação, em que estaria expondo relações de superioridade entre negros e brancos. A seguir, os comentários que o tio fazia, nas palavras de Kwame (pardo):

É leva pro que ele pensa entendeu? Leva pro caminho tipo eu sou pardo, então eu pareço mais com a classe branca do que com a classe negra entendeu? Não se envolve muito com as pessoas negras, porque a cor preta, porque eles são marginais, pessoas malandras que não vai trazer boas coisas pra você entendeu? Você tem mais que estar influenciado com pessoas playboyzinhos sabe, assim pessoas classe média alta.

Sobre isto, pedi esclarecimentos de quem seriam esses “playboyzinhos”, e qual seria a cor deles?

Ele respondeu, manifestando entendimento da dúvida aparecida com naturalidade, em palavras de outros participantes da pesquisa, acerca do valor dado à pertença de pessoas brancas. Diziam os dois participantes da pesquisa pardos, de família inter-racial, que há muita ambigüidade porque os outros estão salvos em detrimento da pertença das pessoas negras. O participante esclarece:

“É pessoas brancas né, a maioria são brancas, que vai estar trazendo mais, é pra ele tipo mais coisas boas assim, pra você entendeu?”.

Segue o relato narrando que o tio faz comentários preconceituosos, tais como: *“... ai fala assim ai esse está com umas amizades com negrões sabe?”*

Kwame (pardo) disse que o tio acaba olhando a pessoa não pelo modo de agir. Observando modo de se vestir, a cor da pele, ele determina e julga as pessoas como malandras, ou sem responsabilidade, sem estrutura, cultivando essas idéias.

Outro fator importante é a questão da indumentária que aparece na fala de Kwame (pardo), e também no que me disse Kofi (preto), outro participante da pesquisa, quando esse fala que seus amigos negros, também se referem à indumentária dizendo:

“... que preto que você é rapaz, óh o jeito que você anda, tal não sei o que sabe. Achando que porque eu sou negro, eu tenho que andar de qualquer jeito, assim sabe inferiorizando mesmo a raça”.

Essa expressão de Kofi (preto) levou-me a questioná-lo: Se negro anda de qualquer jeito, pedi que ele explicasse melhor o que dizia?

Ele disse que não é de qualquer jeito, mas ao estilo das pessoas negras, um estilo diferente. E continuou sua fala mostrando que além da indumentária, que seria uma característica da diferença na pessoa negra, a cor negra: preta ou parda seria um fator determinante na sociedade à afirmação das idéias pré-estabelecidas acerca do caráter das pessoas negras. Explica tal conceito narrando uma história que viu em um desses programas da televisão aberta, e que, segundo ele, faz sensacionalismo sobre a realidade social brasileira.

Segundo Kofi (preto) o apresentador de um desses programas teria falado sobre um ato praticado por um homem que havia matado seis pessoas, de acordo com o apresentador, o sujeito que praticou o crime era negro e pobre. E ainda mais, teria dito, o apresentador, que na periferia só morariam pessoas negras e bandidos. O fato aconteceu em uma favela, na cidade de São Paulo, capital paulista. Ele relacionava, assim, a pobreza às pessoas negras.

Ainda sobre esse fato, Kofi (preto) contesta a falta de o apresentador não contextualizar, historicamente, o acontecido. Isto é, ele não explicou o que teria levado as pessoas negras para a periferia, às favelas onde é maioria.

Em nenhum momento, segundo o participante, o apresentador disse das circunstâncias em que esses vivem, muitas vezes passando todas as dificuldades possíveis, inclusive fome, além da falta de oportunidades que a sociedade brasileira não daria ao povo negro. Kofi (preto), conclui dizendo que o apresentador ainda reforçou sua idéia alegando que uma pessoa branca não praticaria o ato ocorrido. Nesta fala reflete-se a ideologia que tenta fazer acreditar que as pessoas negras são marginais.

Essa denúncia de Kofi (preto) mostra bem em que condições são colocadas as pessoas negras na sociedade brasileira por conta de sua cor preta ou parda, cujo fator está intimamente ligado ao sofrimento decorrente de atos discriminatórios e preconceituosos.

No mesmo sentido Kwame (pardo) salienta como essas idéias preconcebidas, relacionadas à cor são determinantes nas relações cotidianas da população brasileira.

Ilustra sua afirmação com o seguinte fato: Quando levou um amigo de tez mais escura que a sua para jogar bola com as pessoas com quem trabalha, tinha, Kwame (pardo), o propósito pré-estabelecido de ir familiarizando seu amigo com essas pessoas, para facilitar assim acesso desse a uma vaga de trabalho que estava por surgir.

Em suas palavras, Kwame (pardo), demonstra que ele tem consciência do problema do preconceito e racismo, que sofrem as pessoas negras por conta da sua cor de pele.

No seu entender, se os colegas já conhecessem o rapaz negro, ele teria mais chance de ser aceito do que se apresentasse, a eles, pela primeira vez para pleitear vaga.

Apesar desta estratégia, aberta a vaga, na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), onde trabalha Kwame (pardo) esse apresentou o amigo ao chefe, que mais tarde lhe perguntou:

... mas ele não é malandro não? Ele não, não é. E Kwame (pardo) continua: como é que falo, agora eu esqueci, mas é sabe um termo (...) pior que malandro, marginal que vai causar problema, de talvez pegar alguma coisa de lá, sabe.

O chefe admite o amigo negro de Kwame (pardo), mas ameaça este de demissão se acontecesse de sumir algum pertence no setor de trabalho.

Entende-se nesse contexto que se um furto acontecesse no ambiente de trabalho, o novo contratado, o rapaz negro, seria sumariamente condenado por um ato ilícito e Kwame (pardo) também seria implicado por haver indicado o amigo.

Diante dessa problemática, perguntei à Kwame (pardo) qual seria a pertença da pessoa que agia de maneira racista e preconceituosa e a resposta que obtive foi que era um homem branco de aproximadamente trinta e três anos de idade. E Questionei-o ainda:

Qual foi a reação do participante da pesquisa diante dessa situação? Esse respondeu que teve um choque e que silenciou-se devido a relação hierárquica existente entre o chefe e ele.

Prossegue o relato dizendo que chateou-se com o fato ocorrido, entendendo que houve um pré-julgamento de seu amigo por esse morar em um bairro mais afastado do centro, por usar calção largo e por ter a pele escura.

Para Kwame (pardo), seu chefe foi racista por julgar seu amigo a partir de sua cor e estilo de se vestir. Ele disse ter mostrado ao chefe que o rapaz é uma pessoa “*super gente boa*”, e que seria preciso seu chefe conhecer o seu interior, suas atitudes no cotidiano, somente assim iria ver que seu amigo era diferente da idéia que ele fazia sobre os negros.

Devido a proporção do fato ocorrido, essa história chegou até seu amigo que, ao saber que seria contratado para o trabalho, segundo Kwame (pardo) disse ter ficado feliz, mas no momento que soube que havia sido pré-julgado por sua cor, estilo de se vestir e condição sócio-econômica, esse falou que foi tomado pela tristeza por sentir o preconceito acontecendo, a ponto de dizer que iria provar, por meio do trabalho, todo o seu valor que não se encontrava na sua cor ou no seu estilo.

É importante ressaltar que a categoria cor e indumentária aparece em outras conversas com os participantes desse trabalho de pesquisa. Kofi (preto) narra a História de um amigo negro, que estudava em uma escola particular bastante conhecida na cidade de São Carlos/SP, e que, mesmo tendo uma boa condição financeira ainda sofria preconceito e discriminação racial, tal como outros negros, por conta de sua cor e também de seu estilo adotado no cotidiano.

Motivei-me a perguntar qual era o estilo desse rapaz. Então, me falou:

“... porque ele anda de trança, ele ia para a escola no estilo dele sabe, ele tinha o cabelo trançado”.

Nesse mesmo sentido, indaguei a Kofi (preto) com a pergunta: O que esse rapaz negro sofre como você, mesmo tendo melhor condição econômica?

“Sofre preconceito, sofre as discriminações do jeito que ele anda, do jeito que ele se veste, do jeito que fala, da cor dele tudo isso”.

Pode-se constatar que a categoria cor e vestimenta estão muito presentes nas conversas entre participantes e pesquisador.

Zola (preta), outra participante desse trabalho, narra um fato ocorrido entre alunos e um professor negro no Projeto Ação Cultural Palmares.

Ela relatou que alguns alunos trataram com inferioridade um dos professores do projeto que fazia parte de um grupo de capoeira, e que esse professor sempre lhes passava o orgulho que tinha em praticar esse esporte criado pelos escravos. A seguir apresento integralmente a fala de Zola (preta), que está relacionada à narrativa descrita anteriormente, acerca do que falou Kofi (preto).

Zola disse: “Então os meninos tiravam sarro da roupa que ele usava, do cabelo dele, do jeito que ele falava, então era assim”.

Devido a incidência encontrada ao longo das entrevistas acerca do termo moreno, moreninho (a), marrom bombom, amarronzada, entre outros, acabam substituindo os termos utilizados pelo IBGE para determinar quem são os negros brasileiros a partir da categoria cor, que seriam as pessoas de tez: preta e parda..

No que tange a problemática do preconceito e racismo, explicitados nas narrativas, aqui apresentadas por conta da categoria cor, aparecem em vários momentos das entrevistas principalmente do participante Kwame (pardo), quando este fala que as pessoas negras acabam, muitas vezes, aceitando se passar por morena ou moreno. Ele salientou, ainda, que quando se chama uma pessoa de morena ou parda não se classifica essa pessoa como negra, e com isso ela perderia sua origem, sua identidade.

É importante ressaltar que esse participante falou, em um outro momento, que o povo brasileiro é uma mistura (miscigenação), inclusive ele se auto-classificava como moreninho com característica negra. No entanto, considera-se afro-descendente. Em meio a essa confusão sobre qual conceito de cor utilizada perguntei-lhe: O que é ser moreninho para você?

“Moreno seria tipo, é basicamente pardo né, seria uma mistura assim de negro, assim sabe um chocolate (risos) assim vermelho, uma cor meio amarronzada vamos dizer, não chega ser uma cor preta”.

Na seqüência da conversa, Kwame (pardo), afirmou que ao longo de sua vida ouviu brincadeiras sobre sua cor e em várias ocasiões. As pessoas lhe falaram que ele não tinha nada haver com as pessoas negras. Diante disso, reescrevo, a seguir, uma de suas falas na íntegra: *“... ah por que você esta tentando defende sabe, você não é preto, você não é negro entendeu?”*

O relato acima é muito comum de encontrá-lo, principalmente, quando se conversa com pardos que se assumem negros. Na maioria das vezes eles dizem se depararem com falas parecidas quando conversam com pessoas não negras na escola, no trabalho e outros locais das relações cotidianas. É justamente por esse fato parecer comum, porém permeado a ideologias racistas e discriminatórias, que aprofunda-se o assunto perguntando à Kwame (pardo) sobre: O que alegavam essas pessoas quando diziam que ele não era negro?

... assim grande parte das pessoas, dos adolescentes assim, não sabem distinguir raça o que é um negro, o que é, eles acham que existe negro, pardo e branco eles não sabem definir cor entendeu? Se é moreno tipo, (...) se é pardo, então você é moreno, você não é branco entendeu? Você é moreninho sabe. Eles acabam sabe, assim não sabendo diferenciar a cor, o seus traços a sua origem entendeu? Ele olha pra você não consegue ver sua origem, não consegue ver seus traços, ele acaba te classificando como branco.

Para Kwame (pardo), quando perguntado o por quê das pessoas não enxergarem as diferenças existentes no fenótipo das pessoas negras, ele disse-me que é uma maneira das pessoas não mostrarem que existe a pessoa negra, e ainda mais, pensa que isso é uma forma de tirar a negritude das pessoas negras.

Perguntei se essa visão que ele apresenta passa pelo o que vive-se na sociedade.

Apresento integralmente sua resposta: *“Acho que vem da sociedade sim, a sociedade acho que manipula a cabeça das pessoas, a mente das pessoas para mostrar que é o padrão mais bonito entendeu?”*

Diante da denúncia que fez Kwame (preto) descrevo, a seguir, o que apresentou em outro momento da conversa, quando mostra, com muita propriedade, qual seu entendimento sobre a situação dos negros na sociedade brasileira:

... acho que o negro acaba sendo mais assim, querendo ficar em off né, querendo ficar ali no meio, ali no bolo, ali sabe, do que se mostrar como negro sabe, se mostrar como lutador pela aquela causa entendeu?

Vemos que Kwame (pardo) tem a idéia de que o negro está fora do contexto social, político, histórico e cultural brasileiro, e termina dizendo que o negro não parece ser um lutador pelos seus direitos. Diante disso, questionei-o: Você tem uma idéia porque o povo negro estaria isolado dessas discussões sociais, então seria culpa do próprio negro estar nessa situação?

Não é de maneira alguma, seria culpa dele, a culpa na verdade não é de ninguém sabe, eu acho que já vem desde antigamente, não da pra fala agora sem falar de antigamente né, volta ao tempo, e desde a época dos escravos e tal, da liberação deles, eu acho que o negro lutou bastante, acho que deveria lutar mais ainda, deveria cada um sabe tentar fazer sua parte, tenta busca, e ajuda assim os outros entendeu,? Acho que não é culpa dele de maneira alguma(...).

Kwame (pardo), isenta a sociedade sobre qualquer comprometimento acerca do problema do racismo e preconceito sofrido pelos negros, o que levou-me a perguntar se alguém tem uma parcela de culpa por essa História estar acontecendo com o negro.

“Eu acho que a própria sociedade, assim sabe, os próprios políticos, os próprios governos, sabe assim a própria geração, as próprias pessoas entendeu?”

Para um melhor entendimento do que pensava e dizia Kwame (pardo), lhei indaguei: Está me falando que eram os homens que sempre estiveram no poder seriam os responsáveis pela a atual situação do povo negro e continuou dizendo que:

É, já vem isso de muito tempo atrás, já vem vindo isso sabe as pessoas falando que o padrão mais bonitinho, é o padrão europeu, o padrão sabe, padrão cabelo liso, precisa fazer chapinha no seu cabelo, precisa fazer escovinha, precisa fazer não sei o que têm, no seu cabelo, que é padrão mais bonito entendeu? Eu acho que já vem sabe a bastante tempo assim, acho que não a partir de agora, mas cabe a nós assim sabe tentar mudar essa concepção de pensar das pessoas, cabe a nós tentar de nossa parte.

Quando demonstra em sua fala o verbo “nós”, fui remetido a questioná-lo quem seria esses. A nós quem? *“A nós negros”*.

Não aparece em sua resposta uma abrangência maior que vá além de um compromisso social que seja comum a negros e brancos, e, por conta disso, perguntei novamente: Somente os negros e sozinhos? Falou Kwame (pardo) que:

Acho que a contribuição de cada um, acho que é importante, mas é se todo mundo juntasse e principalmente assim o governo sabe estar fazendo, tipo igual o Palmares assim, ali no projeto que ajuda não só os negros, mas tinha a classe carente, aquelas pessoas mais pobres, assim de favela, de bairro mais carentes, assim a gente faria o grande...

Como percebe-se a sociedade é apresentada nessa fala como a principal articuladora do lugar o qual o negro deve ocupar nela, e a participante Zola (preta), falando nesse mesmo sentido, mas dando mais ênfase a uma perspectiva econômica, disse-me que um negro mesmo tendo um bom currículo não teria a mesma oportunidade que uma pessoa branca na sociedade brasileira, nota-se o que evidencia sobre tal problemática: *“A sociedade é preconceituosa, a sociedade define se você vai entrar ou não vai entrar. Que nem no São Carlos Club, antes era proibido negro entrar lá entendeu? E hoje não é mais”*. E continua dizendo qual seria a condição para o negro integrar-se em alguns lugares na sociedade:

“... pra ser igual hoje na sociedade, ou você tem que ter um certo currículo muito bom, igual o da pessoa branca entendeu? Ou senão você está excluído pra você concorrer àquela vaga”.

Então, se as pessoas negras conseguirem um bom emprego, com uma boa renda, os problemas sofridos por eles no Brasil estarão resolvidos?

Falou Zola (preta) que: *“Não, ai vem a parte do exemplo, pós-faculdade como você vai conseguir seu emprego entende?”* E se consigo um bom emprego o problema do negro está superado?

Com certeza não porque ele conseguir um emprego, e as outras pessoas que tem preconceito. Por exemplo: se você é um Arquiteto ai você vai trabalhar numa firma e o seu patrão ali é preconceituoso, ai ele liga né e fala que não quer você como Arquiteto dele, que ele quer uma pessoa branca, você ainda está dentro do preconceito, o preconceito não acaba quando você consegue um emprego.

Zola (preta) tem uma visão que supera a daquelas pessoas que alegam que o problema do negro é econômico, e mostra que o preconceito não termina para os negros quando se obtém títulos por meio de uma formação profissional, e complementa essa idéia afirmando que o problema do negro não seria unicamente econômico, e finaliza essa conversa dizendo que:

“Não, o problema é a sociedade. A sociedade quer ou não, você ali dentro. A sociedade comanda”.

É nesse sentido que apresento, a seguir, falas de outros participantes da pesquisa, que demonstram o quanto é difícil se admitir negro na sociedade brasileira, e construir sua identidade social enquanto individuo que tem sua ascendência de negros africanos escravizados.

É com muita freqüência que aparece nas falas dos estudantes que participaram da pesquisa, relatos que esses tiveram em lugares diversos em que as pessoas lhes disseram que eram morenas (os) e tal problemática, algumas vezes, era aceita e, em outras repudiada.

Veja qual o entendimento do estudante Kofi (preto) acerca dessa questão, pois em um dado momento da conversa ele afirmou que aceitava essa condição de moreno,

o que levou o pesquisador a lhe perguntar: Antes você tentava se esconder foi esse meu entendimento ao longo da conversa, como se deu isso?

Ele confirma em sua resposta que quando era chamado de moreno, pardo ou mulato por pessoas brancas acabava aceitando normalmente, pois era uma maneira dele esconder seu pertencimento racial de negro, que sempre foi colocado na sociedade sob uma perspectiva de inferioridade, incapacidade, e outras ressaltou ainda que as pessoas negras o chamavam de negro.

Na seqüência dessa conversa, Kofi (preto) afirmou que não se sentia bem sendo chamado de moreno, pois sabia que não era moreno. Entende ele como moreno as pessoas brancas de cabelos pretos e lisos. É nesse mesmo sentido que Knosi (parda) relatou-me que não gostava quando chamavam-lhe de moreninha, pois, a partir do momento em que se assumiu negra isso passou a ser inaceitável.

Então Knosi afirma:

Assim antes eu ficaria: “Para com isso vai! Não começa! Agora já não, isso me faz sentir parte. Agora, eu posso dizer, conversar com todo mundo, podem me chamar de negra eu vou adorar que me chamem de negra. Não vem falar para mim que eu sou moreninha. Aquela moreninha? Não para, moreninha, não!

Perguntei para a participante: Porque ser chamada de moreninha fazia tanto mal assim?

Soa mal! Soa mal se falar para mim que uma pessoa é morena. Eu vou imaginar uma pessoa branca de cabelo preto e liso. Se escrever assim na Internet, conhecer uma menina, eu sou morena, vou imaginar uma pessoa branca. Ai eu vou falar eu sou morena de pele!

Na seqüência da conversa ela falou que, muitas vezes ouviu de amigos e amigas que ela não era negra, e entendia isso como um consolo. Argumentou que:

“A sei lá você não é negra você é morena mulata, mulata vem de mula de negócio de mula, mulata entendeu”?

Perguntei-lhe: Por que você acha essas falas seriam um consolo? Knosi (parda) falou:

Não o jeito, a maneira, o jeito que as pessoas falam parece que, porque eles falam como que previssem que me chamando de negra eu não fosse gostar, não sei, não sei explicar direito, por causa do preconceito sei lá coisa assim. Entende?

Para Knosi (parda), quando se chama alguém de negro estão querendo ofender, rebaixar e devido a isso ela pensava que as vezes que as pessoas a chamavam de morena queriam consolá-la.

E continua falando Knosi (parda) que:

Sempre vinha algum preconceito, vinha sei lá alguém chamando de negrinho, para tratar de inferior, de maneira inferior essas coisas né, aí por isso acho que as pessoas, quando vai falar de negro, acha que a pessoa vai entender que está tratando ela de uma maneira preconceituosa, tá deixando entender que não tá definindo ela em um grupo, mas sim num grupo inferior.

Em conversa com Kwame (pardo), emergiu uma visão acerca das pessoas negras, que caminha ao encontro da fala de Knosi (parda). Ele disse ter sentido tristeza na escola quando ouvia a História do povo negro. O que levou-me a lhe perguntar se alguma vez a tristeza que sentia era devido à sua condição de negro, então respondeu:

“Não por mim, porque eu achava que era moreno, né”.

A utilização do termo moreno (a) tem aparecido com muita frequência ao longo das conversas, e se percebe que, algumas vezes, gerou conforto, segurança para o negro, mas, na maioria das vezes, aparece em situações desagradáveis que são interpretadas como brincadeira preconceituosa camuflada. Não é diferente a experiência, de Zola (preta), quando relata o que colegas de escola tentavam justificar sua cor assim:

Ah! Falavam assim, você tomou bastante solzinho, por isso você ficou dessa cor moreninha. Ao que respondia: Eu não sou moreninha sou negra; entendeu? Então ofendia um pouco. Na brincadeira oi morena não sei o

que, não sei o que lá, você tomou bastante sol e não sei o que, na brincadeira né, eles faziam essa brincadeira, mas eu entendia.

Você realmente entendia isso como uma brincadeira inocente de colegas de escola? Disse ela que:

“Logicamente que não, era um pequeno preconceito, eu acho porque era um preconceito”.

O que percebe-se ao longo das falas dos participantes é que a cor da pele é um fator que revela o quanto sofrem, as pessoas negras (pretos e pardos), devido a existência do racismo e preconceito que acabam contribuindo para uma visão estereotipada a respeito do ser negro.

A ambigüidade da designação moreno cria resistência por parte das pessoas mais escuras em relação a aceitação dos pardos, principalmente se tiverem cabelos lisos e se identificarem como brancos.

A mesma ambigüidade se encontra na categoria cor parda, que ficou evidente quando foi perguntado a Kofi (preto) qual a sua cor, e ele respondeu me com uma pergunta. Eu não sei qual minha cor porque eu não sei o que é pardo. O que é pardo?

Diante disso, eu, negro de tez classificada como parda lhe perguntei: Qual seria a minha cor, Kofi (preto)? E obtive a seguinte resposta, pode-se dizer que você é pardo. A resposta levou-me a indagar novamente: Olhando pra mim, o que eu sou então Kofi (preto)? *“A principio, podia te dizer que você era pardo, assim sem te conhecer, vendo você agora sim podia falá, não você é pardo, mais com o conhecimento tal, conhecendo sua pessoa eu não posso dizer que você é pardo”.*

Se Kofi (preto) não me conhecesse de tez parda subtende-se que ele deduziria a minha escolha política, que esta relacionada a luta do povo negro por um lugar, cujo os grupos que estão no poder tem omitido aos afro-descendentes negros.

Perguntei para Kofi (preto) se minha cor de pele parda pode fazer-me assumir como não negro? Falou Kofi (preto) que não. Então, argumentei: Se você conhecesse-me, e eu fosse dessa cor, mas tivesse cabelos lisos, como você classificaria-me?

Kofi (preto) disse: “*Branco, branco*”. Não existem pessoas que tenham minha cor e cabelos lisos, e que se assumem como negros?

Ele disse que acontecer isso é difícil, mas sabendo que no projeto Palmares havia pardos e que tiveram problemas nas relações cotidianas com alunos de cor preta. Portanto perguntei-lhe: Como foi para você assumir-se negro antes de estar integrando ao grupo do Palmares? Respondeu ele:

Ah! Me escondia né, fazia o máximo para não tocar no assunto, procurava não entrar em detalhes sobre isso entendeu? Não conversava sobre isso, não assim buscar mais informação também, não queria saber, aceitar a sociedade do jeito que ela viesse.

Na seqüência da conversa, disse que anteriormente não contestava a visão que a sociedade lhe passava acerca das pessoas negras, mas mesmo assim sempre soube que era negro. E por conta disso perguntei-lhe como foi sua relação com amigos no cotidiano, isto é, havia comentários sobre a questão cor?

Ele respondeu que: “*Eles dizem que são mulatos, os meus amigos negros, é muito difícil falar que são negros*”. Nota-se que a sociedade não aceita o preto, mas ele aceita a sociedade a regra da sociedade que faz fugir sua aceitação. Indaguei a Kofi (preto) se seus amigos lhe diziam o porque seriam mulatos? “*Não só falavam que negro, preto eles não são, entendeu? Preto eles não são, são mulatos*”.

Kofi (preto), prosseguiu dizendo que já perguntou para seus amigos o que é ser mulato, e que eles não sabiam responder e apenas falavam que era a cor deles. Kofi (preto), comentou que esse termo não existe no IBGE, então seus amigos estariam fora das classificações oficiais existentes.

Ainda sobre a aceitação de ser preto, continua Kofi (preto), dizendo que: “*Acontece que eles não aceitam de jeito mesmo, não aceita, porque acho que sei lá, porque sempre tem brancos assim no meio, eu acho que eles têm vergonha, não sei o que acontece*”.

Observa-se que os amigos de Kofi (preto) não se assumem publicamente, pois, sempre tem branco no meio deles, e apresenta nessa fala que a presença de pessoas brancas já exercem um constrangimento ao classificarem-se como negro, porque negro é inferiorizado, carrega o estigma de sujeito inferior na relação com brancos. Termina dizendo saber que esse fato não é culpa dos negros, sendo que a sociedade, e principalmente a escola não dão abertura para entender e superar essas questões.

Neste ponto da explicitação dos diferentes significados que emergem da situação de classificar-se quanto a cor, cabe mostrar até que ponto ocorre essa ambigüidade mencionada pelos participantes.

Para Zola (preta), aconteceram várias vezes, entre o grupo de alunos estudantes, conversas acerca do pertencimento étnico-racial dos pardos que participavam do projeto Palmares. A discussão seguia no entendimento de alguns alunos de que os pardos não eram descendentes de negros, que seriam sim pessoas brancas, levando-os alunos de tez preta a questionar porque eles estavam fazendo parte daquele projeto. Acrescenta, ainda, que isso acontecia devido ao fenótipo dessas pessoas, pois, argumentavam eles (pretos) que esses tinham cabelos lisos, e que não deveriam estar ali, pois entendiam como brancos.

Sobre isso, é importante dizer que para a participante da conversa Zola, (preta) acerca da não aceitação dos pardos no projeto Palmares, tal ocorrência teria sido uma forma dos pretos fazerem justiça por conta desses alunos não conseguirem enxergar os pardos como negros. No entanto, indaguei-me se não estava sendo, na verdade, mais um ato injusto com os negros pardos, e Zola (preta) acabou falando-me: *“Injustiça né, porque tava tendo preconceito com eles mesmo novamente”*.

Novamente, busquei entender quem eram “eles”, perguntando: Quem era injustiçado? Ela respondeu que deixa explícito quão complexa é a questão de quem é negro no Brasil. Observa-se a seguir:

“Porque eles eram descendentes, não eram negros, não era só porque eles tinham a pele mais clara eles, não eram negros”.

Diante da resposta que confundiu-me, pois, a todo momento, Zola (preta) dizia-me que eu não era negro, formulei outra pergunta: Você acha que por eu ter lavrado em minha certidão de nascimento, que sou pardo eu não posso me reconhecer negro?

“Depende porque quando você nasce, você não definiu ainda uma cor, certo, que nem na minha certidão tá cor parda. Hoje eu não sou parda, sou negra né, preta. Então eu acho que sei lá eles teriam que definir”.

Ainda sobre esta problemática, disse que se essas pessoas, nas quais diziam serem brancas, estavam participando do projeto Palmares, eram porque haviam sido escolhidas durante a seleção. Falou ainda que os pretos podiam não acreditar olhando para eles que eram negros, mas afirma que os pardos tinham descendência de negro, e terminou sua fala com uma frase revelando que assumir o pertencimento racial está além do fenótipo, ou das classificações propostas pelas instituições oficiais. O que mostra que realmente ser negro no Brasil deixa de ser uma questão ligada apenas ao fenótipo, mas, também a uma escolha política principalmente em se tratando de pardos (mestiços) entendido aqui neste trabalho de pesquisa enquanto os filhos de casamentos inter-raciais.

Kofi (preto), durante a conversa com o pesquisador, admitiu que houve tratamento diferente aos alunos (as) Knosi (parda), Kwame (pardo) e outros pardos. Segundo Kofi (preto) ele e outros alunos pretos não aceitavam esses pardos no projeto Palmares, ele confidenciou ainda que quando se inscreveu nesse projeto acreditava que esse seria somente para negros, o que não conseguia ver nos pardos do projeto, mas afirma Kofi (preto) que eles eram afro-descendentes, pois, para ele o negro tem que ter a tez preta como a dele e afirma ainda que as atitudes ocorridas no grupo fora uma revanche dos pretos aos pardos porque para eles os pardos, seriam brancos e seriam possíveis aproveitadores.

Essa idéia acabou desencadeando no que fala Zola (preta), quando narra sobre o constrangimento sofrido por suas colegas pardas com o chamamento de *“branquinhas do Palmares”*. A situação de desconforto foi tanta para as alunas pardas, que levou um coordenador do projeto a conversar com os alunos que usavam esse termo. Fato

este confirmado por Kofi (preto) que era um dos protagonistas desse chamamento por conta do que ele e outros pretos pensavam respeito dos pardos.

Tal fato confirma-se quando Knosi (parda) narrou que sentia-se incomodada, no projeto Palmares, quando lhe chamavam de branquinha, fato que não acontecia com outras alunas pardas que tinham cabelo enrolado e que se classificavam como branca. Então pensava que os alunos pretos do projeto quisessem que ela se classificasse como branca, devido a esses alunos pensarem que ela tinha apenas o interesse de usufruir do projeto Palmares, que era destinado aos negros.

Kofi (preto), confirma o que fala Knosi (parda) quando narrou que, durante a seleção de alunos para esse projeto, haviam lhe falado que esse seria para afro-descendentes, contudo, pensou que seriam a maioria de pessoas pretas, disse ainda que não identificou-se com as pessoas no projeto, e questionava em pensamento se aquele era o lugar para negros que lhe falaram durante a seleção dos alunos, porém disse também que haviam mestiços (pardos) no projeto e que ele os consideravam negros e pensava que eles não se assumiam negros. O que confirma a idéia de Knosi (parda) que os pretos os viam como aproveitadores.

Falou ainda Kofi (preto), que sentia-se no lugar errado e que sempre assumiu-se negro, mas não aceitava isso também, e por isso tinha a idéia apresentada anteriormente.

Ainda acerca da conversa realizada com o professor responsável pelo projeto que conversou também com as vítimas desse chamamento o qual também Knosi (parda) foi uma, é importante destacar que uma delas disse-me que falou ao professor coordenador que encarava aquilo como brincadeira, fato que sei ter sido encarado como discriminação por essa ex-aluna, pois, em conversa informal com ela em outra ocasião, afirmou-me ter sofrido discriminação e não ter sido brincadeira, conforme havia confirmado ao coordenador do projeto na época.

A princípio essa foi a solução para acabar com esse problema no projeto Palmares. Ainda durante a conversa com Zola (preta), após ter dado uma gargalhada que

demonstrava satisfação, afirmou-me ela que em seu entendimento havia várias pessoas brancas no projeto Palmares, e o fato do chamamento “*branquinhas*” teria acontecido por conta disso, e fala ainda que os pretos do projeto fizeram a justiça contra as pessoas que eles pretos achavam que eram brancas e que no entendimento deles estavam lá para tirar proveito de um projeto direcionado a negros.

Essa idéia aparece quando Knosi (parda) falou-me que desde sua chegada ao projeto ouviu de outros alunos que ela não era negra, inclusive um desses lhe chamava de branca, e cantava uma música para ela, Knosi (parda), cantou parte dessa música que aqui apresento:

Eu chegava ele começava. Clara como a luz do sol, lareira luminosa nessa escuridão, bela como luz da lua, estrela do oriente nesses mares do sul lareira azul no céu, na paisagem será magia miragem milagre será mistério...”. (risos) começava a tirar sarro, era eu chegar ele começava a cantar essa música, aí tudo bem, então isso foi sempre desde o primeiro ano.

Em outro momento, Knosi (parda) narrou que Kofi (preto), um dos alunos que utilizava o termo “*branquinha*” e outros participantes pretos (as) falaram em meio a uma conversa sobre negros, no tom de brincadeira que não era do povo dela que estavam tratando, e ainda lhe perguntavam o que ela queria discutir que não era sobre ela que falavam.

É nesse mesmo sentido que Kwame (pardo) relata sobre a atitude das pessoas brancas que, em sua maioria, fazem parte de sua relação cotidiana, quando ele de tez parda se assume negro, afirma que acontece um choque. Comenta ainda que muitas pessoas não o enxergariam como negro, se ele não falasse que se assume ao grupo dos negros, isso por conta de seu fenótipo estar mais próximo do fenótipo branco.

Para uma melhor compreensão, indaguei: Ao se identificar como negro para uma pessoa branca que não o vê assim, o que eles lhe falam? “*Eles ficam surpresos, falam: “mais você não é negro, ai sua cor é mais clarinha um pouco e tal”*”. Daí falam isso: “*você não é negro, negro é aquele que tem uma cor, cor preta né*”. *Eles acham que a cor tem haver com raça*”.

Aparece na fala de Kwame (pardo), a idéia que negro seriam somente os pretos, e devido a isso lhe perguntei: Eles acham que para ser negro tem que ter a tez preta? Afirmou-me Kwame (pardo) que para a maioria das pessoas, os negros seriam unicamente as pessoas de pele preta.

Como a conversa se direcionava no mesmo sentido que me falou Zola (preta) acerca do problema ocorrido, nas relações entre alunos-alunos que faziam parte do projeto, perguntei-lhe: No Ação Cultural Palmares você teve problema com os que não se classificavam com a mesma cor que você? Respondeu Kwame (pardo) que não teve problemas no projeto por conta de ser pardo e que devido a relação de amizade que mantinha com outros alunos nunca discutiu a questão sobre sua cor, mas, falou que a aluna Knosi (parda), era chamada de “branquinha” e, muitas vezes, os alunos pretos falavam para ela “dar um tempo”, pois, ela seria branca.

Os chamamentos “*as Branquinhas do Palmares*” já mencionados por Knosi (parda), Kofi (preto) e por Zola (preta), é narrado exatamente como aparece na fala, que reafirmam o fato contado. Em outro momento, Kwame (pardo), narra que teria acontecido a formação de grupos no projeto em sala-de-aula a partir da diferença de tez de pele, e isso se dava com a divisão entre pessoas de tez de pele mais clara ou escura. Acrescenta ainda que teria acontecido dos professores explicarem os conteúdos mais estudados para os alunos e alunas pardos (as). Kwame (pardo) acerca dessa questão disse que os pretos sentavam ao fundo da sala e os pardos sentavam a frente, e conseqüentemente eram para quem os professores explicavam melhor os conteúdos estudados.

Kwame (pardo), acaba citando nomes de alguns alunos que se sentavam no fundo da sala-de-aula, e que não chamavam as alunas de “branquinhas” mas afirma que algumas pessoas que sentavam no fundo da sala-de-aula faziam afirmações que os pardos não eram negros.

Disse ainda que quando os alunos pretos procuravam-lhe para conversar esses falavam-lhe: “... *você é mais branquinho e tal, a gente que representa a cor, a gente que luta pela raça, diziam isso*”.

Kwame (pardo) afirmou que existia uma cobrança dos pretos do projeto Palmares em relação aos pardos, e ainda mais, falou que os pardos teriam dado mais valor ao projeto que os pretos participantes dessa ação afirmativa, em sua fala aparece como os pardos absorvem o discurso às qualidades dos brancos.

Essa afirmação acerca de quem teria dado mais valor ou não ao projeto levou-me a perguntar: Você pensa que as pessoas de pele mais clara deram mais valor ao projeto que os de pele mais escura? Ele respondeu-me que:

“Acho que sim. Eles, assim tentando defender a luta, eles acabam sofrendo mais discriminação do que as pessoas mais claras, que também são afro-descendentes”. O que Kwame (parda) diz é que os pretos sofrem mais discriminações devido sua cor e isso os fazem lutarem por sua afirmação e prossegue:

Todos nós pardos né, que estávamos ali pessoas afro-descendentes, como eu, e Knosi (parda) como ... nós éramos de pele mais clara, mais todos nós temos traços negros né, então a gente acabava sofrendo não tanta discriminação, não tava sofrendo tanta discriminação como eles (pretos). Então assim acho que deu mais força pra luta do que eles.

Essa mesma idéia aparece quando Knosi (parda) relatou que:

Também me falaram muito assim (pausa), concordo o que eles falaram, que eles sofrem mais preconceito que eu na rua, por causa dessas brincadeiras. O Kofi (preta) e o (Q) porque tem a pele mais escura que a minha, e a (V) sofrem mais preconceito que eu, também já ouvi isso deles...

Percebe-se que os pardos sofreram discriminação dos pretos, mas, não se compara a sofrida por pretos, os pardos podem sentir-se discriminado numa situação de competição, como foi no projeto Palmares.

A experiência dos participantes desta pesquisa vão mostrando que o processo a aceitação/construção do pertencimento racial é um processo complexo, mas é nesse mesmo sentido que Knosi (parda) faz a mesma afirmação.

Devido a sua fala indaguei-lhe: Você diz que é necessário força para lutar. Para você, seria mais fácil, falar sobre relações étnico-raciais, do que para as pessoa de tez preta que você acredita que sofre mais com o preconceito na sociedade?

É, certo, é mais fácil comentar, discutir assim trabalha, porque geralmente eles não falavam, nunca vi ninguém falando sobre a discriminação que eles teve sabe, eles não falavam, agora as outras pessoas eram mais fácil sabe, fala discuti...

O pensamento de Knosi (parda) coincide com o de Kwame (pardo) quando diz que os pardos têm força para lutar por afirmação. Segundo ela, os mais escuros não costumam falar sobre as discriminações que sofrem. E pensava sofrer menos preconceito que os alunos pretos, devido a sua tonalidade de pele mais clara. Acabou dizendo que isso havia acontecido devido ter seus cabelos lisos, e que já havia ouvido isso deles, e os pretos, do projeto Palmares, a fizeram se ver como diferente.

Diante do que conversávamos perguntei-lhe se no Ação Cultural Palmares, tinham pessoas negras. Ela respondeu que todos eram negros, todos eram afro-descendentes, que eles classificarem-se como negro ou não, deveria partir de cada um, e, disse ainda, que ao chegar nesse projeto deparou-se com uma barreira, devido algumas pessoas falarem que ela não era negra. Diante dessa situação se questionava, o que sou então? E dizia estar perdida.

Knosi (parda), chegou a comentar que sempre ouviu dizer de pessoas brancas que não era branca, e quando pensava ter se encontrado descobriu que para as pessoas negras, ela também não fazia parte desse grupo, causou-lhe um choque. Tal fato é narrado diante da pergunta que lhe fiz: Houve esse “choque” no projeto Palmares porque esperava encontrar lá uma maioria de pessoas que se identificassem com você? Disse ela:

Onde sempre me falaram o que que eu era, foi isso que me motivou a fazer o curso, pensei bem falei assim, aí minha mãe me falou porque você não faz, sei lá né mãe, não faz sim, não sei o que, quem sabe você se encontra também. Aí eu fui fiz, aí falei agora estou no meio de pessoas... que sempre me falaram para eu estar...

O fato dos brancos dizerem que Knosi (parda) não era negra mostra a ambigüidade acerca do pertencimento racial que é posto a prova no cotidiano. Essa ambigüidade, apresentada ao longo da narrativa de Knosi (parda), tinha o apoio da mãe que a incentivava a buscar os seus iguais.

Ouvindo isso indaguei-lhe: Você buscava sua identidade? Ela falou que sim. E a questioneei: Então em todos os níveis da educação você não se via enquanto pertencente ao grupo dos negros?

Isso, porque no pré assim no primário, prézinho, eu até chorava é porque tinha aquelas brincadeiras de criança você é negrinha e não sei o que, eu ficava brava com aquilo eu não sou negra, eu chorava porque aqui em casa todo mundo é branco né, eu sou a única negra.

Enquanto Knosi (parda) era estudante em escola pública seus amigos a chamavam de negrinha, já no projeto Palmares onde existia uma competição por conta de buscarem o acesso a universidades públicas, seus amigos queriam que ela assumisse o pertencimento racial de branca, que acaba sendo reforçado no momento em que sua mãe foi a uma reunião no Ação Cultural Palmares.

Narrou Knosi (parda), sobre o que aconteceu na reunião: *“Então foi assim, todo mundo só via ela (mãe) principalmente o Kofi (preto) e outros só viram ela, ninguém reparou meu pai (preto)”*.

Ressaltou ainda que os outros alunos só viram sua mãe por ser branca, encarando isso como uma desvalorização para com sua mãe, não entendeu os olhares de maneira positiva:

Não sei, com um jeito irônico que eles falaram (muda o tom de voz) tipo assim, você é branca, porque sua mãe é branca entendeu? Era com ironia, eu senti ironia no que eles falaram, eu senti ironia, falei sim... agora minha mãe vai no cursinho e agora eles vão me infernizar ainda mais. Vão falar que ela é branca, tanto que eu achei até engraçado, eu brinquei com eles. Nossa que engraçado né meu pai ninguém viu tava no

meio né assim e vocês não repararam né, que eu tava com a minha mãe e com o meu pai, vocês repararam na minha mãe.
Então eu brinquei tipo assim falando assim, que eu sempre falei pra eles né, que falavam você não é negra eu sempre falei pra eles né meu pai é negro, a família do meu pai é negra, não sei eu acho que eles viram minha mãe lá ah ha taí entendeu? Uma coisa assim.

Knosi (parda), argumenta que seu pai era negro, e busca provar para os colegas do projeto que sempre havia assumido seu pertencimento ao grupo dos negros, mesmo tendo a mãe e irmãos brancos. Mas entendeu os olhares que ocorreram como a sentença final dos colegas, para justificarem que estava ali, explícito em sua mãe, que ela não era negra, mas para que isso acontecesse seu pai negro se tornou invisível, mesmo estando junto com sua mãe.

- Escola e Projeto Ação Cultural Palmares

Trato aqui de apresentar aspectos do pertencimento étnico-racial, apresentados pelos participantes da pesquisa, que passam na dimensão escolar e no Projeto Ação Cultural Palmares. Nesse sentido, apresento o que expressou Kofi (preto) sobre sua compreensão acerca da situação do povo negro no Brasil.

Ele relata que a partir da postura dos professores em sala-de-aula, principalmente por meio do ensino de História, eles acabam reforçando a falsa idéia existente da não participação do povo negro no fazer histórico brasileiro. Kofi explicita, tal fato quando argumenta que:

Assim, saber tal como cheguei até aqui? Que valor teve isso pro país? O que a gente representa na sociedade? O que mais não se escondi disso? Porque não falá sobre na escola? Então falava sobre o negro, viche, não podia falar sobre nada né? Podia sei lá ficar com vergonha. Não sei porque, ai os outros iam rir da gente entendeu?

Para Kofi (preto), a escola atrapalhou na construção do sentimento de seu pertencimento racial por conta de ser negro e mostra, em sua fala, consciência da visão existente na sociedade brasileira sobre o negro, a partir de uma representação social, historicamente construída por ideologias que prejudicam o sentimento de pertença desse povo por meio da falsa inexistência do povo negro na construção histórica e atual do Brasil.

Pode-se constatar o efeito do racismo e discriminação racial, construído no fazer histórico brasileiro, que acontecem em todos os níveis da sociedade, principalmente, na escola. E no mesmo sentido que falou Kofi (preto), a participante Zola (preta) disse que não se sentia bem na escola, diferentemente do que se sentia no projeto Palmares, veja integralmente o que fala sobre esse grave problema que reflete e se fortalece na inércia da escola.

Zola (preta), explica como percebia essa situação *“Porque na escola tem sempre aquele grupinho que se distancia né, tem preconceito, tem injustiça tem essas coisas”*. *“Dos professores até que nem tanto, na minha parte não, mais dos alunos”*. E fala ainda que os professores protegem os inocentes que seriam, para ela, os alunos negros ofendidos em sala-de-aula com dizeres preconceituosos. E continua: Zola (preta)

Que nem quando eu estava na 8ª série, aconteceu de uma menina me ofender, ela me xingou de macaca e essas coisas aí e tal. Aí me deu um nervosismo né, aí todo mundo ficou contra ela, aí a diretora subiu na sala e conversamos, aí a professora perguntou se eu queria que ela fosse expulsa e tal, que isso daí era um crime, eu falei assim que não, que não precisava, aí eu conversei com a menina e tudo ela pediu desculpa e aí passô. Ela (diretora) pediu para a pessoa me pedir desculpa que não era isso”.

A diretora da escola solicitou à aluna racista que pedisse desculpa para Zola (preta), vítima da agressão racista, o que levou-me a perguntar: Como a professora tratou a questão da diferença entre negros e brancos após o fato ocorrido? *“Que todos são iguais, não é por causa da diferença de pele que você é diferente dela!”*. Aparece na fala da professora a aniquilação das diferenças existentes entre negros e brancos.

Percebe-se que a diferença torna-se problema na escola, pois é vista de forma depreciativa devido à valorização de um único grupo nas relações étnico-raciais brasileira. Quando Knosi (parda), outra participante desse trabalho de pesquisa, narra que, devido a colegas de escola lhe chamarem de negrinha, ela acabava não aceitando que seu pai lhe chamasse de “negrinha do pai” quando ela chegava da escola em sua casa. Você

não aceitava sua diferença? Quando seu pai lhe chamava de “negrinha do pai” lhe chamava de maneira carinhosa?

Era carinhosa, era carinhosa, mas como eu tava invocada por causa da escola eu não gostava aí depois no ginásio, aí foi mais tranqüilo, eu comecei a não ligar me identificar como negra, tudo foi aos poucos também essa identificação como negra.

Nessa fala de Knosi (parda) é possível ver como a escola influencia na criança e no jovem negro, dificultando a assumir publicamente o seu pertencimento racial, que no caso dela, a partir do momento que aceitou-se como negra conseguiu superar falas preconceituosas, é importante salientar que isso se deu com passar do tempo.

Já com o participante da pesquisa Kofi (preto) a questão da diferença aparece em sua fala quando declarou como se sentia diferente na escola por conta de sua cor. Disse que sempre soube ser de pele preta, e fala ainda que relacionava sua cor a um sentimento de inferioridade:

...desde quando eu comecei entender assim né, quando você é pequeno se pergunta porque que você é diferente dos outros, que nem na escola é minoria, se acha diferente, você acha inferior, aí até você entender? Depois que você entende aí você vai ver não é nada daquilo.

Você se sentia inferior na escola? A escola ajudou você a se identificar como negro?

A escola atrapalhou, acho que não ajuda, todo mundo fica te intitulado, te olhando diferente, então tem tudo isso, então se senti inferiorizado mesmo, por ser uma minoria dentro da sala-de-aula, é uma, duas pessoas negras, o resto são todos brancos.

Percebe-se, na afirmação de Kofi (preto), que a escola prejudica a auto-estima e identidade de alunos negros, o que, conseqüentemente, leva esses alunos a terem dificuldades para assumir publicamente seu pertencimento racial ao grupo dos negros. É nesse mesmo sentido que Knosi (parda), disse que a escola não lhe ajudou a se encontrar, se assumir negra, que não precisou ter ninguém perto dela falando o que ela era ou não.

E a sua família não lhe ajudou na aceitação de seu pertencimento racial?

“Minha família me ajudou sim, quando comecei a conversar com meu pai com minha mãe”.

Percebe-se que Knosi (parda) precisou de alguém que lhe ajudasse na superação da dor que sentia quando criança, nos momentos que chorava por não se aceitar negra. Chegou um momento que você teve um diálogo com seus pais sobre suas indagações?

“Eu comecei a conversar, porque antes eu fugia, eu nem queria falar no assunto, pelo amor de Deus nem aí com isso, mas depois quando eu comecei a conversar eu precisei me afastar primeiro dessas pessoas que me classificavam né”. Knosi (parda) diz ter se afastado das pessoas que a discriminavam para poder se aceitar.

Na fala dos participantes percebe-se que a escola não tem favorecido a aceitação do pertencimento racial de alunos negros, pois, na fala de Kofi (preto) este faz a afirmação que na escola:

...não ensina como o negro veio aqui, ao que o negro veio, só fala que o negro veio aqui, ainda por cima fala que o negro veio aqui para ser escravo, não fala que ele veio forçado para cá. Não fala da colonização, eles só falam dos portugueses, só falam dos europeus, só isso nos livros de História, só isso que eles querem dizer, não vê sobre a História do negro, só fala de heróis brasileiros, Tiradentes esses caras aí, não vê falar de Zumbi, nada disso entendeu?

Na escola, por meio do ensino de História, apresenta o povo negro com uma imagem depreciada no escrever da História do Brasil, para Kofi (preto) o ensino de História reforça a idéia de marginalidade do povo negro.

Para Zola (preta), a escola pública dificultava a aceitação de ser negra, em sua fala relaciona a experiência na escola pública com a realizada no projeto Palmares, onde não tinha problema para assumir-se negra, pois esse projeto era direcionado a alunos negros.

... na escola não era muito, porque assim no Palmares, era aquele grupo, era um projeto para negros né. E na escola não tinha isso a maioria era

branco, e dava pra contar, era dois ou três negros, então né dá uma diferença assim. Dá pra contar no dedo com certeza.

Essa identificação com o Ação Cultural Palmares aparece na narrativa de todos os participantes desse trabalho de pesquisa. Na fala de Kofi (preto), afirmou que passou a ter uma visão mais ampla da História do negro no Brasil:

Depois que eu comecei a fazer o Palmares, tive maior amplitude sobre isso entendeu? Ai eu vi, eu soube mais da Historia do negro que na escola não trata disso, lá falou muito sobre isso, falou sobre a auto-estima do negro, o que ele representa na sociedade, qual o valor dele na sociedade foi mais depois disso que eu assumi intitulei mesmo ser negro assim.

É nesse mesmo sentido que Knosi (parda) fala sobre sua experiência no projeto Palmares. Salaria ter gostado desse projeto por ter sido um cursinho pré-vestibular diferente do tradicional, pois não aconteceu a aplicação de conteúdos de maneira realizada por outros cursinhos.

Qual foi a sua expectativa ao entrar no projeto Palmares era de prestar vestibular e ingressar em uma universidade pública?

A princípio foi, quando eu fiz a entrevista com o (W), com o (N) de matemática, e uma mulher lá que eu não lembro o nome dela agora, foi isso eu pensei até que fosse ser matéria, fosse ser pauleira pra caramba né? eu fui com um intuito que ia ter uma escola lá, que ia dar um monte de material para estudar, um monte de coisa para fazer. Eu fui com esse intuito, aí eu falei assim o próximo vestibular tal, eu pensei que fosse o ensino tradicional, aí quando começaram desse jeito eu gostei mais ainda né.

Perguntei a ela se: A maneira que foi trabalhado no Palmares, diferente de cursinho tradicional, pode ter prejudicado o acesso dos alunos na universidade pública?

Assim, o que houve é que aprendi muita coisa, aprendi a ver coisas, aprendi a ser crítica em alguns pontos a exigir mais do que o livro tava me dando ali, mais assim, o fato do vestibular como eu te falei faltou tempo né? acho que se tivesse desde o primeiro ano ali pauleira, acho que poderia até ter passado entendeu? Aí faltou tempo não sei, faltou tempo mesmo. Mesmo não tendo entrado, mesmo que tenha faltado mais conteúdo, eu aprendi bastante, eu acho que não foi um tempo jogado fora, porque não passei, não foi isso, aprendi muita coisa, então pra mim só o fato de eu não ter passado. Fica né que eu aprendi...

Essa identificação com o projeto Palmares aparece também na fala de Kofi (preto), *“que ao chegar para fazer parte desse projeto, pensou que esse trabalho seria o mesmo da escola, o que chamou ele de mesmice”*. Você diz o mesmo formato de ensino da escola pública?

Ele respondeu que sim e o que serve como denúncia ao silenciamento das discussões sobre relações étnico-raciais na escola. Apresento sua fala integralmente a seguir: *“Foi, no começo tava assim sabe, não que agora a gente vai discutir coisa da gente mesmo”*.

Você diz assuntos sobre o povo negro?

Aí tudo bem, primeiro dia não fui porque foi confraternização e tal aquela babozeira toda, aí no outro dia chego, nossa a hora que eu cheguei assim o pessoal tudo lá fora e tal conversando os professores, falei nossa é a mesma coisa de sempre, não vai ser o que pensei porque ali eu acho Paulo... antes de você formar assim preparar o aluno pra entrar numa faculdade eu acho que deveria antes trabalhar a auto-estima dele trabalhar o valor de ser negro de se assumir na sociedade como negro.

Kofi (preto), faz denúncia acerca do que viveu ao longo de sua vivência escolar que não favorece ao fortalecimento da auto-estima das pessoas negras. Tece crítica ao início do trabalho realizado no projeto Palmares ao falar que gostaria que fosse trabalhado o valor das pessoas negras na sociedade.

Em relação ao seu relacionamento com os amigos que não se classificavam com a mesma cor que você, como era antes de você estar no projeto Ação Cultural Palmares e agora?

Antes a gente dificilmente conversava assim sobre essa questão entendeu? Porque eu também não tinha informação para tratar com eles, eu sabia assim de alguma coisa que eu lia, alguma coisa assim que via na escola muito raramente praticamente nada, então eu não tinha assim como argumentar entendeu? Aí depois no Palmares, agora tenho como falar o que aconteceu o porque de tudo isso tem como reagir a tudo isso...

Novamente Kofi (preto) denuncia a omissão do tratamento das relações étnico-raciais na escola, quando afirma que dificilmente conversava com amigos sobre esse assunto por não ter informações suficientes acerca de tão importante questão, e fala ainda que passou a discutir o assunto após ter participado do projeto Palmares.

Para o participante Kwame (pardo), a escola também não tratava das relações étnico-raciais, sendo que passou discutir mais essa questão a partir do projeto Palmares, relatando ter sido importante para sua condição de ser humano, pois teria se moldado e se encontrado como negro. Na realidade você quer dizer que deixou um modelo, e com isso busca outras possibilidades?

Enfatizou Kwame (pardo) que o projeto Palmares foi muito importante porque visava possibilitar o acesso dos alunos de escolas públicas nas universidades públicas, inclusive faz menção que a realidade dessa escola é bem diferente da escola particular, que é composta por pessoas de auto poder aquisitivo.

Afirma ainda que no projeto Palmares foi ensinado conteúdos nunca vistos na escola pública, que a História foi ensinada a partir de uma perspectiva diferente da escola pública. Termina dizendo que o projeto Palmares foi muito importante, pois possibilitou a superação da deficiência apresentada na escola pública.

Você superou a deficiência dos seus onze anos de estudo que teve na escola pública? O conteúdo ensinado na escola pública não é o suficiente para os alunos desta escola entrarem na universidade pública?

... foi isso mostro em forma de conteúdo também que não foi passado em escola pública, que acabamos vendo lá, a forma com que eles passavam lá no Palmares, que você tentava né que era antes de começar a aula com aquela questão motivadora sabe, aquele ritmo de estudo que nós pegamos lá sabe, e mais assim nós sozinhos encontrar pesquisa, pesquisar sozinho, encontrar informações sabe, ir em busca de objetivos sozinhos que vocês trabalhavam.

Kwame (pardo), apresenta novamente a importância do projeto Ação Cultural Palmares para seu conhecimento quando ressalta que esse projeto favoreceu muito mais seu aprendizado do que todo o seu tempo de estudo na escola pública.

A conversa acerca do que o projeto Palmares propiciou aos participantes da pesquisa acabou desencadeando sobre a ação afirmativa: cotas, que vem sendo discutida a sua implantação por instituições universitárias. É de fundamental importância apresentar a posição dos ex-alunos e alunas participantes do projeto Palmares, que também era uma ação afirmativa. Destaco que quatro participantes desse trabalho de pesquisa afirmaram serem contra a essa medida, e apenas um, que também disse ser contra no início da conversa, disse ter mudado sua posição acerca dessa questão, passando assim a ser favorável.

Durante a conversa com Kwame (pardo), discute-se a forma de trabalho realizada no projeto Palmares. Afirmou que foi desconstruído muitos conceitos que ele e outros estudantes acreditavam. Explicou Kwame (pardo) que outros professores quando trabalhavam sobre cotas, utilizavam recursos diferentes, tal como vídeos e construíam as aulas sobre o assunto, aos poucos, em cima de datas e dados sobre os negros. E disse ainda que no projeto era discutido o assunto a partir do que está sendo colocado no cotidiano, inclusive a partir da pergunta: Cotas é algo bom ou ruim? O que vocês pensam sobre cotas? Cotas é apenas uma percentagem para o negro entrar na universidade? Vocês são a favor ou contra cotas? E continua dizendo que a partir dessas questões era desconstruído o que eles alunos pensavam sobre o tema cotas.

Ainda questionei Kwame (pardo): A idéia que você tinha sobre o assunto cotas tinha como base o que lia na revista veja? Nos telejornais da TV globo? Respondeu que sim. Era exatamente por conta disso que foi desconstruído o que pensava. Kwame (pardo) fala que a desconstrução acontecia por conta da diferente maneira de apresentação do tema, cotas, para discussão, e falou que isso incomodava.

Kwame (pardo), você pensa que eu deveria trabalhar de outra maneira o tema? Não foi interessante a maneira que foi feita?

Não, não acho que seria mais interessante, mais se começasse desde o começo dessa forma, que nem eu estou falando pra você, o... chegasse junto e falasse não vamos explica dessa forma, já chegando colocando crítica em cima daquilo...A maioria das pessoas que estavam lá tinham assim opinião sobre isso pela indústria cultural, assim pela revista veja, pelo não sei o que têm, então acabava tendo um argumento, aí você chegava já desconstruindo os argumentos deles aí acabava com eles.

Acabei com a opinião que vocês já tinham e que era fortalecida pela mídia?

“Com certeza daí, você destruiu os argumentos deles que já tava fazendo um ano entendeu? Ai você chega, e um ano trabalhando com isso chegá-la e desconstrói”.

E continua ele dizendo que outros professores do projeto trataram com imparcialidade acerca da temática cotas, pois não se posicionavam nem a favor ou contra.

Expressa tal fato da seguinte maneira:

É aquilo que falei eu sou contra, sou contra, eu acredito na minha concepção de pensar é aquilo que eu falei pra você, deveria começar fazer projetos pra pessoas carentes, pros pobres ali, e ali estaria ajudando aos negros entrar na universidade daquela forma, ou tanto você melhorando o ensino público pra fica igual ao ensino particular...ou você, além de ajudar melhorar o ensino público dar cursinho pra pessoas carentes entendeu? Ali você estaria ajudando os negros, dessa forma você estaria trazendo mais (pausa) traria racismo também.

Percebe-se, na fala de Kwame (pardo), que o discurso que vem sendo veiculado pela mídia brasileira atinge com muita força as pessoas na sociedade, pois basta observar noticiários, acerca do tema cotas, que será presenciado exatamente o discurso que falou Kwame (pardo). E continuou ele dizendo que:

Eu acho que você voltaria discutir mais o racismo, voltaria discuti mais essa parte do negro e branco, o negro ia acaba entrando na escola pública e seria discriminado também. Eu acho isso ia continuar sendo discriminado, mesmo...estando lá dentro, eu não sei ele ia consegui acompanhar o ritmo, ou se ele não ia conseguir acompanhar o ritmo da escola pública.

É interessante ver como se reproduz na fala de Kwame (pardo) o discurso veiculado pela mídia escrita, falada e televisiva e que, raramente, é superada até mesmo

por pessoas que trabalham contra essas formulações ideológicas, que acabam prejudicando a discussão dessa questão que é importantíssima tanto para brancos e negros.

É nesse mesmo sentido que durante a conversa com Knosi (parda) ela me falou que entrar no projeto Palmares seria a prova de sua inteligência, seria mostrar a si mesma que poderia estar lá. Você queria mostrar que você é inteligente? Você não se achava inteligente?

Não, eu sempre senti, mas sabe sei lá faltava..., sei lá, acho que eu buscava no estudo...minha realização pessoal o reconhecimento das pessoas sabe por ser negra em estar lá, tem poucos lá e eu passei por merecimento, e estou lá.

Não foi por cotas, foi porque eu mereci, que eu fiz a prova e passei estou lá dentro e foi por mérito meu estudei e passei entendeu?

Então, você não é a favor de cotas é isso? Porque?

Não. Assim eu não concordo é uma coisa meio assim meio difícil de discutir. Porque assim pensar por um lado tem cotas para deficientes físicos cotas pra isso, pra aquilo, pensar por este lado assim porque não pra negro? Sempre fuderam com eles sempre sabe, porque não porque agora só porque é negro vai tratar mal.

Deficiente físico tudo bem tem dificuldade tudo, tem dificultado o acesso na biblioteca que pode não ter estrutura para ele lá tal, mas é cabeça vestibular... inteligente pra isso dá entendeu?

Knosi (parda), diz que é a favor de cotas para deficientes físicos e explicita o porque disso, e ainda fala que os negros até teriam direito por conta do que se fez com eles ao longo de nossa História, e termina dizendo que vestibular é uma questão de cabeça, o que entende-se aqui como conhecimento, estudo.

E Knosi (parda) continua a falar que:

Pra passa porque tem que ter cotas pra eles? Não pode ter cota pra negro, porque só negro gera tanta discussão assim?

Por outro lado, eu não queria passar por cota, pra não chegar lá alguém me apontar e falar assim, tá aqui mesmo por causa de cota né entendeu? Tipo alguém olhar pra mim e falar assim você não teria capacidade de estar aqui se não fosse cota por isso que eu não sou a favor.

Knosi como formou essa opinião foi pela televisão, jornais, revistas?

Também pelo jornal né, também assim como é mérito vestibular pra passar numa faculdade, eu também não acharia justo assim, tipo como mostrou uma vez na tv, uma pessoa que fez mais ponto que eu estar no lugar dela, porque eu tava no esquema de cotas eu vi um caso na TV foi assim.

O que percebe-se na fala de Knosi (parda) é exatamente a aceitação do que presenciou em um jornal apresentado na televisão, onde ela acatou como uma verdade absoluta o que foi apresentado no discurso dessa reportagem, sem refletir em outra perspectiva para essa questão.

No projeto Ação Cultural Palmares discutiu-se cotas? *“Sim”*. E mesmo discutindo cotas sua opinião que permaneceu foi essa? *“Pra mim ficou, mas como eu te falei tem alguns pontos que eu concordo outros não”*. Knosi (parda), você acredita que passar no vestibular é uma questão de mérito mesmo? *“Sim”*.

Então aquele aluno que estuda na escola pública que não pode pagar um curso de redação, de línguas tem a mesma chance de um aluno que teve condições de fazer e estudar da pré-escola ao ensino médio em uma escola particular? Aluno este que ao sair do ensino médio, muitas vezes melhor preparado que os alunos que estudaram na escola pública e que irão prestar vestibular e entrar nas universidades públicas estaduais e federais? Já que estudaram a vida toda na escola particular, porque esses não concluem também o ensino superior em faculdades particulares?

Não, não assim que foi oportunidade então né, você tá me provocando já hein! Assim óh deixa eu tentar te explicar! Como eu te falei tem pontos que eu concordo tem pontos que eu não concordo em cotas. Eu acho assim que ao invés de cotas, falando da questão da oportunidade, deveria ser dada estrutura tipo Palmares, tipo outros cursinhos entende? Popular... Sempre teve isso...igual ali entendeu? Em vez de simplesmente tentar sei lá tapar esse buraco que se formou ai grande, dando oportunidades para alguns colocando alguns lá dentro. Knosi (parda)

Knosi (parda), Qual origem das cotas? *“Pelos 2% de negros na faculdade”*.

Diante de sua reflexão que passa pela História qual é sua opinião sobre cotas, mesmo pensando que essa opinião pode estar influenciada pela mídia?

Pode ser na verdade, mas mesmo assim eu não gostaria de entrar por cotas, não sei se é porque eu tive a oportunidade de fazer um cursinho assim como o Palmares.

Já Kofi (preto), outro participante desse projeto, manifestou sua posição acerca da questão cotas, quando, na conversa com o pesquisador dizia que eu enquanto professor apresentava posição contrária a de outros professores do projeto.

Perguntei-lhe então: Quando você diz contrária, fala sobre a posição que tinham em relação a cotas, que você afirma que poderia cair o nível de ensino nas universidades, idéia essa que é veiculada pela mídia e minha explicação ia para, além disso, e vocês não entendiam seria isso?

Então a gente entendeu isso certo tal você falava isso, vinha outros professores e falavam o contrário, que vai ter um vestibular separado só pra negros, desses negros quem for o melhor vai ingressar entendeu? Não vai ser um vestibular assim igual que eu vou fazer com os brancos e tal, se eu fizer assim, se eu não tiver uma nota igual a deles, eu vou pegar e vou sair e vou fazer com outros negros e se eu for melhor aí eu vou ingressar na faculdade.

Percebe-se, em sua fala, que os alunos se preocupavam com as regras para aquisição de cotas e não o porque chegaram-se a essas ações afirmativas.

Interroguei-lhe: Então por conta dessas idéias, você é contra cotas, existia idéia divergente entre os professores?

Não acho que existia uma divergência é que cada um vinha e tratava de um jeito certo? Por exemplo: Hoje a gente tinha aula com o (...) ele ia entrar no assunto ele tratava de um jeito, por exemplo: Na terça tinha com você, você ia e tratava de outro jeito certo? Então a gente não tinha certeza, por exemplo: O... falava assim não... por isso daí o nível da universidade vai cair, não são todos os negros que vão dar continuidade assim, não vai ter tempo de estudar de fazer o que tem que fazer trabalho e tudo, então vai cair o nível aí tal tudo bem a gente formulava isso na cabeça a gente era contra, aí depois vinha você falava não porque o negro não teve oportunidade não tem a mesma oportunidade que o outro teve de estudar em escola particular isso e aquilo tudo bem.

Percebe-se que os alunos buscavam um consenso, uma verdade única e diante das divergências, por conta de posturas diferentes dos professores, eles sentiam-se

perdidos. Fator que levou-me a questionar: A minha fala desconstruía o que os outros haviam falado e vocês aceitado como a única perspectiva para cotas? Kofi (preto), falou que foi exatamente isso.

O que esse professor mostrava que justificava a idéia que ele era a favor de cotas?

Ele dizia que era a favor assim pela oportunidade também do negro entendeu? Se não fosse por isso daí assim pelo que ele dizia o negro assim dificilmente iria chegar assim sabe em grande escala em maior escala que existe hoje na universidade.

Qual foi realmente a postura desse professor, ele era a favor ou contra cotas, ou agia com imparcialidade? *“Não então ele pra mim assim na minha opinião eu acho que ele era contra, mas ele colocava o que era bom e o que era ruim”.*

Ele não deixou explicito se era a favor ou contra cotas, diferente do que eu fiz com vocês? *“Isso e ele colocava o que era bom e o que era ruim pro negro na universidade ele deixava pra gente pensar”.* Esse professor não falava se era a favor ou contra cotas para não interferir na idéia de vocês? *“Eu pensava ser isso”*

Falou Kofi (preto), que pensava ser isso, mas afirma na seqüência da conversa que seu discurso era contrário a cotas.

Então lhes choquei quando lhes falava sobre cotas? *“Não é que chocou confundia a cabeça certo? Porque cada dia um falava uma coisa o (H) também tratou disso daí ele era a favor, ele falou que era a favor e ele defendia a cor negra”.*

Quando cheguei tratando em aula das relações étnico-raciais a partir do que conheço pela História vocês se chocaram porque eu ia direto no problema? Aconteceu isso? *“Sim foi isso”.*

Eu chegava direto no problema e outros professores o que faziam?

Eles colocavam o lado assim sabe,... eles não falavam quase nada assim, que eles eram a favor ou contra eles deixavam assim, eles não falavam que eram pró ou contra deixavam a gente pensar. É porque eles falavam que não queriam influenciar na questão eu acho que é errado isso daí.

Kofi (preto), acaba tecendo crítica a postura de imparcialidade dos professores, sob a justificativa de não querer influenciar na opinião dos alunos. Questionei-lhe: A sua idéia sobre cotas: você é a favor ou contra? *“Então eu fico na dúvida por isso você entendeu?”* *“Na dúvida de como será feita”*.

Argumentei que a parte burocrática de como será a aplicação de cotas pelas universidades não iriam contribuir para os objetivos da conversa e que devido à existência da discussão sobre as cotas hoje, se discute relações étnico-raciais nas escolas, mesmo que informalmente por parte de alguns professores.

Kofi (preto), aconteceu essa discussão em algum momento enquanto era estudante na escola pública? *“Não nunca aconteceu”*.

Sempre deixei explícito para os alunos do Palmares que sou a favor de cotas, porém sem querer influenciá-los, mas sim com o propósito de fazê-los pensar sobre a questão.

Ao término do projeto Palmares, você era a favor ou contra cotas? *“A favor”*.
E meu discurso o confundia?

“Eu acho que todo mundo as outras pessoas que você fez entrevista não ficaram”?

Respondi a ele que sim, pois diziam que eu desconstruía a opinião que eles haviam construído ao longo do projeto Palmares. E em sua opinião isso foi ruim?

Não que foi bom ou ruim certo? Eu acho que a gente teve uma visão maior da coisa assim sabe? Porque assim você eles tal entraram tudo falavam, mas que nem você falou eles não sentiram na pele não sabiam o que é isso entendeu? Isso no dia-a-dia.

Quando diz de não terem sentido na pele, Kofi (preto) esta falando da posição da maioria dos professores do projeto Palmares não serem negros e daí não conseguirem ter a percepção da importância da ação afirmativa cotas que esta além do acesso a universidade publica, daí exemplifiquei a ele dizendo que seria o mesmo que acontece

quando discutimos sobre a vida das pessoas que vivem em uma favela, sem nunca termos passado por isso? Termina Kofi (preta), dizendo que era isso mesmo.

- História e Ensino de História

Nesta parte do trabalho descrevo como os participantes vão formando seu pertencimento racial ao estudar História. Trata-se aqui de compreender o Ensino de História ao longo da vivência deles na escola. E começo apresentando quais sentimentos emergiam em sala-de-aula quando eles estudaram História.

Para Zola (preta), se aprende com a História e com a sua própria história, com a História de seu povo. Conta que em sua família sua bisavó contava história para as crianças, e que a História do povo negro contada pela sua bisavó era diferente da que aparece narrada nos livros em que estudou, *“o livro não vai contar tudo o que acontece, entende? O editor não vai falar tudo o que acontecia ali. Que nem o patrão (senhor de escravos) pegava a escrava pra fazer filho né, e o livro não ia falar isso”*.

Zola (preta) falou que não gostava de ouvir a História dos africanos e afro-brasileiros narrada na escola dentro de uma sala de aula e que isso teria sido mais marcante no ensino médio nos anos de 2000 à 2003, falou que nunca teve professores negros em nenhum nível de educação, sendo que estudou na escola pública. Somente teve professores negros quando participou do projeto Palmares e que apenas um dos dois professores negros desse projeto tratava sobre relações étnico-raciais, pois um professor dizia que isso não era importante, pois nunca percebeu o preconceito, a não ser em algumas piadinhas de negros que para ele não tinha importância.

Zola (preta), Existiu tratamento diferenciado dos alunos do projeto com os professores negros que participaram desse trabalho?

Falou-me Zola (preta) que não, que o tratamento fora normal como acontece com professores brancos, que a presença de professores negros no projeto Palmares não era motivo para que eles fossem tratados como inferiores, pois estudaram como professores brancos e por conta de sua formação é que estavam lá, e falou ainda que todos os professores trataram os alunos com respeito.

Zola (preta) prosseguiu falando sobre a História e o ensino de História, principalmente, no que tange a História dos africanos e afro-brasileiros escravizados no Brasil, e narra como sentia-se em sala-de-aula: “... eu me sentia assim com vergonha, eu pedia pra ir ao banheiro pra não assistir aquele assunto entendeu?”. E continua dizendo que o Ensino da História oficial relata somente os fatos ruins, que fazem parte da História do povo negro e esse fator gerava um sentimento de vergonha para ela que é negra. Continua falando que as recordações são acerca dos escravos apanhando, da injustiça feita com os escravos, isso causava nela um sentimento de dor que acontecia com mais frequência quando era apresentada a condição de vida dos negros africanos e afro-brasileiros na senzala.

Para o participante da pesquisa Kofi (preto), o sentimento de dor e vergonha por ser negro era tão forte que assim se expressa:

Nossa a vontade era de entrar de baixo da carteira. Do jeito que eles tratavam entendeu? Eles tratavam o negro como um monstro, assim sabe como se o negro só fez coisa ruim só veio atrapalhar, na minha posição era isso entendeu?

E fala ainda que os professores não apresentavam a História como deveria ser, pois não explicavam sobre o assunto e, da maneira que falavam, somente reforçava a idéia de que o negro fosse mesmo inferior. Afirma que existe uma outra maneira de tratar sobre esse assunto sem ficar dizendo que o negro não servia para nada que só nasceu para ser escravo.

Tal como Kofi (preto), Kwame (pardo) falou que as professoras durante o ensino de História só apresentavam o sofrimento dos negros durante a escravidão, e não apresentavam a resistência negra na História tal fato fazia-o pensar que não houve luta dos negros.

Kwame (pardo), continuou falando que na escola as professoras explicavam o conteúdo e aquele assunto estava encerrado sem um aprofundamento acerca da questão, e ficava chateado pelo sofrimento dos negros, o que aprendia na aula era apenas o

sentimento de dó ao africano e afro-brasileiro. E fala ainda que a professora afirmava que com a abolição legal da escravatura o negro conseguiu sua liberdade, e era igual a todos na sociedade, e que não adiantaria ajudá-lo, pois tinham a liberdade, nada mais poderia ser feito por eles.

Tal relato afirma o mito da democracia racial, e ainda mais uma forma de tirar da sociedade a responsabilidade pela situação que foi relegado os africanos e afro-brasileiros após a abolição legal da escravatura.

Afirmou ainda Kwame (pardo) que a História ensinada na escola só mostrava o negro no trabalho escravo no engenho, e que isso não prejudicava sua auto-estima por não se assumir pertencente ao grupo dos negros. Ressalta, ainda, que não tinha a consciência negra na época dos estudos escolares diferentemente do que acontecia no momento de nossa conversa.

E fez denúncia sobre a via única apresentada na História ensinada enquanto disciplina, fala que o ensino de História não deveria proporcionar apenas o sentimento de pena ao negro, mas mostrar também sua luta, e cita, como exemplo, o Quilombo do Palmares.

Essa idéia de Kwame (pardo), vem das ideologias que fazem pensar que a luta contra a escravidão se deu em um único momento da História, essa perspectiva faz desaparecer toda a resistência dos escravizados imposta desde o início da escravidão.

Percebe-se na fala de Kwame (pardo) os efeitos de uma História que não correspondem com a realidade de luta do povo negro no fazer da História do Brasil, devido a afirmação de Kwame (pardo) o pesquisador lembrou para ele de algumas revoltas que existiram na época do Brasil colonial e imperial, revoltas essas que são relatadas pela História oficial brasileira.

Kwame (pardo) Quando você estudou as revoltas da Balaiada, Cabanagem, Canudos, Contestados, o que você lembra desses fatos históricos? E se tinha em sua lembrança quem fizera parte dessas lutas?

Falou-me Kwame (pardo), que recordava-se desses fatos, mas não quem eram as pessoas que compunham os grupo que participaram dessas revoltas. Acabei lhe explicando no decorrer da conversa que nessas revoltas havia negros, indígenas, pobres e tantos outros, mas a História oficial não destaca essa perspectiva, e assim fortalecia a idéia que ele apresentava. Salientei ainda que essa mesma estratégia era utilizada para esconder na História a resistência dos negros à escravidão. E Kwame (pardo), acabou complementando que a História não mostra a luta do povo negro, e destaca a revolta da inconfidência mineira liderada por Tiradentes, homem branco.

Para Kwame (pardo), o fato de o ensino de História ser aplicado pelos professores brancos, talvez incitava os alunos não negros a fazerem piadinhas, comentários seguido de olhares e risos o que constrangia os alunos negros, e que causava nele a vontade de sumir da sala-de-aula. Fala que os professores tratavam o assunto:

De maneira irônica, não eram professores negros entendeu? Como é oito ou três negros no máximo tratava assim de maneira normal ironizando falando que o negro nasceu pra aquilo, ser escravo e pronto e acabou.

Kofi (preto), tem como sentimento de vergonha quando estudava a História do negro no Brasil, assim como Zola (preta), os sentimentos deles se diferem do sentimento de Kwame (pardo), que falou sentir pena dos negros e de Knosi (parda) que apresenta em sua fala que sentia revolta ao ouvir a História do povo negro.

Knosi (parda), ressaltou que não se sentia envergonhada com a História ensinada, mas sim insatisfeita da maneira como era apresentada para os alunos na escola, cita, como exemplo, contradições históricas que são ensinadas na escola. Relembrou que a lei do ventre livre era impossível de acontecer, pois, em seu entendimento uma criança, não poderia viver sozinha por ter pai e mãe escravos, o que levaria essa criança também a tornar-se escravo. Tece crítica a lei do Sexagenário que, teoricamente daria a liberdade aos escravos com mais de sessenta e cinco anos de idade, argumenta que da maneira que os escravos trabalhavam, mesmo que chegassem a ter este benefício não teriam uma grande expectativa de vida, pois morreriam logo.

Knosi (parda), mostra que já superou a idéia errônea de que as leis que antecederam a lei Áurea trariam algum benefício ao povo negro. Narrativa essa que infelizmente ainda tem se reproduzido no ensino de História. E continua ela dizendo que na escola ensina que a princesa Isabel foi boa para os negros assinando a Lei Áurea, que libertou oficialmente os escravos, e faz uma indagação importante: “*Os escravos iam viver do quê?*” E termina dizendo que continuaria escravo em condição difícil e que a princesa Isabel teria assinado a lei Áurea porque era conveniente a ela assinar naquele momento da História.

Nessa fala de Knosi (parda) nota-se plena consciência que a narrativa histórica da libertação dos escravos, por meio da assinatura da Lei Áurea, pela princesa Isabel, não corresponde com outros fatos históricos acerca dessa questão e continua ela dizendo que aprender essa outra versão da História se torna difícil devido aos professores da escola pública explicar em outra perspectiva essa História, e que durante as aulas eles passam por cima das questões sem aprofundarem o assunto. Tal problemática causava-lhe revolta por saber do sofrimento pelo qual passou os negros escravizados, principalmente quando começou a entender que a História não era bem daquele jeito que estava escrito nos livros, pois há livros que escondem outras visões sobre o mesmo fato histórico.

E continua Knosi (parda) falando que sempre teve o interesse em aprender a História com outra perspectiva que fosse além da apresentada nos livros dessa disciplina, pois a História ensinada na escola era omissa, que o mais importante na escola era tirar nota, e por isso não tinha interesse na disciplina de História. Porém mudou de opinião depois que começou a ter aulas no projeto Palmares, pois conversava mais sobre o que realmente teria acontecido na História e afirma ter aprendido no projeto uma outra História, segundo ela não existia um diálogo com os professores na escola pública por esses serem brancos.

Enfatizou ainda que no projeto Palmares aprendeu uma História que não era camuflada, limitada à datas, o que acontece na escola pública, pois nesse projeto tanto

professores negros como não negros não tinham receio de falar, fato que para ela acontece muito na escola pública.

Diferentemente do que acontecia na escola pública, quando os alunos negros diziam que não queriam ouvir sobre a História do povo negro, argumentou Knosi (parda) que no projeto Palmares aconteceu o contrário, quanto mais os professores falavam mais ela queria ouvir. E salientou ainda que isso aconteceu por ela estar entre pessoas negras.

Essa afirmação de Knosi (parda) é idêntica a de Kofi (preto), quando falou que o fato da presença de pessoas brancas estarem entre negros já é um fator de coerção que prejudica a aceitação da pessoa negra a sua pertença, causando prejuízo a própria discussão acerca dos problemas do racismo, preconceito e discriminação racial, sofrida pelos negros.

Knosi (parda), continuou falando que na escola os professores liam o conteúdo aplicado, e isso sem apresentar explicação que aprofundasse o tema, e por conta disso o conteúdo ficava distante da realidade dos alunos.

É relevante apontar que houve uma mudança na maneira de trabalhar no projeto Palmares, pois deixaram de trabalhar com eixos temáticos e se voltaram para disciplina, tal como acontece na escola pública. Perguntei a Knosi (parda) se havia gostado dessa mudança e ela respondeu que a mudança foi necessária, mas o tempo foi curto, e disse que gostava de trabalhar com eixos temáticos, fazendo pesquisa, mas destaca que essa forma de trabalho não seria suficiente para superação. Segundo ela, havia faltado na escola pública, e falou ainda que para acontecer essa possível recuperação era necessário de três a quatro anos de projeto.

Você pensa que o ensino de História influencia nessas questões que estamos conversando?

...como eu te falei quando você me perguntou se me sentia constrangida, sei lá em falar sobre esse assunto, assim no ginásio eu acho que pesa um pouquinho isso, mas como te falei eles (professores) não falavam e eu queria saber, por isso eu procurei o Palmares. No ginásio eles já não falavam, mas eu queria saber mais, ainda bem que não falou entendeu? Aquela coisa assim não falou então foi melhor assim, aí não ficavam me olhando torto.

Knosi (parda), você sofreu ou presenciou, em alguma experiência na escola, o olhar de colegas de sala-de-aula quando os professores tratavam da História do povo negro?

“Só uma vez Paulo, que tinha um menino negro na sala e a professora foi falar e aí os olhares todos voltaram para ele. Ai ele percebeu né, aí a professora comentou falou gente o que é isso”?

E falou ainda que a professora ficou sem palavras e quando chamou a atenção dos alunos disse que todos eram iguais sem sequer mencionar as diferenças de gêneros, classe, cor e outras existentes entre as pessoas. No entanto, questionei: Somos realmente todos iguais?

Respondeu, Knosi (parda), que nós somos todos diferentes, graças a Deus somos diferentes, que já pensa assim a um tempo significativo, pois somos diferentes em tudo, na maneira de pensar na fisionomia, também nas crenças religiosas e que não somos iguais em nada.

Percebe-se na fala de Knosi (parda) que suas idéias superam a idéia de uma única cultura brasileira. Devido a isso indaguei: No ensino de nossa História não foi ensinado que vivemos em um país monocultural, com uma única cultura? *“Eu não sei, foi ensinado”?* Afirmei a ela que sempre foi passado dessa maneira. Knosi (parda), você acredita que vivemos no Brasil uma única cultura? Respondeu que:

Risos, não né, não, mas é verdade? Você acha que é verdade? Será possível que é verdade, é uma cultura só? Você que religião você segue? (...) eu sou evangélica, a gente tem a mesma cultura? Você aprendeu o que eu aprendi? Você foi ensinado da maneira que eu fui ensinada? Eu acredito no que você acredita? Não você acredita no que eu acredito? Em parte sim em parte não, tua religião acredita em Deus a minha também. Ai eu pego uma pessoa que segue um centro Umbanda vai falar de Deus pra ela, ela têm a mesma cultura que eu? Não!

Knosi (parda), você é descendente de africanos, de religião evangélica, como você vê a Umbanda, o Candomblé que são religiões que tem origem na África e que foram mantidas pelos escravos africanos e afro-descendentes no Brasil?

Falou, Knosi (parda), que respeita as diferenças religiosas e que prefere não discutir se isso é certo ou errado, mesmo sem perceber ela me disse que os deuses da religiosidade africana são do mal e continuou falando que o pastor da igreja que frequenta manifesta-se contra essas religiões, alegando que fazem rituais que prejudicam outras pessoas. Ressaltou ainda que não sente tanto choque com essas religiões, pois entende como uma forma de quem as praticam estarem buscando se encontrar. Portanto respeita e termina dizendo que não tem conhecimento sobre as religiões que tem suas raízes africanas.

A religiosidade de um povo está relacionada a sua identidade étnico-racial. Perguntei-lhe se a escola e o ensino de História valoriza a identidade das pessoas não negras? E falou que: “Muita né, muita porque branco era sempre poderoso, nunca imagina (risos)”. Tem brancos pobres, de outras religiões que não a cristã? “Tem mais na História não fala isso, não fala”. Por que será que não fala?

“Ah sei lá viu. Me explica como professor de História? (risos)” Mas agora estou lhe perguntando, mas, lhe explico depois! “São os brancos que escrevem né (risos)”.

Afirmou-me ela que a História é escrita sob a perspectiva das pessoas brancas, porém que existe brancos pobres também. Questionei se os brancos que escrevem a História são os que defendem os interesses da elite brasileira? E Knosi (parda) respondeu que:

São os brancos que fazem parte da elite brasileira e que eles escrevem a História com a intenção de mostrá-la através do que eles vêem, de seus interesses particulares e que já são pré-determinados com o propósito de atingir um ponto X. Acrescenta que um mesmo assunto da História é apresentado com perspectiva diferente dependendo da editora que produz o livro.

Há livros de História que mostram uma narrativa diferente sobre a escravidão negra no Brasil? *“Pode ser que tenha, mas eu nunca li um”*. Termina questionando-me se conheço algum livro de História que mostre outra visão dos fatos narrados nos livros didáticos. Perguntei-lhe se os conteúdos de História contribuíram alguma vez para que tivesse vergonha de pertencer ao grupo dos negros? Disse que na escola nunca explicou muito sobre os negros sendo que nessa época ela ainda estava perdida sobre qual seria seu pertencimento racial, pois o ensino de História era passado de maneira tradicional.

Complementou ainda que não gostava, no ensino de História, de assuntos relacionados a política, a não ser sobre o período da ditadura militar no Brasil. E o interesse aconteceu somente a partir de uma aula de História que teve na UFSCar por intermédio do projeto Palmares.

Knosi (parda), a História não está relacionada a todo momento em um contexto político, social e econômico? Após o término do projeto Palmares ainda não gostava de estudar História? Então, respondeu que:

Sim é, (risos) fala verdade não, mas eu fui gostando eu fui começando a ler. Geografia também não gosto, História até aprendi a gostar, aprendi a estudar História ai eu era legal porque eu chegava toda empolgada minha amiga falava nossa fiz um trabalho hoje lá no curso muito legal. Porque eu escrevi consegui escrever assim com as minhas próprias palavras sem precisar olhar no texto, copiar um trechinho para poder desenvolver o resto, coisa que eu fazia na escola era isso né, resumindo um trabalho pega isso resumia. Nossa minha realização foi quando eu fiz um trabalho lá da Palestina sem copiar nenhum trechinho, só falando foi curto, foi pequenininho, foi meu primeiro trabalho que eu fiz de verdade, que até então eu só copiava.

É interessante observar nessa fala de Knosi (parda), que sua realização se deu no projeto Palmares, quando pela primeira vez, em sua história de estudante, produziu um texto sem estar presa a cópia do material didático oferecido pela escola. Tal descoberta aparece também na fala de Kofi (preto) que disse:

O que eu aprendi lá no projeto se eu tivesse tido isso daí...depois do ensino fundamental...da 5ª série em diante que a gente já tinha uma potência maior do que é (pausa). Seria totalmente diferente, agora não agora na 5ª série o

que eu vi? Via a parte do (pausa) só fazia resumo pegava uns livros assim, aquele de sociedade feudal só essas coisas né.

Continuou argumentando, Kofi (preto), que a professora não era negra, que teve aula com ela durante três anos na 5º, 6º e na 7º série, e faz crítica a esta postura, dizendo que não aprendeu nada nesse longo período de estudos sendo, que nas aulas de História, fazia somente cópia do livro didático.

Perguntei se a professora explicava o assunto, fazia críticas ao assunto apresentado no livro didático? “*Não nunca fez alguma crítica a narrativa do livro de História*”.

Kofi (preto) disse ainda mais:

Depois que eu comecei a fazer o Palmares, tive maior amplitude sobre isso entendeu? Ai eu vi, eu soube mais da História do negro, que na escola não trata disso, lá falou muito sobre isso, falou sobre a auto-estima do negro, o que ele representa na sociedade, qual o valor dele na sociedade, foi mais depois disso que eu assumi, intitulei mesmo ser negro assim.

Kofi (preto), afirma em sua fala anterior que assumiu seu pertencimento racial depois que passou a discutir sobre a representação do negro na sociedade brasileira no projeto Palmares. Devido a isso, questionei: O que é ser negro para ele?

Assim, saber assim tal como que eu cheguei até aqui, que valor teve isso pro país, o que a gente representa na sociedade, o que mais não se esconde disso. Porque não falava sobre na escola, então falava sobre o negro viche, não podia fala sobre nada né, podia sei lá ficar com vergonha, não sei porque, aí os outros iam rir da gente entendeu? Coisas assim. Então principalmente na escola, eles acham que nem existe a História do negro, só existe a História dos europeus, a História dos Norte Americanos, só isso do negro não.

Encontra-se a denúncia feita por Kofi (preto) que diz respeito a valorização da História dos europeus e dos norte americanos em detrimento da História dos negros na História do Brasil. Kofi (preto), afirmou que mudou sua postura diante das questões que envolvem as relações étnico-raciais.

Em relação ao seu relacionamento com os amigos que não se classificam com a mesma cor que você, diga-me como era antes de você estar no projeto Palmares e agora?

Antes a gente dificilmente conversava assim sobre essa questão entendeu? Porque eu também não tinha informação para tratar com eles, eu sabia assim de alguma coisa que eu lia, alguma coisa assim que via na escola muito raramente, praticamente nada, então eu não tinha assim como argumentar entendeu? Aí depois no Palmares, agora tenho como falar o que aconteceu? O porque de tudo isso, tem como reagir a tudo isso, então antes não tinha argumentos...

Falou-me ainda Kofi (preto) que a viagem à Parati foi um marco em sua vida, pois ele aprendeu muito sobre a História, principalmente quando o senhor Valentim, ancião e líder, no remanescente de Quilombo, contava a História que foi muito diferente da História que sempre havia visto na escola, porque ele mostrava a história que ele viveu quando contava a história dos pais, dos avós, de seus antepassados. É importante salientar que a participante desse trabalho de pesquisa Zola (preta) fez a mesma observação que Kofi (preto).

Também Knosi (parda) falou sobre a importância da História contada pelo senhor Valentim, disse ela que a maneira narrada por este senhor a fez pensar e que foi uma pena que alguns alunos do projeto Palmares ficaram no ônibus. Acredita que eles perderam muito com essa atitude, pois não viram os produtos artesanais, a maneira de se viver na comunidade, exatamente o que valorizou Zola (preta), quando disse que foi muito importante conhecer a História daquele lugar, a cultura daquela comunidade Quilombola.

É relevante ressaltar que para Knosi (parda) os alunos que não participaram ativamente da visita ao Quilombo perderam muito por não terem conversado, se expressado no Quilombo. Argumentou ainda que presenciou uma outra História que ela não teve na escola, achou importante saber da luta da comunidade Quilombola para terem a posse daquelas terras.

Nesse mesmo sentido, Kofi (preto) e Zola (preta), falaram que a História que conheceram no Quilombo foi diferente da que aprenderam na escola e narra que nessa visita, souberam mais sobre a vida dos escravos, quando fugiam para os Quilombos, o porquê de seus descendentes estarem vivendo em um lugar de difícil acesso, que ficou sabendo ter acontecido dessa maneira por conta de uma estratégia de defesa na época da escravidão, e conclui que essa História não aparece nos livros de História.

Para Kofi (preto), durante a visita ao centro histórico de Parati, saber que havia as divisões das igrejas em dos pretos, pardos, das mulheres e dos senhores, eram as marcas do preconceito da sociedade brasileira daquela época. Na escola pública, nunca aprendeu sobre essas histórias e que essas iriam entrar em contradição com o conteúdo ensinado na escola, e era esse conteúdo que sempre quis conhecer enquanto estudante.

É importante salientar que, em outro momento da conversa, Kofi (preto) falou que compreendia a experiência vivida em Parati como uma prática, diferente do que vivenciou ao longo de dois anos no projeto Palmares. Em Parati, teria sido diferente o aprendizado do ensino de História, por ter presenciado as obras construídas por escravos no Quilombo, e na parte histórica da cidade de Parati que, foi para ele, um aprendizado diferente do que sempre tivera na escola pública.

Kofi (preto), falou ainda que aprendeu muito nessa viagem, por estar com mais professores, e que isso facilitava fazer perguntas fato que não acontecia segundo ele na escola, pois usava livros e não tinha explicação dos professores e professoras. Se quisesse entender o assunto tinha que ser sozinho e não era possível saber se aquele conteúdo era certo ou errado por não haver diálogo entre professor-aluno.

Para que serve os professores de História que você teve ao longo de sua vida? Falou Kofi (preto) que: *“Pra mim pra saber como foi a chegada dos portugueses no Brasil só, os professores não tiveram valor nenhum pra mim”*.

Então o ensino de História não lhe serviu para nada? Por quê? E me fale também se você se via na História apresentada pelos professores? Falou Kofi (preto) que:

Não, nunca, comecei ver depois que a gente começou a ter aula, foi com você ainda que a gente começou fazer aula de recuperação lembra disso? Você entrava nos assuntos e tal... a gente falava como foi. Começou com os escravo que vinham tudo mais. Para mim só mostravam assim o que mostrava nas minisséries da globo entendeu?

Então você me diz que apresentei a História tratando do povo negro, o que nunca havia acontecido para você enquanto estudante na escola pública? E a maneira de trabalhar que apresentei, lhe fazia se sentir bem ao ouvir, ou não favorecia nesse sentido?

Falou, Kofi (preto), que foi diferente, pois o pesquisador, enquanto professor no projeto Palmares, não tratava o negro como inferior, o que sempre era passado na escola, e lembrou ainda que foi triste estar em Parati, mas isso também o beneficiou, pois lá percebeu que o negro não era mesmo inferior, e teve seu valor ao trabalhar nas construções que hoje são históricas.

Disse ainda que:

Então o negro não era assim no pensamento de quem mandava eles eram inferiores assim mentalmente, mas no trabalho braçal eles eram muito úteis mostra isso e também conversando lá com o quilombola né ele falando tudo aí dá uma idéia ela dizia assim ele explicou tudo assim como que funcionava e tal o que eles faziam no quilombo o que eram o que eles faziam pra levantar dinheiro o que acontece até hoje venda de doces coisas desse tipo.

Para Kofi (preto), a História e seu Ensino nunca beneficiaram seu pertencimento racial, pois nunca se viu na História. Perguntei-lhe: Depois de fazer parte do projeto Palmares você passou a ver a História de outra maneira?

“Mudou pra mim, conheci a verdadeira História, que serve para mim é a que foi passada lá pra mim essa História aí a que serve”.

O que se vê na fala de Kofi aparece em Fiori (1986, p.3), quando fala que: *“O homem não pode libertar-se, se ele mesmo não protagoniza sua história, se não toma sua existência em suas mãos”.* Exatamente o que aconteceu com Kofi ao assumir sua história de negro, ter consciência que faz História.

E termina dizendo que considerava o pré-vestibular importante, e que não se frustrou por não ter sido aprovado no vestibular, e que o projeto Palmares deixou a desejar nesse sentido, pois no segundo ano desse projeto houve um desespero do grupo em trabalhar visando a preparação para o vestibular, e que com esse foco no trabalho, deixou de discutir relações étnico-raciais. Argumentou que ao entrar no projeto Palmares o que mais queria era conhecer a História do povo negro e:

Se encontrar, era uma busca era sim então eu acho que deveria ser mais levado pra esse lado você entendeu? Não que nem um ano foi tratado e tudo e tal no primeiro ano agora no segundo ano depois das férias deu loucura neles. Dezembro quando voltou nossa a gana deles era vamos fazer um cursinho que isso que aquilo.

E continuou Kofi (preto) falando que a mudança de foco do primeiro para o segundo ano no projeto Palmares não foi boa, pois após a viagem de estudos à Parati tudo mudou, pois: *“Ai todo mundo viu o que era aquilo eu acho que todo mundo ali sabe ali era isso sabe que a gente não via na escola”*. Minha postura enquanto professor nesse projeto, quando ministrava aula e tratava sobre as relações étnico-raciais os constrangiam?

Falou-me Kofi (preto) que constrangia muita gente e continua a dizer que:

É que ninguém gosta Paulo, ninguém gosta que nem eu falei eu também não gostava de ouvir isso eu comecei a pensar assim não ligar mais entender que aquilo lá faz parte de mim foi lá no Palmares, não adianta ficar se escondendo porque a História é essa.

E termina dizendo que essa minha postura no projeto Palmares influenciou na relação professor-aluno, pois os alunos desse projeto apelidavam-me de o *“contrário”*, por ser muito crítico.

Kwame (pardo), quando questionado: Se as Histórias contadas pelo senhor Valentim, no Quilombo, em Parati, da maneira que ele apresentava, era da mesma maneira da História dos livros?

Falou Kwame (pardo) que a visita ao remanescente de Quilombo em Parati possibilitou ver a História de famílias que sofreram e ainda sofrem que lutaram e ainda lutam

e que não é contada na História oficial. Não há um destaque nos livros de História, pois nos livros o destaque é para as pessoas de pele mais clara. E quando algum negro foi destaque na História, não mostra a cor dele, isto é, a uma invisibilidade do ser negro desde o início da História. Fala ainda que nessa visita em Parati, deparou-se com outra realidade totalmente diferente do que conhecia, o que lhe causou um impacto, o que contribuiu muito para seu conhecimento histórico e que essa experiência foi muito melhor do que se ele tivesse uma aula de História na escola.

E continua falando que, ao estudar História, o que se vê sobre o povo negro se resume a escravidão, a luta no Quilombo do Palmares, ao movimento abolicionista, a discriminação sofrida pelo negro, os maus tratos e o sofrimento. Essa é a visão que fica para o aluno do sofrimento do negro que não teria resistido a escravidão. Fala ainda que usam de cautela para não mostrar o negro na História, e a ênfase é somente para as pessoas brancas que lutaram em alguns movimentos sociais, mesmo que nesses tivessem negros lutando, e que a História ensinada dessa maneira faz com que os negros hoje não se comprometam com sua origem, não se aceitem pelo fato do sofrimento no período da escravidão.

Na seqüência da conversa comenta que foi interessante o trabalho realizado no projeto Palmares por conta de ter trabalhado em conjunto com outro professor, durante as aulas de História e Geografia. Ressalta ele que quando foi trabalhado, durante as aulas, com questões acerca das relações étnico-raciais, gerava discussão sobre racismo, preconceito, que afastavam algumas pessoas. Ele percebia quando iniciava-se a discussão e nem todos alunos interagiam com aquela questão que o professor de História e Geografia faziam. Observa ainda que alguns gostavam de discutir outros não, mas para Kwame tal fato favorecia a sua origem, por isso achou muito importante a maneira que era exposta a discussão.

Você diz que nem todos se agradavam com a discussão sobre relações étnico-raciais. Será que não era interessante falar sobre o assunto? Ou isso causava algum

sentimento de dor naquelas pessoas, que por conta disso não queriam ouvir sobre o assunto? Falou Kwame (pardo) que:

“Essa questão era da cabeça de cada um, e que isso ocorria por terem pensamentos diferentes do que defendia os professores”.

Ao trabalharmos algumas aulas diferentes em que tratamos conceitos sobre relações étnico-raciais, com a utilização de músicas, poesia ficou mais difícil o entendimento dessas aulas?

Não, não eu achei uma maneira muito legal de interagir assim... eu acho que colocou aquela música faroeste caboclo né, colocaram pra gente discuti, nossa muito legal, porque é uma coisa não é um tema que você chega assim coloca assim trabalha. Querendo ou não a música todo mundo escuta e acaba já, ta meio que trabalha as pessoas a partir daquilo já começa ter argumentos e assim fica mais fácil render a aula, assim fica mais dinâmica, depois você passo aquela do Racionais Mc's, negro drama... e passou vários estilos de música assim pra gente ta discutindo...

Já para Knosi (parda), por meio de aulas diferenciadas aprendeu a pesquisar o que não acontecia na escola. Acerca do projeto ter sido aplicado no primeiro ano com eixos temáticos de humanas, linguagem e isso teria sido muito interessante, que os professores faziam uma explicação que iam além do texto o que não acontecia na escola e isso a motivava a fazer leituras o que nunca havia feito na escola.

Knosi (parda), fez crítica ao segundo ano de trabalho no projeto Palmares, falando que não gostou tanto da aplicação de conteúdos, que visavam o vestibular, sendo que as aulas começaram a ser aplicada a partir de textos. Termina dizendo que o diferencial para ela foi que no projeto Palmares não estudava somente para tirar nota, o que fazia na escola, e diz ainda que pensava ser mais fácil decorar do que aprender. Ou seja, entende ela que o ensino que tinha na escola não favorecia o seu aprendizado.

Kwame (pardo), outro participante desse trabalho de pesquisa, afirmou que gostaria de aprender outra História diferente da apresentada nos livros escolares que mostram os homens e mulheres comuns apenas a partir de uma realidade difícil que estes passam no dia-a-dia.

Acrescentou Kwame (pardo), que ao visitar a cidade de Parati, fez ter sentimentos opostos, pois achava bela aquela História, mas também sentia dor devido a maneira que os professores explicam na escola a História da escravidão. Fala ainda que a visita proporcionou uma compreensão diferente da História, que, omite outras Histórias e em alguns fatos históricos com a finalidade premeditada de maquiagem, deixar bonita a História.

O que chama de bonito na História, envolve alguns interesses? *“É talvez o interesse dos grandes políticos, das pessoas da alta economia... de grande status...”*. E continua dizendo que a visita ao Quilombo mostrou outra realidade, pois as pessoas que lá vivem, sofrem até hoje. Ressalta ainda que nessa visita presenciou a cultura que não aparece narrada nos livros de História e isso fazia ter sentimento duplo.

Você tinha uma visão de História e depois de Parati, mudou alguma coisa pra você?

Assim, mudou bastante coisa conheci Parati, conheci o Quilombo, porque nós escutamos e não acaba vendo, vivendo aquilo entendeu? Eu nunca tinha ido numa fazenda antiga, num outro casarão antigo vendo onde os escravos moravam né sabe a gente não via isso, a gente estuda, vê que sofreu, mas acaba caindo aquilo em realidade não dá um tapa na sua cara pra você acorda para aquilo né.

No decorrer deste capítulo, pode-se observar como se dá o pertencimento racial de negros a partir do que se vive nas relações cotidianas que se dão na família, na escola e na sociedade, que são permeadas pela discriminação racial e social de negros que passam pela História e seu ensino que emitiram grandes contribuições para nosso entendimento de como se dá sentimento do pertencimento racial de alunos negros, a partir do que se estuda nas escolas, na família, e na vivência em todos os setores da sociedade brasileira.

CAPÍTULO IV

O PERTENCIMENTO RACIAL SE CONSTRÓI EM MEIO AS CONSTANTES TENSÕES HISTÓRICAS

O término da análise dos dados permite-me concluir que a categoria cor de pele é fundamental para compreensão das tensas relações étnico-raciais brasileiras, e que ela tem sido decisiva na aceitação ou não do pertencimento racial dos jovens afro-descendentes. Na realidade, a tensão entre negros e não-negros vem por conta de toda construção histórica que, ao longo de nossos quinhentos e poucos anos de História oficialmente instituída, tem sido permeada de ideologias que colocam à margem negros e indígenas no fazer histórico e cultural brasileiro, com o objetivo de determinar inferioridade desses dois grupos étnicos.

Tal fato reflete-se quando as pessoas têm que responder ao censo demográfico, partindo das categorias de cores, branca, parda, preta, amarela e indígena, previstas pelo IBGE, situações em que pode-se constatar o quão complexo é o entendimento de quem é negro no Brasil.

Segundo Gomes (2003, p.138), no início do século XX:

... o cabelo e a cor da pele passaram a ser usado para atestar a inferioridade racial do negro em relação ao branco, provar a existência do branqueamento, comprovar a miscigenação racial, falar sobre a ambigüidade do mestiço e destacar a presença do preconceito.

Conforme Gomes (2003, p.137), a tez da pele e a textura do cabelo do preto e pardo, provocam relações raciais depreciativas aos negros mostrando assim, o tipo de relações raciais aqui desenvolvidas. Isso fica evidente nos dados apresentados nesta pesquisa, principalmente a partir do que se encontra acerca das discriminações que os negros em particular, aos pardos designados por alguns participantes como mestiços que neste trabalho, diz respeito aos participantes da pesquisa que são filhos de casais formados por pares negro e branco.

É importante destacar que é muito complexo o termo mestiço, e ele pode, em muitos casos, demarcar contradições. Os participantes da pesquisa que se designam como mestiços, mostraram como se deu com eles o embate para que soubessem seu pertencimento racial. Em outras palavras para que pudessem decidir qual o pertencimento étnico racial eles poderiam assumir, já que sofriam discriminação por parte dos brancos, que não os aceitavam como branco; e também dos pretos que não os aceitam como negros, porque os viam como brancos.

Daí se explica a atitude de Knosi, filha de pai negro e mãe branca, que tinha resistência quando seu pai, de maneira carinhosa, a chamava de “*negrinha do pai*”. Apesar do carinho expresso nas palavras de seu genitor, ela não gostava de receber tal alcunha. Este sentimento acontecia quando ela era criança, deixa ficar evidente o preconceito contra a cor da pele da pessoa que não corresponde ao padrão instituído como ideal, ou seja, de cor de pele branca.

Brito (2003, p.187) aponta que, no seio das famílias inter-raciais, a tensão se faz presente e não basta ter relações de afeto para superá-las, exatamente como acontecia na relação de Knosi e seu pai que utilizava a estratégia de valorizar o pertencimento racial de negra da filha, ao referir-se a ela como “*negrinha do pai*”. Tais palavras não surtiam efeito diante das discriminações que Knosi sofria no cotidiano na escola, na rua e outros lugares.

Conforme saliento Brito há necessidade da utilização de outras estratégias nas relações interpessoais, além do afeto para auxiliar as crianças negras a enfrentar a discriminação racial e ao mesmo tempo construir seu pertencimento étnico-racial.

Salienta a autora que é preciso estar atento inclusive no meio familiar, ir à escola dos filhos, verificar se sofrem agressões, fazer elogios a sua aparência física, a cor de sua pele, conversar com os filhos sobre o racismo, discriminação e preconceito racial. Brito (2003, p.105).

Uma das conclusões que leva a presente pesquisa diz respeito a importância de se estudar e compreender a forma como constrói o pertencimento racial dos pardos, ou mestiços como se denominam, neste trabalho.

Importante sublinhar que nesta investigação o termo mestiço não tem conotação que confere a ideologia da democracia racial, isto é de uma constituição física e cultural humana que estaria diluindo o negro, ou de uma soma ambígua entre negro e o branco. Esta ambigüidade mostravam os participantes da pesquisa criando dificuldades para que se identificassem com um pertencimento racial negro ou branco, em virtude de sua pertença ser rejeitada pelos dois lados. Como se vê não trata simplesmente de criar uma nova categoria para realização de estudos, o importante é entender de que forma ocorre a relação tensa entre negros e brancos que alguns pretendiam ser atual no Brasil.

Tratar das relações étnico-raciais é fundamental para os pardos superar a essas ambigüidades criada pela ideologia do branqueamento, da democracia racial e do racismo. É preciso analisar a crueldade dessas relações. Esta conclusão a que levou a análise da fala dos participantes dessa pesquisa foi confirmada quando um jovem pardo de 16 anos que se diz mestiço, estudante do nível médio, que me ajudava com digitação, confidenciou-me que, no final do ano letivo, ao ser feita sua matrícula na escola em que estudava, havia na ficha cadastral um campo solicitando que especificasse a cor do aluno. Quando ele estava preenchendo a categoria de sua cor, pretendia assinalar o campo que especificava a cor parda, mas sua mãe disse-lhe que era branco. O rapaz a contestou pedindo-lhe que olhasse a sua cor parda, mas ela, insistentemente, não deixava que ele se assumisse assim. Falou-me que sabia que não era branco, mas não se reconhecia como negro, pensava ser moreno, porém sua mãe insistia que se aceitasse como branco. Em suma, após ter trabalhado comigo, durante seis meses, disse-me que hoje se assume como negro, levando para sala-de-aula o que aprendeu sobre relações étnico-raciais, quando me auxiliava nesta pesquisa.

Este depoimento que se acresce ao observado nessa pesquisa mostra a necessidade e urgência de levar à discussão, a relação cotidiana entre brancos e negros, com a finalidade que aqueles que tem incertezas quanto seu pertencimento racial possa superá-las.

Aparece nas falas dos participantes desta pesquisa pretos a afirmação de que os pardos não são negros, isso é confirmado pela fala de um participante que se classifica como mestiço, quando disse que acreditava não ser negro porque outras pessoas o chamavam de moreno, no entanto ao olhar a cor de sua pele só dificultava saber qual seu pertencimento racial, tendo como referencial a sua cor de pele.

Fatos como este de certa forma podem ser entendidos no quadro do pensamento de Taylor: (1994, p.45) ao expor que:

A tese consiste no fato de a nossa identidade ser formada, em parte, pela existência ou inexistência de reconhecimento e, muitas vezes, pelo reconhecimento incorrecto dos outros, podendo uma pessoa ou grupo de pessoas serem realmente prejudicadas, serem alvo de uma verdadeira distorção, se aqueles que os rodeiam reflectirem, uma imagem limitada, de inferioridade ou de desprezo por eles mesmos.

Nota-se também que os pretos disseram ter problemas a respeito de saber qual sua pertença quando as pessoas os chamam de morenos. Os pardos afirmaram, durante as conversas, que as pessoas brancas lhes diziam que não eram negros, e sim morenos, mas não brancos, ou seja, os pardos são vistos como pertencentes a um grupo intermediário. Assim, sentiam-se perdidos sem saber qual seu pertencimento racial, ficavam confusos, pois, os não negros diziam que eram morenos e os pretos diziam a eles que eram os únicos representantes dos negros devido a cor de sua pele preta.

Ao relacionar-se com os pretos, os participantes que se denominam pardos disseram que entendem a resistência existente dos pretos em aceitarem eles no grupo dos negros. Observaram que quanto mais escura a pele mais é exposta a atitudes discriminatórias estão as pessoas. Em outras palavras por serem de pele mais clara podem não sofrer as mesmas atitudes, de discriminações, no entanto mesmo que sofrendo menos, sofriam as mesmas atitudes de discriminações.

Na avaliação dos participantes pardos nessa pesquisa quanto mais escura a cor da pele, mais intensas são as discriminações a ponto de levar estas pessoas a desistirem de lutar por sentirem inferiores.

Destacaram que entre integrantes do projeto Palmares os que se diziam pretos não queriam discutir relações étnico-raciais. Tendo em vista minha experiência pessoal, eu enquanto professor do curso e autor desta pesquisa avalio que não querer ouvir ou tratar o tema das relações étnico-raciais, ter haver em tentar evitar a dor de relembrar toda situação vivida por seus antepassados africanos e afro-brasileiros, principalmente pelas manifestações racistas e preconceituosas experienciadas em contextos de conversas que tivemos.

Neste sentido é importante retomar sobre a experiência vivida por Knosi (parda) que se assume mestiça, ela se via pressionada nas relações que mantinha tanto com pessoas negras e pessoas brancas, a identificar-se uma ou outra, tinha vontade de se dizer branca, mas o branco o diziam negra e os negros, principalmente a convivência com os colegas do cursinho Palmares, confirmou a diziam branca.

Esta incerteza a afastava de brincar na rua quando criança, pois se sentia ofendida quando outras crianças a chamavam de negrinha. Além do mais tanto na escola, como na família, tinha reforçado suas incertezas já que tinha irmãos brancos de olhos azuis, desta maneira ela não se via.

Tinha uma amiga branca e conversava com ela sobre relações étnico-raciais e com um amigo negro. Este dizia entender o que Knosi falava, o que sentia acerca de suas incertezas a respeito de seu pertencimento racial. Cabe dizer que Knosi (parda) passou a se designar negra após sofrer um ato de discriminação racial, quando caminhava em uma rua na região central da cidade de São Carlos junto de alguns amigos e amigas do projeto Palmares, momento que se deparou com um grupo de rapazes brancos que estavam em um carro e os chamaram de macacos. Esta experiência de Knosi (parda) é igualmente relatada por crianças negras em trabalho de Fazzi (2004 p.134-135). A partir desse momento e de conversas sobre situações como esta com seu pai e sua mãe, com a amiga branca que a ouvia, ela assumiu o pertencimento racial como negra, descendente de africanos. Passou a aceitar como classificação de sua cor, a parda, o que a inclui, conforme entende, entre negros.

Aos sofrer com o que considerou um forte ato de racismo, Knosi (parda) passou a considerar-se negra. Esta reação diante do ato sofrido coincide como o que afirma, Ferreira (2000, p 71-72) quando fala que existe um estágio de impacto o qual:

...a pessoa vê-se envolvida por uma grande gama de emoções: culpa, raiva, e angustia generalizada, que poderão tornar-se fatores favoráveis, por gerarem grande energia para ação. (...) É um momento muito delicado, em que a ansiedade liga-se à descoberta de que uma outra concepção deve ser desenvolvida, a de “negritude”.

Veja-se como é complexa a formação do pertencimento étnico-racial, numa sociedade racista. Knosi (parda) ao assumir-se negra não aceita mais ser chamada de moreninha, o que passa a compreender como um ato preconceituoso de outras pessoas, que estariam querendo consolá-la por ser negra. E tal fato acontece, no entender dela, porque as pessoas brancas acreditam ser superiores e, além disso, porque o preconceito, estabelecido também pela linguagem cotidiana atribuir á palavra negro, carga pejorativa muito grande. Como se vê em *“A invenção do ser negro: um percurso das idéias que naturalizam a inferioridade de negros”* (Santos. G. 2002).

Knosi (parda), passou a aceitar ser chamada de negra, o que segundo ela, a fazia sentir pertencente do grupo étnico-racial de negros, e ser capaz de discutir relações étnico-raciais, e não aceitar mais brincadeiras que discriminam, em virtude da cor de sua pele.

A experiência dos participantes desta pesquisa, leva a perceber que a partir do momento em que ingressam no projeto Palmares, particularmente diante da possibilidade de discutir relações étnico-raciais, tiveram o conhecimento sobre o real valor dos africanos e afro-brasileiros, na sociedade brasileira. Isso foi fundamental, de acordo com seus depoimentos, para eles assumirem publicamente sua pertença negra e conseguirem debater.

Kofi (preto), discute a temática racial com amigos negros estes diziam que ele era exagerado e sensacionalista. Passou a compreender e a ser capaz de explicar que a atitude dos amigos era fruto do mito da democracia racial, que surte efeitos em pleno século

XXI, levando a afirmarem a não existência do racismo e do preconceito racial, mesmo quando se é vítima deles.

A todo o momento, as conversas com os participantes desta pesquisa foram permeadas pela complexidade existente para aceitação do pertencimento racial dos negros não só por eles, mas pela sociedade. Kofi, afirmou não ter se identificado com os professores e alunos quando chegou no projeto Palmares, por serem minoria as pessoas de pele preta, pois acreditava que os pardos por terem a cor de pele mais clara eram brancos. Destaco que Zola (preta) disse que pessoas negras preferem estar mais com pessoas negras devido não se identificarem com as pessoas brancas. Ainda, segundo Kofi (preto), seus amigos preferem serem chamados de mulatos a negros. Afirma que eles não se dizem negros por terem vergonha e, na maioria das vezes, por estarem entre pessoas brancas.

Como se vê, preponderam ideologias que colocam à margem, como inferior tudo que é negro e como superior tudo que é branco. A supervalorização do branco gera desconforto mais do que isto sofrimento entre os negros, independente de as pessoas brancas agirem ou não com discriminação contra eles. São corpos brancos e negros, expressando as relações étnico-raciais tensas existentes em nossa sociedade, conforme se vê em "*Significações do Corpo Negro*" (Nogueira 1998).

Os participantes da pesquisa contribuíram muito para que eu pudesse ter uma visão ampla de como ocorre a estigmatização das pessoas negras nas relações entre elas e as brancas. Estas influenciam negativa ou, mais raro acontecer, positivamente na aceitação do pertencimento racial dos pretos, mas principalmente dos pardos.

Entende-se então, o porquê da cor da pele ser hoje determinante nos julgamentos do valor das pessoas, em nossa sociedade. Pode-se perceber neste trabalho que a cor preta pode causar sentimentos desde nojo, repulsa a seus portadores, como foi o caso da garota que tinha nojo do avô; como também no caso dos negros que morrem, atingidos pela sociedade racista brasileira que julga que tudo que é negro pessoas e coisas como inferior, marginal e outros atributos negativos. (Loureiro, 2004, pg.76).

Para (Silva, 1987, p.235-236)

A cor da pele não é lembrada pelo negro a cada instante, da mesma forma como não estamos sempre pensando nos membros e órgãos do nosso corpo, a não ser que doam. Portanto, são gestos, insinuações, palavras de outros, brancos ou que não se dizem negros, que magoam, fazem o ferido lembrar da cor da sua pele.

É a partir da desqualificação que sofrem no cotidiano, por conta de sua cor e até mesmo da indumentária, afro, diferente do estilo padronizado pela sociedade que aparece nas falas de pessoas preconceituosas julgamento de que os negros seriam marginais, sem caráter e pobres, como se viu nas palavras do tio de Kwame (pardo), participante da pesquisa.

Tamanha a força das ideologias racistas que os participantes desta pesquisa repetiram, em vários momentos, afirmações que mostravam compartilhar de pensamentos negativos em relação ao seu próprio grupo étnico-racial. Construíram suas opiniões, segundo disseram, baseados em revistas, televisão, jornais escritos e falados que repetem insistentemente serem os negros bandidos, e que são pobres.

As falas dos participantes mostraram que estas situações e experiências coíbem, nos negros a liberdade de poder assumir sua pertença racial, de se verem como descendentes de africanos, Kwame rapaz pardo, contou vivências neste sentido nas relações familiares e no âmbito do trabalho. Destacou o fato de um chefe seu ao contratar um jovem negro, fazer restrições em virtude do jovem afro-descendente que admitia e a seu caráter.

É neste contexto de tensão que se dá a aceitação ou não do pertencimento racial pelos negros. É em meio a toda essa complexidade até aqui apresentada que se dá o pertencimento racial dos pardos, filhos de casamentos inter-raciais e mesmo dos pretos. Ênfase que se dão na dor diante das atitudes discriminatórias, preconceituosas que sofrem no cotidiano até aceitarem, ou não a sua pertença de negros.

Brito (2003, p.106) apresenta uma questão importante acerca de como se dá o pertencimento racial de filhos de casamentos inter-raciais: O que leva os filhos de pai ou

mãe negro com pai ou mãe branco a se identificarem como negros? Como brancos? Como “moreninhos”, como mulatos?

Avançando a questão proposta em Brito (2003), os dois participantes pardos que se designam mestiços, trouxeram exemplos a partir de sua história de vida, que sempre foi intermediada por atitudes de racismo, preconceito e discriminação racial.

Dessa forma, destaco a necessidade de as pessoas que constituem ou constituirão casamentos inter-raciais, estarem conscientes da situação que podem ser expostas seus filhos nas relações familiares, escolares e sociais. Sabendo da existência da tensa relação étnico-racial existente entre brancos e negros no Brasil, digo que os casais que constituirão famílias inter-raciais terão dificuldades para lidar com o sentimento de pertença de seus filhos, e que é importante não se omitirem.

Dai, a necessidade dos pais utilizarem estratégias para romper com as atitudes que, em todo o momento, tentarão impor a seus filhos, ideologias que reforçam sentimentos de inferioridade através da desqualificação física, moral, intelectual, da capacidade cultural e histórica de seus antepassados africanos e afro-brasileiros.

- O pertencimento racial nas relações interpessoais

A experiência dos participantes da pesquisa no projeto Palmares, possibilitou-lhes o rompimento da idéia de uma única cultura, identidade e de valores religiosos. Salientaram que começaram a discutir as relações étnico-raciais, o que não acontecia nas escolas públicas por conta do ensino de História não avançar além do que trazia o livro didático. Não tenho dúvidas de que as relações étnico-raciais devem ser discutidas entre os diferentes grupos de pertença, gêneros, idades, culturas, identidades, classes sociais.

A discussão das relações étnico-raciais está intimamente ligada às questões culturais que são fundamentais em uma sociedade que, ao longo da História, tem sido escrita com a inferiorização de negros e indígenas, a favor de interesses políticos e econômicos de poucos que, por terem o poder de governar, têm se declarado como donos da cultura, da identidade étnica a ser reverenciada, cultuada como ideal, que acaba

tentando se fazer ser reconhecida como perfeita, já que os europeus e seus descendentes se vêem como centro do mundo, como os modelos perfeitos a serem seguidos.

Tal como se viu por várias vezes, nas palavras dos participantes da pesquisa, um dado cultural importante para os afro-descendentes passa pelas religiões de origem africana que sofrem com a intolerância religiosa. A qual atinge os próprios negros tal como se vê nesta pesquisa quando os participantes diziam serem estas religiões do mal. Isto é a ideologia dominante na sociedade, cerceando a ação criadora, induzindo-a a se tornar reprodutora de situações, relações e valores que fortalecem a uns, utilizam a outros e desumanizam a todos. Conforme se encontra em: *A Reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino*. (Bourdieu & Passeron, 1982).

Nas conversas com os participantes da pesquisa, foi possível constatar que as construções ideológicas preconceituosas e racistas contra os negros produzidas ao longo da História são responsáveis para que os negros sintam-se inferiores na sociedade brasileira. Verifiquei que tais ideologias são fortalecidas na escola, na História e no ensino desta disciplina, haja vista que todos os participantes disseram que a História apresenta o negro, nos conteúdos estudados, apenas enquanto objeto de manipulação no período da escravidão.

Os participantes do trabalho explicaram como percebiam isto acontecer; quando na escola estudavam a História. Disseram que os fatos que aparecem nos escritos históricos não representam a realidade da época, pois muitas Histórias não são contadas. Kwame (pardo) falou que a História oficial apaga a História do negro para deixar a História mais bonita, de acordo com interesses alheios aos negros.

Todos disseram que a História oficial destaca possíveis heróis e, Kwame (pardo) falou que quando algum negro tinha condição de ser apontado como herói, a História procurou não mostrar a sua cor com o propósito de continuar fazendo a História somente com a valorização das pessoas de cor branca.

Para eles, a História é escrita por brancos, que a fazem da maneira que lhes convém, isto é, dando destaque para visão de mundo enraizada na Europa. Knosi (parda)

falou que o fato de a História não destacar a presença de brancos pobres se deve ao fato dessa ser escrita pelos brancos com o propósito de não ferirem a auto-estima dos pertencentes ao seu grupo étnico-racial. Esta observação permite identificar postura e atitude semelhante as utilizadas pelo europeu colonizador para convencer seus conterrâneos de sua suposta superioridade étnico-cultural a outros povos criando os zôos humanos. (Blanchard, 2001).

Dessa forma, fortalece a idéia de que os negros não fazem História, pois a História oficial omite toda a resistência de africanos e afro-brasileiros, desde o início da escravidão negra, fato, que como já vimos ainda é veiculado pela sociedade e pelo ensino de História que apresenta apenas as experiências dos negros na senzala, na lavoura, na mineração, nos castigos existentes na época da escravidão, tal como se pode constatar na falas de todos os participantes da pesquisa.

Entende-se, então, o porquê de os alunos negros não se sentirem bem com a História ensinada na escola, e de não quererem se identificar como negro por conta de todo o sofrimento ocorrido, que, segundo um dos participantes, fazem os descendentes de africanos e afro-brasileiros ex-escravizados não querer assumir sua pertença de negros, de descendentes de africanos.

Em vários momentos, disseram não querer ouvir as aulas de História, por sentirem dor e vergonha por serem negros. Kofi (preto) relatou ter vontade de se esconder embaixo da carteira, Zola (preta) pedia para ir ao banheiro, Knosi (parda) e Kwame (pardo) percebiam olhares, risos e outras observações dos outros para com eles. Tais fatos prejudicavam-nos em assumir seu pertencimento étnico-racial, pois reforçava idéias de inferioridade do negro, causando uma relação preconceituosa de alunos não negros em relação aos negros, principalmente quando aconteciam sátiras.

Cabe dizer que o ensino de História tem feito um desserviço para o tratamento das relações étnico-raciais, por conta de fazer com que os negros se sintam inferiores e levar os brancos a acreditar que são superiores. Ki-Zerbo (2003) Por conta do racismo que cultiva o eurocentrismo e que insiste em afirmar uma possível superioridade da

cultura, da identidade étnica, de tudo que tenha origem na Europa e, para isso, se faz uso de uma História de heróis que têm como centro e origem a História a partir do que viveram os europeus.

Os participantes da pesquisa disseram ainda que os professores de História não estavam preparados para trabalharem com alunos negros, pois, não percebiam que a História ensinada na escola trazia-lhes constrangimento por afirmar o preconceito, o racismo e a discriminação racial existente na sociedade, reforçado na escola e, até mesmo na família como naturais.

Sendo também um professor de História, tomando por base minha condição de negro e professor, faço das pistas apresentadas pelos participantes da pesquisa, propostas para que se possa superar essa visão de História de seu ensino que somente faz prejudicar negros, indígenas e mesmo os brancos, já que vivemos em uma sociedade que mesmo rica em sua diversidade étnico-racial e cultural não respeita as diferenças, entre outras de credos, classes sociais, de gêneros e etnias. Entretanto a História tem negado essa diversidade quando se baseia em uma História a partir de uma única perspectiva de visão de mundo.

Isso é reforçado quando os professores de História utilizam o manual didático que traz muitas distorções como a única ferramenta de seu ofício de professor, inclusive colocando os alunos para fazerem cópias deste material, experiência relatada pelos participantes da pesquisa. Como já apresentei neste trabalho, o manual didático apresenta, na maioria das vezes, uma única perspectiva de visão de mundo e para corrigir isso temos, hoje, inúmeras possibilidades oferecidas Internet, bibliotecas, núcleos de estudos, tal como o NEAB⁹.

É bem verdade que as condições de trabalho, de salário dos professores muitas vezes os impedem de fazer essas consultas. No entanto muitos não o fazem porque compartilham com idéias simplificadas, preconceituosas e, as adotam como verdades

⁹ Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro: existente na UFSCar, que tem realizado muitos trabalhos na formação de professores, na perspectiva das relações étnico-raciais.

completas e absolutas, sem duvida alguma isso prejudica seus alunos e a si próprio, reforçando intolerância falta de compreensão o que não tem nada de educativo.

Outro ponto útil para o ensino de História que a pesquisa mostrou diz respeito à importância de conversar com pessoas negras e até não negras que conhecem a História de descendentes de africanos, de se fazer visitas em bairros históricos, cidades, Quilombos, monumentos, museus, e outros lugares de memória¹⁰ da população negra. Como se viu, neste trabalho, a visita a Parati, revelou, aos alunos, participantes dessa pesquisa, que os negros não eram e não são inferiores, perceberam isso a partir do que ouviram nas conversas com os quilombolas sobre a História do negro e do que eles viram nas construções históricas daquela cidade.

Portanto, sugiro que os professores de História utilizem a possibilidade de estar com seus alunos em lugares históricos. Sei que algum professor pode questionar acerca da impossibilidade de visitarem um remanescente de Quilombo ou uma cidade histórica para mostrar a brancos e negros que o negro não carece de inferioridade física, moral ou intelectual, pois a incapacidade que muitos acreditam ter o negro na sociedade é fruto de ideologias.

Veja-se o exemplo dos alunos do projeto Palmares revelarem ter conseguido enxergar que o negro não era inferior, quando descobriram que foram eles que fizeram as construções históricas existentes na cidade de Parati, onde muitos negros eram pedreiros, construtores, dentre tantas outras funções.

Não restam-me dúvidas da importância de fazer visitas a cidades históricas, praças, edifícios públicos e monumentos diante da oportunidade de desenvolver uma aprendizagem para sua vida, para sua futura atuação como cidadão. É importante que os professores saibam que mesmo não tendo a possibilidade de uma visita a um lugar histórico, há possibilidades de superar a visão eurocêntrica presente na História, não

¹⁰ Lugares de memória: “São, no dizer de NORA (1997, p.28-29), como que registros que restaram do passado, objetos, monumentos, datas comemorativas, são testemunhos de épocas passadas e vividas. Os lugares de memória “nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso manter arquivos!, celebrar datas (Conceição 2001, p.36).

precisamos estar em uma cidade histórica e outras localidades que remetem ao processo histórico para que nossos alunos se dêem conta de que o negro continua sendo construtor, ainda hoje, na sociedade brasileira.

É necessário relacionar fatos históricos à História que se escreve agora, pois não escolhemos a época em que vamos nascer, ou onde nascer, mas podemos tomar os rumos de nossas ações, a partir de um aprofundamento crítico, que possibilite avançar além dos fatos históricos tratados numa única perspectiva, o que dificulta perceber que todos nós somos participantes ativos do fazer histórico.

Vejamos um exemplo simples para tal proposta: poder-se-ia começar perguntando aos alunos negros e não negros: Qual o pertencimento racial da maioria das pessoas que trabalham nas construções dos grandes edifícios, das residências luxuosas que são feitas nos grandes condomínios ou bairros nobres? Certamente os alunos irão revelar o pertencimento racial destes trabalhadores que será em sua maioria de negros (pretos e pardos). Desse modo, se o professor tiver sensibilidade poderá romper com a mentira histórica de uma suposta idéia de inferioridade de africanos e afro-descendentes.

Pode-se tomar também outros exemplos: apresentando aos alunos que muitos negros trabalham ainda hoje na lavoura de cana-de-açúcar, na produção de açúcar e álcool, nas indústrias de alimentos, automobilísticas entre outros setores.

Temos também pessoas negras que se destacam em diferentes áreas e quase sempre a sociedade procura eliminar o seu papel desempenhado, tal como o Engenheiro André Rebouças, Luis Gama estes em outros tempos e na atualidade temos a professora Raquel de Oliveira, Solano Trindade, o poeta e professor Cuti, o Ministro do Superior Tribunal Federal Joaquim Barbosa, o Senador Paulo Paim.

Para uma melhor elucidação do que se propõem, apresento uma experiência pessoal que aconteceu aqui em São Carlos, quando tive a oportunidade de visitar por quatro vezes uma fazenda histórica que mantém em sua sede a senzala, onde inclusive encontra-se o tronco com suas correntes e a casa grande, lugar onde se encontra um museu.

Durante todas as visitas que fiz a esta fazenda, os proprietários que geralmente apresentam os lugares aos visitantes, ou os guia turísticos desta, acabavam por apresentar uma História com a mesma visão dos livros didáticos, com uma idéia de escravos inferiores. Sei que muitos professores também têm levado alunos de escolas da cidade e da região para visitar esta fazenda e que por conta dos professores terem uma formação eurocêntrica de História muitas vezes não conseguem avançar para uma nova visão de mundo, que possibilite a superação das ideologias que atravessam cotidianamente o universo escolar, familiar e social dos alunos brancos e negros.

Ao professor, pois, cabe participar da desconstrução do Histórico baseado no racismo. Não nos formamos quando saímos da faculdade e sim a cada dia, tendo consciência da importância de nosso papel no ensino escolar, que lida com uma rica diversidade étnico-cultural, que devem ser respeitadas, daí a necessidade de nós professores estarmos preparados para valorização das diferenças, pois se não as respeitamos, não teremos como ensinar outros a fazê-lo.

Nós professores devemos nos dar conta de que além de professores somos cidadãos históricos, fazemos história, e lidamos com o fazer da História de negros, indígenas, brancos, ricos, pobres, mulheres, homens, crianças, jovens, idosos e idosas entre outros. Por conta disso penso ser fundamental para o professor de História e mesmo de outras áreas de conhecimento romper com a idéia que negro foi e é incapaz, não resistiu à escravidão, não fez e ainda não faria a História, o que é fortalecido se não avançarmos além da História factual, ensinada em sala-de-aula ou mesmo quando visitamos lugares que nos fazem sentir mais próximos a verdadeira História dos negros, descendentes de africanos.

É preciso nos dar conta de que não é suficiente visitar um local que aproxime a História da realidade do aluno, assim como não bastam leis para aplicação do ensino de História e Cultura Africana, pois se o professor não estiver consciente da necessidade de romper com a visão de mundo eurocêntrica, a História dos africanos no Brasil continuará sendo passada com a idéia de história de menor expressão.

É necessário que os alunos se dêem conta que a sociedade brasileira colocou os negros a margem, após o fim da escravidão, a eles que, por mais de três séculos e meio, foram os principais construtores neste país e que por cinco séculos contribuem para tudo:

...o que existe até hoje sobre o vasto território que se chama Brasil... Tudo o que significa luta do homem com a natureza, conquista do solo para habitação e cultura, estradas e edifícios, canaviais, e cafezais, a casa do senhor e a senzala dos escravos, igrejas e escolas, alfândegas e correios, telégrafos e caminhos de ferro, academias e hospitais, tudo, absolutamente tudo, que existe no país, como resultado do trabalho manual, como emprego de capital, como acumulação de riqueza, não passa de uma doação gratuita da raça que trabalha à que faz trabalhar. (Nabuco, 2000, p.33).

E Sabe-se, hoje, conforme as próprias instituições de pesquisa governamentais como o IBGE e o IPEA têm mostrado em suas pesquisas que a maioria das pessoas que vivem em situações desumanas na sociedade brasileira são descendentes de africanos, ex-escravizados.

É imprescindível dizer que os afro-descendentes negros não pedem esmola quando cobra ações afirmativas, principalmente no que tange a cotas no ensino superior, no mercado de trabalho. Questão que envolve interesses de muitos, para não dizer de todos na sociedade. No entanto o resultado que se vê é a mídia veiculando idéias de que o negro sofreria ainda mais racismo se entrar na universidade pública por meio desta medida política. Tal medida não é uma concessão ou benefício, é uma obrigação do Estado brasileiro de reparar os danos que a sociedade lhes tem causado, o que tem sido revelado por inúmeros estudos, inclusive este.

É relevante salientar que alguns insistem no discurso que ação afirmativa, particularmente cotas para universidades públicas é preconceito às avessas, idéia que atinge os próprios negros. Como se viu neste trabalho os participantes desta pesquisa rejeitavam aceitar essa política por sentirem vergonha, e acreditarem no que veiculam alguns órgãos da mídia que em sua maioria defendem os interesses dos grupos que estão

no poder de decidir os rumos da sociedade. Novamente os descendentes de africanos são vítimas dos efeitos das ideologias do branqueamento, do mito da democracia racial que serve como sustentação para manter o racismo, a discriminação racial e social de negros em favorecimento de uma minoria que tem o poder de governar, de usufruir direitos e riquezas.

É preciso dizer que quem deveria sentir vergonha não são os negros, e sim a sociedade brasileira, que é historicamente racista, preconceituosa e que insisti em não querer aceitar que usufrui das riquezas culturais de africanos e afro-brasileiros junto das riquezas materiais construídas com o trabalho escravo de africanos e seus descendentes, por cinco séculos.

Os participantes da pesquisa falaram que a sociedade determina até onde o negro pode ir, pois impõe limites aos negros por conta do preconceito existente. Zola (preta) participante da pesquisa falou que a obtenção de títulos conquistados por meio dos estudos de pessoas negras não os livram de sofrerem com atos de preconceito.

Afirma, ela mostrando conhecimento da conjuntura nacional que o problema do negro está na sociedade racista e não unicamente na questão econômica, pois quem comanda esses fatores é a sociedade. Falou ainda que o reflexo do preconceito existente na sociedade aparece nos trabalhos desenvolvidos por mulheres que hoje trabalham de babá, diarista, empregada doméstica, pois, a maioria das mulheres que fazem esses trabalhos são negras.

Eu pesquisador, homem negro, descendente de africanos digo ainda mais, que não é somente a relação de racismo, mas sim que as mulheres negras continuam fazendo trabalho na casa grande que hoje tem sua sede nos edifícios, nas residências dos grandes condomínios fechados e nos bairros nobres, lugar este que a maioria delas só podem freqüentar quando estão a trabalho. Isto acontecia também na época da escravidão, quando as mulheres que serviam nas casas dos senhores de escravos no final do dia iam para a senzala.

Hoje temos um diferencial, pois, a maioria das mucamas da atualidade vão para os bairros periféricos, para as suas residências, muitas vezes nas favelas, a nova senzala. É preciso dizer que mulheres negras também tem desempenhado outros papéis de destaque nesta sociedade, tal como as intelectuais negras: Beatriz Nascimento, Antonieta de Barros, Teresa Santos, Raquel de Oliveira, Alzira Rufino entre outras.

É fundamental que os professores principalmente de História se conscientizem que esta grande diferença social é reflexo do processo de escravidão, e da escolha desta sociedade em excluir os negros dos direitos de todos os cidadãos e manter relações étnico-raciais baseadas em hierarquias gerada durante a escravidão.

As situações de desumanização dos negros acontecem desde a escravidão, portanto as relações entre senhores e escravos e senhoras e escravas ainda se dão passados cento e dezoito anos de abolição legal da escravatura. As relações patrão e empregado seguem o mesmo modelo, sobretudo quando estes são negros.

Os reflexos e efeitos da escravidão e da mentalidade escravista que o Brasil conserva ainda são evidentes para os negros na escola. Quando se trata da História dos negros junto aos problemas relacionados ao racismo, discriminação e preconceito racial, os estudantes negros reagem com silêncio, choro, medo de morrer por ser negro, expressão o sentimento de dor que os assola.

Ressalto que o fato de apresentar acontecimentos do cotidiano que ocorrem com homens, mulheres, crianças, jovens, idosos e idosas negros tem-se o propósito de mostrar como continuam os negros sendo colocados no tronco quando sofrem violência policial e o cacete tem o efeito do antigo açoite, a favela e quando não a cela se torna a nova senzala. Faço apenas o exercício de mostrar que as relações como aquela entre senhores e escravos continuam hoje e isto se dá com apoio do Estado novamente.

É preciso lembrar que milhões de africanos deixaram na África famílias, trouxeram suas culturas e Histórias e aqui as refizeram e que muitos morreram no trajeto da África para o Brasil, ou em terras brasileiras, lugares estranhos onde eles até seu nome perderam, assim como hoje muitos morrem na terra estranha das periferias, das grandes e

médias cidades deste país, sem direito a dizer que querem, ter vez e voz, já que não pediram para que seus antepassados fossem forçadamente obrigados a vir para cá e sujeitados a condição de escravos e desumanizados.

Hoje, consciente de que faço História, tal como meus antepassados, digo que um dia me senti sem História, sem norte, sem identidade, sem valor, sem querer me identificar com meu pertencimento étnico-racial de negro, por ter acreditado na mentira histórica de uma suposta inferioridade de meu povo.

Concluindo o trabalho de pesquisa, pondero que a superação do eurocentrismo por meio do ensino de História é possível. É o que mostrou os participantes da pesquisa que tinham o objetivo de entrar no projeto Palmares para entrarem em uma universidade pública, mas o fato é que disseram ter também o objetivo de conhecer a História dos seus antepassados, pois buscavam argumentos a partir da História para rebaterem o preconceito o racismo e a discriminação racial sofrida por eles no cotidiano, e principalmente na escola.

Embora decepcionados por não terem sido aprovados para entrarem em universidades públicas, para os alunos o projeto Palmares foi muito importante, pois reconhecem que o fato de terem feito o cursinho, contribuiu para favorecimento de seu pertencimento étnico-racial, proporcionou que tivessem também emprego e acesso a outros cursos de formação.

Salientando o resultado do cursinho que não teve seu objetivo atingido, de certa forma sem ter a intenção deliberada o cursinho conseguiu de alguma medida a superar a situação criticada por Shjuua (1994) de que os estabelecimentos, ou situações de escolaridade de formação oferecem escolarização, mas não educam, já o cursinho não escolarizou, mas fortaleceu, a identidade negra, contribuiu para que os alunos assumissem publicamente seu pertencimento étnico-racial de negros, assim conseguiu educar para relações étnico-raciais.

Todos participantes da pesquisa reconheceram ter havido limitações no cursinho Palmares, no que tange a preparação deste cursinho pré-vestibular, mas falaram

que a experiência acerca das relações étnico-raciais e o favorecimento de sua auto-estima e o reconhecimento da História de africanos, afro-brasileiros e negros foi muito importante, pois eles careciam do conhecimento sobre a História a cultura e identidades de seus antepassados, que segundo falaram nunca era apresentado na escola pública em que eles estudavam.

É importante destacar que a aceitação do pertencimento racial dos participantes da pesquisa se deu através de sentimentos dolorosos, ou seja, quando estes estudam a História e se deparam com olhares, risos, diálogos que os fazem sentirem vergonha, a ponto de omitirem a sua ascendência africana. Ou nos atos discriminatórios que acontecem nos ambientes os quais freqüentam, tais como nos grupos de trabalho, escolares e religiosos entre outros.

Não se pode esquecer que o pertencimento racial de negros, ocorre na relação com o pertencimento racial das pessoas brancas, que por sinal precisam se descobrir como herdeiros materiais de riquezas hoje existentes que custou a vida de negros e indígenas que morreram desde o início do período denominado colonial no Brasil, o que é irreparável enquanto passado. No entanto, não se pode deixar que a História continue a fazer que os não negros acreditem ser donos de tudo o que de mais importante se produziu na História da humanidade, e que os negros e indígenas carreguem o estigma que são inferiores, sem História, ideologias estas sustentadas por meio da desumanização de negros e indígenas, por serem diferentes do padrão instituído ideologicamente como ideal.

É fundamental a renúncia da visão de mundo reduzida a raízes eurocêntrica que se mantém fundada no alicerce imposto pelas ideologias dominantes, baseadas no “eu” que limita-se, inferioriza-se, domestica pela falta de ação, pois ela só beneficia os grupos que tem o poder de governar, que são poucos e que, em sua maioria, são constituídas de pessoas brancas, cristãs e ricas.

Este estudo trouxe importantes reflexões acerca do pertencimento étnico-racial de negros que se forma nas relações com não negros com pessoas de mentalidade embranquecida tal como se vê em Carone e Bento (2002), quando revela a complexidade

existente diante das tensas relações étnico-raciais que se mantêm através de ideologias racistas, preconceituosas e discriminatórias sustentadas há séculos em nossa sociedade. Mostra-se a necessidade e urgência que se discuta com outros diferentes grupos de pertença, a temática racial sem formar grupos que se acham superiores, tal como se fez anteriormente, de nada adiantará a luta pela aceitação das diversidades, se não se der no respeito às diferenças étnicas, culturais e sociais existentes as quais passa à aceitação do pertencimento racial de negros, brancos e indígenas.

É fundamental que negros, tomem, em suas mãos, o reconhecimento de seu pertencimento étnico-racial, não com a visão que carregam estigmas de serem descendentes de ex-escravos, que teriam sido incapazes, inferiores, idéia que é sustentada pelas ideologias que ainda permeiam a sociedade, mas sim como pessoas que tem em seus antepassados orgulho pelo trabalho prestado desde sua chegada como escravizados aos dias atuais, e que a sociedade brasileira e mundial retribui apenas com atitudes de inferiorização que se refletem no preconceito, no racismo e na discriminação racial.

Desejo que esta pesquisa possa colaborar para que os negros tenham condições de aceitarem publicamente seu pertencimento étnico-racial de maneira positiva, para que junto a não negros se constituam na sociedade brasileira relações étnico-raciais diferentemente do que têm sido feito ao longo de mais de quinhentos anos de História oficialmente instituída, uma sociedade mais justa se dá no respeito, no diálogo das diferenças culturais, de gênero, idade, escolha sexual, identitárias e de diferentes visões de mundo que estão fortemente presentes na sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Paulo Sérgio de...et al. **Reflexões Sobre o Ensino de História Frente as Exigências de Um Novo Tempo**. Multiciência/ Associação de Escolas Reunidas-ASSER- vol. 2- número 1-(1997), p-64-69.-São Carlos-SP-Brasil.

BASSO, Itacy.S. **As concepções de História como mediadoras da prática pedagógica do professor de História**. Didática, São Paulo, n.25, p.01-10,1989 (incluído nessa coletânea).

BENTO, Maria Aparecida. **Pactos Narcísicos No Racismo: Branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público**. São Paulo USP, 2002, p.169 Tese (doutorado).Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade. Universidade de São Paulo, São Paulo.

BLANCHARD, Pascal et al. **“Le spectacle ordinaire des zôos humains”** Lê Monde Diplomatique, n° 58. Paris, jul./ago.,pp.40-45. (Série Manière de Voir), 2001.

BORGES, Vavy Pacheco. **O Que é História**. 2ª ed. São Paulo Editora Brasiliense 1986.

BOSI, Alfredo, 1936. **Dialética da Colonização**. Alfredo Bosi. – São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOURDIEU, P & **PASSERON**, J.C. **A Reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

BURKE, Peter 1992. **A escrita da história: novas perspectivas/** Peter Burke (org); tradução Magda Lopes. – São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. – (Biblioteca básica)

BRASIL. Ministério da Educação. **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais/ Brasília: MEC/SEF, 1998.**

_____. **Secretaria de Educação Fundamental Parâmetros Curriculares Nacionais: 5ª a 8ª série, introdução**. Brasília, 1998.

BRITO, Ângela E.C. de. **Educação De mestiços Em Famílias Inter-Raciais**. São Carlos, PPGE / UFSCar, 2003, p. 127. Dissertação (Mestrado em Educação) Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

CARBONARI, Maria. R. **Que fazemos com a história?** In: Nicholas. Davies et al. (org) **Para além dos conteúdos no ensino de História**. Rio de Janeiro: Acess, 2001. p.1-15

CARONE, Iray e **BENTO**, Maria Aparecida da Silva. **Psicologia social do racismo: Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2002.

CASHMORE, Ellis. **Dicionário de Relações Étnicas e Raciais**. São Paulo: Summus, 2000.

CONCEIÇÃO, Regina. **Lugares de memória, espaços de vivências de negros de São Carlos-SP**. São Carlos, PPGE/ UFSCar, 2001, p. 205. Dissertação (Mestrado em Educação) Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

CECIP. Pele Escura, Estrada Dura, Beleza Pura: Desconstruindo o racismo na escola e na comunidade. 2003.

CHAGAS, Conceição Corrêa das. Negro uma identidade em construção. 2ª ed. Petrópolis Editora Vozes, 1997.

CRUZ, Marília B.A. O ensino de História no contexto das transições paradigmáticas da História e da Educação In: NITITIUK, Sônia.(org) **Repensando O Ensino De História.** Questões da nossa época; v.53. São Paulo: Cortez, 1996. p.67-76

CUNHA, JR. Henrique. Textos Para o Movimento Negro. 1. ed. - São Paulo: EDICON, 1992.

_____. **Nós, Afro-Descendentes: História africana E Afro-Descendente na Cultura Brasileira** In:_____ **História da Educação do Negro e outras Histórias.** Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade Brasília, 2005. pg 249-272

DAVIES, Nicholas et al. Para além dos conteúdos no ensino de História. Rio de Janeiro: Acess, 2001.134p.

DOSSE, François. A História em Migalhas: dos “Annales” à “História Nova” François Dosse; tradução Dulce da Silva Ramos; prefácio Elias Thomé Salíba. – São Paulo: Ensaio; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1992.

FAUSTO, Boris. História Do Brasil. 4.ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fundação para o desenvolvimento para a Educação. 1996.

FAZZI, Rita de Cássia. O drama racial de crianças brasileiras: socialização entre pares e preconceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

FERNANDES, Florestan. A integração do negro na sociedade de classes. São Paulo, Ática, 1978. v.1 e 2

FERREIRA, Ricardo F. Afro-descendente Identidade em Construção/ Ricardo Franklin Ferreira. - São Paulo: EDUC; Rio de Janeiro: Pallas, 2000

FIORI, Ernani M. Conscientização e educação. Educação & Realidade. Porto Alegre.v.11, nº1, janeiro/junho de 1986

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREYRE, Gilberto Casa Grande e Senzala.Schimitd-Editor, 1938.

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro - RJ, 1989, Editora Guanabara Koogan S. A.

_____. **Nova luz sobre a antropologia.** GEERTZ, Clifford; tradução; Vera Ribeiro; revisão técnica, Maria Claudia Pereira carvalho – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed: 2001.

GOMES, Nilma. L. Uma dupla inseparável: cabelo e cor da pele. In: BARBOSA, L.M.A. ;SILVA, PBG. E SILVÉRIO, V.R (orgs.). De preto a Afro-descendente. São Carlos: EDUFSCAR, 2003, p.137-150.

HALL, Stuart. Identidade Cultural na Pós-Modernidade, Rio de Janeiro: DP&A, 2003

HENRIQUES, Ricardo. IPEA. Desigualdade Racial no Brasil: Evolução das Condições de Vida na Década 90. Homepage: <<http://www.ipea.gov.com.br>> Acesso em: 29 set. 2002.

HUBERMAN, Leo. História da Riqueza do Homem. 21.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1986

JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO. Disponível em: <http://www.folhadesaopaulo.com.br/aonde.php>. Acesso em: 29 set. 2002.

KI-ZERBO, Joseph. Á Quand L' Afrique? Entretien Avec René Holenstein. Editions de L' Aube, 2003

KREUTZ, Lúcio. Identidade Étnica e Processo Escolar. Cadernos de Pesquisa: Fundação Carlos Chagas. Ed. Autores Associados, n.84, 1992, p.79-96.

LE GOFF, Jacques, 1924 - História e Memória. Tradução Brandão Leite... et al. 3ª. ed. Campinas, SP : Editora da Unicamp, 1994

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: **BURKE, Peter 1992. A escrita da história: novas perspectivas/** Peter Burke (org); tradução Magda Lopes. – São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. – (Biblioteca básica)

LOPES, Ademil. Escola, socialização e cidadania: um estudo da criança negra numa escola pública de São Carlos. São Carlos: EDUFSCar, 1995. 145p.

LOPES, Helena Theodoro...et al. Negro e Cultura no Brasil. Rio de Janeiro: UNIBRADE/ UNESCO, 1987.

LOUREIRO, Stefânie Arca Garrido. Identidade Étnica Em Re-Construção. A ressignificação da identidade étnica de adolescentes negros em dinâmicas de grupo na perspectiva existencial humanista. Belo Horizonte: ed. O lutador, 2004.

MUNANGA, K. (Org.) Superando o Racismo na Escola. Brasília: Ministério da educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2001, (p.7-12).

_____. **Identidade, Cidadania e Democracia: algumas reflexões sobre os discursos anti-racistas no Brasil.** In: Resgate: revista de cultura n°6, dezembro de 1996. Campinas-SP Brasil.

_____. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade Nacional Versus Identidade negra.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NABUCO, Joaquim. O Abolicionismo. Interpretes do Brasil/coordenação, seleção de livros e prefácio, Silviano Santiago - Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000 3v-(Biblioteca luso-brasileira; Série brasileira).

NEVES, Maria. A. M. O aluno e a aula de História In: Maria Aparecida Mamede Neves. **Ensinando e Aprendendo História.** Cap.5 p.27-43 São Paulo: EPU – CNPQ, 1985.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. Significações do Corpo Negro/ São Paulo USP, 1998, p 174 Tese (doutorado) **Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano.** Universidade de São Paulo, São Paulo.

NUNES, Silma do Carmo. **Concepções de mundo no ensino da história** – Campinas, SP: Papyrus, 1996 – (Coleção magistério: Formação e trabalho pedagógico).

OLIVA, Anderson Ribeiro. **A História da África nos bancos escolares. Representações e imprecisões na literatura didática.** *Estudos Afro-Asiáticos*, Ano 25, nº 3, 2003, pp.421-461.

OLIVEIRA, Ivani de L. M. de. **Do Mito da Igualdade à Realidade da Discriminação: Desvelações/ Revelações; Construções/Desconstruções num micro universo de alunos trabalhadores/ São Carlos**, PPGE/ UFSCar, 2001, p.189. Dissertação (Mestrado em Educação) Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

ORTIZ, Fernando. **Etnia Y Sociedad.** Ed. Pensamiento Cubano: Habana, 1993.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira & Identidade Nacional.** 5ªed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PARECER CNE/CP 003/2004. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Conselho Nacional de Educação/CP, aprovado em 10/03/2004

RIBEIRO, Hélcion. **A Identidade Do Brasileiro “Capado, Sangrado” e Festeiro.** Petrópolis, RJ, 1994, Editora Vozes Ltda.

ROCHA, Ubiratam. **Reconstruindo a História a partir do imaginário do aluno.** In: NITITIUK, Sônia.(org) **Repensando O Ensino De História.** Questões da nossa época; v.53. São Paulo: Cortez, 1996. p.47-66

RODNEY, Walter. **Como o Europeu Subdesenvolveu a África.** Lisboa, Portugal: Editora Seara Nova, 1975.

SANTOS, Gislene AP. dos. **A invenção do Ser Negro: Um percurso das idéias que naturalizam a inferioridade dos negros.** São Paulo: Educ/ Fapesp; Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

SANTOS, José Luis dos. 1949- **O Que é Cultura.** 14ª ed. São Paulo: ed. Brasiliense, 1994.

SCHWARCZ, Lílían M. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil - 1870-1930.** São Paulo. Companhia das Letras, 1993.

SHARPE, Jim. **A história vista de baixo.** In: **BURKE**, Peter 1992. **A escrita da história: novas perspectivas/** Peter Burke (org); tradução Magda Lopes. – São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. – (Biblioteca básica)

SHUJAA, Mwalimu J. (1994). **Too much schooling too little education: A paradox of black life in white societies.** Treton-New Jersey: África Word Press.

SILVA, Petronilha.B.G e. **Educação e Identidade dos Negros Trabalhadores Rurais do Limoeiro.** Porto Alegre, UFRGS, Tese (Doutoramento em Educação).UFRGS, 1987.

_____. **Pesquisa em Educação, com Base na Fenomenologia.** Pesquisa em Serviço Social, Associação Nacional de Pesquisa em Serviço Social, v.1, ano 1, Rio de Janeiro - RJ 1990.

SILVA, Thomaz Tadeu da.(org) Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

TAYLOR, Charles. Multiculturalismo. Différence et Démocratie. Paris: Aubier, 1994.

_____.**Multiculturalismo. Examinando a Política de Reconhecimento.**
Tradução, Marta Machado. Para textos e Letras. Priceton University Press, 1994

TEIXEIRA, Francisco M.P Brasil-História e Sociedade. São Paulo: Ed: Ática, 2000.

TELLES, Edward Eric. Racismo à Brasileira: uma nova perspectiva sociológica.
Tradução Nadjeda Rodrigues Marques, Camila Olsen. Rio de Janeiro: Relume Dumará:
Fundação Ford, 2003.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS Disponível em:
<<http://www.emn.ufscar.br/projeto.htm>>. Acesso em: 18/08/2004.

WEDDERBURN. Carlos Moore. Novas Bases Para o Ensino de História da África no Brasil. In:____.Ministério da Educação, secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005 p.133-165. (coleção educação para todos)

Anexo I

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO**

**ANEXO 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO
PARA ENTREVISTA DO QUE TROUXE A PARTICIPAÇÃO EM CURSINHO
PRÉ-VESTIBULAR DE AÇÃO AFIRMATIVA À ALUNOS AFRO-
DESCENDENTES NO QUE TANGE SEU PERTENCIMENTO RACIAL.**

Eu Mayra Camargo

Fui informado (a) de que seria realizada uma pesquisa, com ex-alunos que atuaram como estudantes no grupo do projeto de Ação afirmativa: Ação Cultural Palmares, a fim de investigar sé: "***O ensino de História contribui para afirmação/negação do pertencimento racial de estudantes em cursinhos pré-vestibulares para alunos negros e carentes?***", tendo como pesquisador responsável o Prof Paulo Sérgio de Andrade. Fui convidado a participar de uma entrevista informal, para discutir os conhecimentos e experiências em relação a História e seu ensino para minha vida, permitindo assim a observação do pesquisador de como se dá o meu pertencimento racial de afro-descendente. Também fui informado que durante as entrevistas será utilizado um gravador que gravará toda a conversa. Não haverá riscos ou desconfortos, assim como gastos de qualquer natureza. As informações por mim apresentadas poderão ser utilizadas mesmo integralmente ficando a critério do pesquisador. Como parte deste estudo, meu nome poderá ser utilizado, deixando a critério do pesquisador se assim optar por fazer. Fui informado (a) de que minha participação é voluntária, ou seja, eu só participarei se quiser, e tenho o direito de não responder qualquer pergunta que eu não queira. Terei o direito a esclarecer todas as dúvidas que possam surgir durante o andamento da pesquisa. Declaro estar de acordo com a divulgação dos resultados da pesquisa, através da dissertação de mestrado e artigos em revistas periódicos. Li ou leram para mim as informações acima e tive a chance de esclarecer dúvidas e fazer perguntas sobre esta pesquisa, que me firma respondidas satisfatoriamente.

São Carlos, 29 de dezembro de 2004.

Assinatura do (a) participante Mayra Camargo

Eu certifico que todas informações acima foram dadas à (ao) participante.
Assinatura do (a) pesquisador responsável.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO**

**ANEXO 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO
PARA ENTREVISTA DO QUE TROUXE A PARTICIPAÇÃO EM CURSINHOS
PRÉ-VESTIBULAR DE AÇÃO AFIRMATIVA À ALUNOS AFRO-
DESCENDENTES NO QUE TANGE SEU PERTENCIMENTO RACIAL.**

Eu Ketty Fernanda de Almeida

Fui informado (a) de que seria realizada uma pesquisa, com ex-alunos que atuaram como estudantes no grupo do projeto de Ação afirmativa: Ação Cultural Palmares, a fim de investigar se: "***O ensino de História contribui para afirmação/negação do pertencimento racial de estudantes em cursinhos pré-vestibulares para alunos negros e carentes?***", tendo como pesquisador responsável o Prof Paulo Sérgio de Andrade. Fui convidado a participar de uma entrevista informal, para discutir os conhecimentos e experiências em relação a História e seu ensino para minha vida, permitindo assim a observação do pesquisador de como se dá o meu pertencimento racial de afro-descendente. Também fui informado que durante as entrevistas será utilizado um gravador que gravará toda a conversa. Não haverá riscos ou desconfortos, assim como gastos de qualquer natureza. As informações por mim apresentadas poderão ser utilizadas mesmo integralmente ficando a critério do pesquisador. Como parte deste estudo, meu nome poderá ser utilizado, deixando a critério do pesquisador se assim optar por fazer. Fui informado (a) de que minha participação é voluntária, ou seja, eu só participarei se quiser, e tenho o direito de não responder qualquer pergunta que eu não queira. Terei o direito a esclarecer todas as dúvidas que possam surgir durante o andamento da pesquisa. Declaro estar de acordo com a divulgação dos resultados da pesquisa, através da dissertação de mestrado e artigos em revistas periódicos. Li ou leram para mim as informações acima e tive a chance de esclarecer dúvidas e fazer perguntas sobre esta pesquisa, que me firma respondidas satisfatoriamente.

São Carlos, 28 de dezembro de 2004.

Assinatura do (a) participante Ketty Almeida

Eu certifico que todas informações acima foram dadas à (ao) participante.
Assinatura do (a) pesquisador responsável.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO**

**ANEXO 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO
PARA ENTREVISTA DO QUE TROUXE A PARTICIPAÇÃO EM CURSINHO
PRÉ-VESTIBULAR DE AÇÃO AFIRMATIVA À ALUNOS AFRO-
DESCENDENTES NO QUE TANGE SEU PERTENCIMENTO RACIAL.**

Eu Rodrigo Luis Romão,

Fui informado (a) de que seria realizada uma pesquisa, com ex-alunos que atuaram como estudantes no grupo do projeto de Ação afirmativa: Ação Cultural Palmares, a fim de investigar se: "***O ensino de História contribui para afirmação/negação do pertencimento racial de estudantes em cursinhos pré-vestibulares para alunos negros e carentes?***", tendo como pesquisador responsável o Prof Paulo Sérgio de Andrade. Fui convidado a participar de uma entrevista informal, para discutir os conhecimentos e experiências em relação a História e seu ensino para minha vida, permitindo assim a observação do pesquisador de como se dá o meu pertencimento racial de afro-descendente. Também fui informado que durante as entrevistas será utilizado um gravador que gravará toda a conversa. Não haverá riscos ou desconfortos, assim como gastos de qualquer natureza. As informações por mim apresentadas poderão ser utilizadas mesmo integralmente ficando a critério do pesquisador. Como parte deste estudo, meu nome poderá ser utilizado, deixando a critério do pesquisador se assim optar por fazer. Fui informado (a) de que minha participação é voluntária, ou seja, eu só participarei se quiser, e tenho o direito de não responder qualquer pergunta que eu não queira. Terei o direito a esclarecer todas as dúvidas que possam surgir durante o andamento da pesquisa. Declaro estar de acordo com a divulgação dos resultados da pesquisa, através da dissertação de mestrado e artigos em revistas periódicos. Li ou leram para mim as informações acima e tive a chance de esclarecer dúvidas e fazer perguntas sobre esta pesquisa, que me firma respondidas satisfatoriamente.

São Carlos, 19 de Janeiro de 2005.

Assinatura do (a) participante 

Eu certifico que todas informações acima foram dadas à (ao) participante.
Assinatura do (a) pesquisador responsável.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO**

**ANEXO 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO
PARA ENTREVISTA DO QUE TROUXE A PARTICIPAÇÃO EM CURSINHO
PRÉ-VESTIBULAR DE AÇÃO AFIRMATIVA À ALUNOS AFRO-
DESCENDENTES NO QUE TANGE SEU PERTENCIMENTO RACIAL.**

Eu Satiana Aparecida de Oliveira,

Fui informado (a) de que seria realizada uma pesquisa, com ex-alunos que atuaram como estudantes no grupo do projeto de Ação afirmativa: Ação Cultural Palmares, a fim de investigar se: ***“O ensino de História contribui para afirmação/negação do pertencimento racial de estudantes em cursinhos pré-vestibulares para alunos negros e carentes?”***, tendo como pesquisador responsável o Prof Paulo Sérgio de Andrade. Fui convidado a participar de uma entrevista informal, para discutir os conhecimentos e experiências em relação à História e seu ensino para minha vida, permitindo assim a observação do pesquisador de como se dá o meu pertencimento racial de afro-descendente. Também fui informado que durante as entrevistas será utilizado um gravador que gravará toda a conversa. Não haverá riscos ou desconfortos, assim como gastos de qualquer natureza. As informações por mim apresentadas poderão ser utilizadas mesmo integralmente ficando a critério do pesquisador. Como parte deste estudo, meu nome poderá ser utilizado, deixando a critério do pesquisador se assim optar por fazer. Fui informado (a) de que minha participação é voluntária, ou seja, eu só participei se quiser, e tenho o direito de não responder qualquer pergunta que eu não queira. Terei o direito a esclarecer todas as dúvidas que possam surgir durante o andamento da pesquisa. Declaro estar de acordo com a divulgação dos resultados da pesquisa, através da dissertação de mestrado e artigos em revistas periódicos. Li ou leri para mim as informações acima e tive a chance de esclarecer dúvidas e fazer perguntas sobre esta pesquisa, que me foram respondidas satisfatoriamente.

São Carlos, 27 de dezembro de 2004.

Assinatura do (a) participante Satiana Ap. de Oliveira

Eu certifico que todas informações acima foram dadas à (ao) participante.
Assinatura do (a) pesquisador responsável.

S. Sérgio

Anexo II

A coleta de dados se deu a partir de conversas sistemáticas que foram feitas após algumas perguntas de identificação que aqui apresento: Qual o seu nome? Quantos anos você têm? Você continua estudando? Qual o nome de seu pai e de sua mãe? Qual a cor de seu pai e de sua mãe?

As perguntas desencadeadoras foram as seguintes:

- 1- Como você se classifica, quanto a sua cor: Amarela, Branca, Indígena, Parda, Preta? Ou você acha que sua cor é outra?
- 2- Em que situações vividas na família, na escola, no cursinho, na rua, no trabalho, nas festas você se sente parte deste grupo em que você se classificou?
- 3- Há situações em que você se sinta fora desse grupo? Ou que outras pessoas mostram com palavras ou gestos que você não pertence a este grupo? Por quê? (Explique)
- 4- No cotidiano como é seu relacionamento com os amigos que não se classificam, com a mesma cor que você?
- 5- Na escola, quando você estuda ou estudou História, os conteúdos fizeram você contente, insatisfeito, envergonhado de pertencer ao grupo em que se classificou?
- 6- O que gostaria de ter aprendido no ensino de História?

Anexo III

Unidades de Significado	Temas	Dimensões	Observações